

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

ANDRYA TAYNARA LEAL DOS SANTOS

DISSENSÃO E TRABALHO DE FACE: UMA ANÁLISE DO “NÃO” SOB A
PERSPECTIVA PRAGMÁTICA

PONTA GROSSA

2025

ANDRYA TAYNARA LEAL DOS SANTOS

DISSENSÃO E TRABALHO DE FACE: UMA ANÁLISE DO “NÃO” SOB A
PERSPECTIVA PRAGMÁTICA

Dissertação apresentada para obtenção de
título de Mestre na Universidade Estadual de
Ponta Grossa, Área de Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Lourenço dos
Santos

PONTA GROSSA

2025

S237

Santos, Andrya Taynara Leal dos

Dissensão e trabalho de Face uma análise do "não" sob a perspectiva pragmática / Andrya Taynara Leal dos Santos. Ponta Grossa, 2025.
130 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem - Área de Concentração: Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Sebastião Lourenço dos Santos.

1. Pragmática. 2. Polidez. 3. Estratégias discursivas. 4. Dissensão. 5. Assédio. I. Santos, Sebastião Lourenço dos. II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linguagem, Identidade e Subjetividade. III.T.

CDD: 400

ANDRYA TAYNARA LEAL DOS SANTOS

**DISSENSÃO E TRABALHO DE FACE: UMA ANÁLISE DO “NÃO”
SOB A PERSPECTIVA PRAGMÁTICA**

Dissertação apresentada para obtenção do título grau de Mestre em
Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área
de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 18 de setembro de 2025

Documento assinado digitalmente
 **SEBASTIAO LOURENCO DOS SANTOS**
Data: 27/09/2025 23:16:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Sebastião Lourenço dos Santos - Universidade Estadual de
Ponta Grossa

Documento assinado digitalmente
 **VALESKA GRACIOSO CARLOS**
Data: 23/09/2025 09:12:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Valeska Gracioso Carlos - Universidade Estadual de Ponta
Grossa

Documento assinado digitalmente
 **MARIANA PAULA MUNOZ ARRUDA**
Data: 19/09/2025 09:43:14-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dra. Mariana Paula Muñoz Arruda - Universidade Tecnológica
Federal do Paraná

Dedico este trabalho ao meu orientador e a mim mesma, como forma de sempre, no presente, retomar o passado e acreditar que sou capaz de conseguir cumprir com meus objetivos (mesmo que a longo prazo).

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, agradeço a santíssima trindade, pois sempre que pensei em desistir, forças descomuns invadiam meu ser e tomavam conta de mim, me dando forças para continuar.

Agradeço ao Programa de Pós Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Ponta Grossa (PPGEL - UEPG) pelo incentivo e permanência no mestrado.

Gratidão eterna à aquela que se sacrificou tanto para que eu ficasse no conforto do meu lar somente estudando e não me cobrou em nenhum momento nada em troca. Te amo, mãezinha.

Obrigada por não desistir da minha pessoa e sempre depositar mais coragem em meu ser, meu mestre, Sebastião. Sem você, eu enlouqueceria bem mais!

Agradeço imensamente à professora Valeska Gracioso, por todos os abraços dados em forma de acolhimento, bem como o apoio para que a coleta de dados ocorresse no âmbito acadêmico. Agradeço também a professora Elena Godoy, por aceitar o convite para compor a banca de qualificação, me avaliar com seu rico conhecimento e me ajudar na construção do questionário. Agradeço imensamente à professora Mariana Muñoz por aceitar compor minha banca de defesa e doar um pouco do seu tempo para meu trabalho.

Por fim, mas não menos importante, agradeço a minha pior versão por ter deixado meu caminho tão dolorido e cheio de obstáculos. Cada enfermidade acompanhada do sentimento de fracasso e cada decepção pessoal mês a mês de 2024 me qualificaram a ser mais forte e resiliente do que eu acreditava ser.

RESUMO

Esta pesquisa investiga as estratégias linguístico-pragmáticas utilizadas para expressar a dissensão em situações de recusa e desconforto, com ênfase na dificuldade de verbalizar o “não” diante de interações potencialmente conflituosas, como casos de assédio. Ancorado na Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1987) e nos estudos de Meireles (1999), o trabalho analisa como falantes articulam respostas dissensivas — diretas ou indiretas — visando preservar suas faces sociais e evitar rupturas na interação. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário aplicado a 11 estudantes do curso de Letras da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), com oito situações hipotéticas baseadas no contexto da campanha “Não é não!”. As respostas revelam a predominância de recusas mitigadas, omissões e desvios temáticos, o que evidencia o embate entre a assertividade e a preservação da imagem social. A análise aponta que o ato de negar não se limita à negação explícita, mas também se manifesta por meio de estratégias indiretas que visam reduzir o impacto da dissensão. Os resultados reforçam a importância de compreender como a linguagem atua na negociação de limites, poder e identidade em contextos sensíveis.

PALAVRAS-CHAVE: Pragmática; Polidez; Estratégias discursivas; Dissensão; Assédio.

ABSTRACT

This research investigates the linguistic-pragmatic strategies used to express dissent in situations of refusal and discomfort, with a focus on the difficulty of verbalizing “no” in potentially conflictive interactions, such as cases of harassment. Grounded in Brown and Levinson’s (1987) Politeness Theory and Meireles’ (1999) studies, the work analyzes how speakers construct dissenting responses—whether direct or indirect—in order to preserve social face and avoid interactional breakdowns. Data were collected through a questionnaire applied to 11 students from the undergraduate Letters program at the State University of Ponta Grossa (UEPG), featuring eight hypothetical scenarios based on the context of the “No Means No” campaign. The responses reveal a predominance of mitigated refusals, omissions, and topic shifts, highlighting the tension between assertiveness and the preservation of social image. The analysis shows that the act of denying is not limited to explicit negation but is also conveyed through indirect strategies aimed at softening the dissent. The findings reinforce the importance of understanding how language functions in the negotiation of boundaries, power, and identity in sensitive communicative contexts.

KEYWORDS: Pragmatics; Politeness; Discursive strategies; Dissension; Harassment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Para você: é mais difícil falar um não ou escutar um não?.....	13
Figura 2 - Possibilidades de FTA's - Atos Ameaçadores de Face.....	32
Figura 3 - Panorama dos FTA's.....	92
Figura 4 - Ilustração da classificação dos respondentes por idade.....	93
Figura 5 - Ilustração autoral da média de recorrência de respostas por questionário...	94
Figura B.1 - Questionário 1, frente e verso.....	109
Figura B.2 - Questionário 2, frente e verso.....	111
Figura B.3 - Questionário 3, frente e verso.....	113
Figura B.4 - Questionário 4, frente e verso.....	115
Figura B.5 - Questionário 5, frente e verso.....	117
Figura B.6 - Questionário 6, frente e verso.....	119
Figura B.7 - Questionário 7, frente e verso.....	121
Figura B.8 - Questionário 8, frente e verso.....	123
Figura B.9 - Questionário 9, frente e verso.....	125
Figura B.10 - Questionário 10, frente e verso.....	127
Figura B.11 - Questionário 11, frente e verso.....	129

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Análise geral do questionário.....	55
Tabela 2 - Idade e sexo dos informantes.....	56

LISTA DE SIGLAS

FTA's	<i>Face Threatening Acts</i> ou Atos Ameaçadores de Face
D	Distância social
P	Poder
F	Falante
O	Ouvinte
Q	Questionário
C	Cenário

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
1.1 A TEORIA DA POLIDEZ.....	21
1.1.1 A noção de Face	26
1.1.2 Universalidade das Faces: a Face Negativa e a Face Positiva	27
1.1.3 Face Threatening Acts (FTA's) ou Atos Ameaçadores de Face	31
2 “NÃO É NÃO!”.....	39
2.1 FINALIDADE DO COLETIVO “NÃO É NÃO”.....	44
2.1.1 Breve Recorte Sobre a História do Feminismo	45
2.2 O IMPACTO DA CAMPANHA.....	47
2.3 O “NÃO” SÓ EXISTE SE FOR VERBALIZADO?.....	49
3 ANÁLISE EM PRÁTICA.....	51
3.1 DA METODOLOGIA.....	51
3.2 DAS ANÁLISES.....	54
3.3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS.....	56
3.3.1 Cenário 1 – Carnaval de Rua - Desconhecido → Desconhecido/a [=P, +D]	58
3.3.2 Cenário 2 – Carnaval de Rua - Desconhecido → Desconhecido/a [=P, +D]	62
3.3.3 Cenário 3 – Carnaval de Rua - Desconhecido→ Desconhecido/a [=P, +D]	66
3.3.4 Cenário 4 – Carnaval de Rua - Namorado → Namorado [=P, -D]	70
3.3.5 Cenário 5 – Carnaval em um Clube - Chefe → Funcionária [+P, ±D]	77
3.3.6 Cenário 6 – Carnaval em um Clube - Jovem → Desconhecido/a [=P, +D]	82
3.3.7 Cenário 7 – Carnaval em um Clube - Chefe → Funcionária [+P, ±D]	85
3.3.8 Cenário 8 – Carnaval em um Clube - Jovem → Desconhecido/a [=P, +D]	89
3.4 CONCLUSÃO DAS ANÁLISES.....	92
4 CONCLUSÃO.....	98
REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DA PESQUISA EM FORMATO WORD.....	104
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS.....	108

INTRODUÇÃO

Desde a infância, construímos nosso conhecimento a partir da interação com o meio social, cultural e material que nos cerca. Objetos, pessoas, situações e práticas cotidianas funcionam como mediadores de experiências significativas, que, por sua vez, contribuem para o desenvolvimento das nossas representações mentais e da nossa compreensão de mundo. Esse processo é dinâmico e contínuo, e está profundamente ligado à linguagem — ferramenta central por meio da qual organizamos o pensamento, expressamos intenções, compartilhamos significados e nos relacionamos com os outros.

A linguagem, nesse sentido, não é apenas um instrumento de comunicação, mas também de construção do pensamento. Ela se manifesta por meio de enunciados orais e/ou textuais, permitindo que externalizemos o que internalizamos ao longo de nossas vivências. Assim, ao utilizar a linguagem, não apenas transmitimos informações, mas também revelamos como compreendemos o mundo e como nos posicionamos nele. A maneira como nos expressamos reflete, portanto, não apenas nossas intenções imediatas, mas também o repertório cultural, afetivo e cognitivo que fomos construindo ao longo da vida.

No convívio social, falante e ouvinte não se comunicam apenas para trocar informações, mas também em busca de reconhecimento e validação dentro do grupo em que estão inseridos. Essa necessidade de aceitação social influencia diretamente a forma como nos posicionamos verbalmente. O receio de ser julgado, mal interpretado ou de não ter suas intenções legitimadas pode levar o indivíduo a silenciar-se, adaptar ou suavizar seus enunciados. Em vez de expressar desejos ou opiniões de forma direta, o falante tende a moldar sua fala conforme o que acredita ser socialmente aceitável, adequando-se às normas e expectativas do grupo.

Isso evidencia que a linguagem é profundamente moldada por relações de poder, por convenções sociais e pela constante negociação entre aquilo que se deseja dizer e o que se pode dizer em determinado contexto. A formulação do enunciado, portanto, raramente é espontânea: ela envolve estratégias discursivas que buscam minimizar riscos sociais e preservar a imagem dos participantes na comunicação.

Uma manifestação discursiva bastante recorrente em nossas interações sociais se manifesta na expressão de discordância ao outro, quando o interlocutor

precisa expressar intenções de desacordo, rejeição, contradição ou negação ao discurso do falante.

Ao manifestar rejeição, contradição, negação ou recusa — como ao negar um pedido, recusar um convite ou expressar desagrado —, o interlocutor se vê diante de um desafio comunicativo que exige maior elaboração. Essas situações envolvem uma delicada gestão das chamadas *faces* sociais, já que a oposição ao discurso do outro pode ameaçar tanto a imagem de quem fala quanto a de quem ouve. Assim, são acionadas estratégias linguísticas e pragmáticas que suavizam ou reforçam essas marcas de conflito, permitindo que a divergência seja expressa com menor risco de ruptura na relação social.

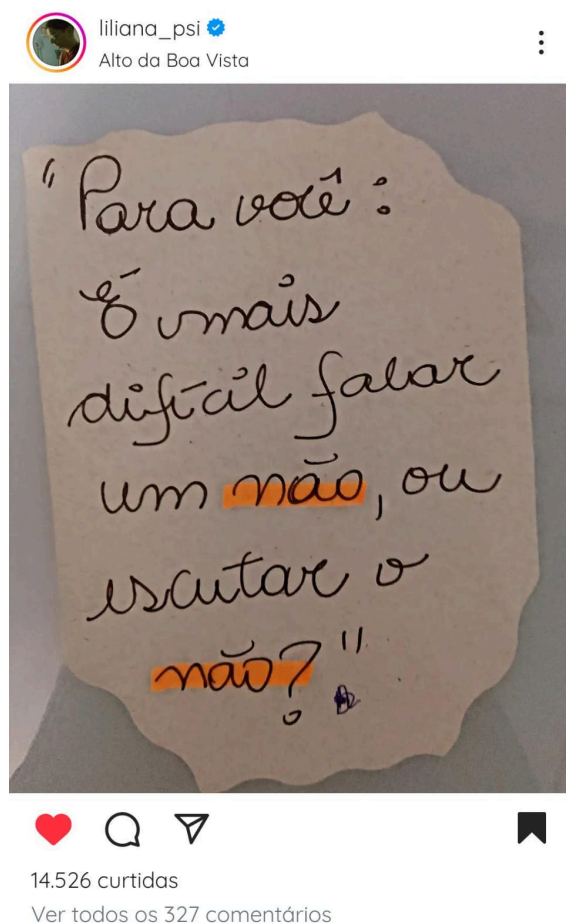
Nossa pesquisa é fruto de uma observação social que se deu em uma conversa em 2022 na Universidade, acerca da campanha carnavalesca “não é não” e a dificuldade em verbalizar um “não” para as pessoas, mesmo quando a renúncia era algo simples. No decorrer da conversa, partimos do ponto de que será que somente quando verbalizada a negação ela se manifesta em nossas intenções ou a manifestamos também quando nos esquivamos de dar a resposta, respondemos algo diferente do que foi solicitado, nos comportamos desviando o olhar e direcionando a atenção do outro a outro ambiente, respostas ambíguas, entre outros atos. Inicialmente, essa conversa se deu para ser uma possível vertente de pesquisa. Entretanto, seguimos nossos estudos em outra linha, e agora, após alguns anos, temos mais ciência da escassez em estudos acerca da diversidade em manifestar a dissensão em uma sociedade e desejamos contribuir com a motivação para entendermos como a linguagem comunica.

A importância de nosso trabalho no âmbito acadêmico é extensa, mas se dá especialmente por ser um estudo que engloba um tema escasso, pois a maioria dos estudos acerca da polidez linguística focam exclusivamente na polidez, e em nosso trabalho, nós optamos focar na Face do falante e do ouvinte, especialmente em uma outra vertente escassa de estudo, ou seja, durante a dissensão na comunicação.

O ato de negar uma solicitação pode, muitas vezes, ser interpretado como rompimento de laços ou ato de afronta, enquanto a recusa recebida pode provocar sentimentos de rejeição ou frustração. É nesse intrincado equilíbrio entre assertividade e aceitação que a palavra “não” se torna um elemento central para o estudo das dinâmicas de poder, respeito e vulnerabilidade nas relações humanas.

Vagando pela rede social *Instagram*, nos deparamos com uma postagem que retomava, de forma provocativa, a discussão acadêmica sobre a negativa. A publicação em questão foi utilizada como ponto de partida para refletir sobre os modos de expressar e receber a negativa nas interações sociais, vejamos:

Figura 1 - Para você: é mais difícil falar um não ou escutar um não?



Fonte: @liliana_psi via plataforma Instagram¹

Esse questionamento apresentado na figura 1 é variável de pessoa para pessoa, pois cada uma cresce em ambientes sociais distintos e com percepções distintas sobre o mundo e que não há certo ou errado quando se trata de vivências. Há quem diga que se sente mais confortável em dizer “não” para uma pessoa conhecida e há quem diga que se sente mais confortável proferir para um desconhecido.

¹Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C7KIBVtvetQ/?igsh=MWlyM2d3YWY5aWgxZw==>
Acesso em: 26 jul. 2024.

Uma justificativa possível para a dificuldade em enunciar uma negativa a alguém conhecido pode estar relacionada à imagem já construída da relação. Nessas situações, há o desejo de manter-se admirado ou valorizado pelo outro, o que dificulta o posicionamento direto. Em contraste, ao interagir com um desconhecido, essa preocupação tende a ser menor, uma vez que as chances de reencontro ou cobrança futura são mínimas.

Por outro lado, indivíduos que sentem mais facilidade em recusar pedidos de pessoas próximas podem agir assim por confiarem na estabilidade do vínculo, o que permite uma posterior reconstrução da imagem, se necessário. Já diante de desconhecidos, como a impressão inicial ainda está sendo formada, é comum que tentem preservar sua Face e evitar constrangimentos, recorrendo a estratégias indiretas para não ofender a imagem do outro.

Comunicar a divergência e impor seus limites pode ser um problema caso haja preocupação exacerbada com a opinião alheia, visto que esta impacta diretamente nas relações sociais e percepções sobre nossa pessoa. Receber a negativa, por sua vez, pode gerar gatilhos de inseguranças e até mesmo sentimento de rejeição do falante para com o ouvinte.

Quanto mais observamos como usamos a linguagem em nossa comunicação, mais estamos diante de uma rica diversidade em estudos que ajudam a compreender o comportamento humano e demonstrar que a linguagem não é algo neutro, mas sim uma expressão do hegemônico e vivo.

Ao discordarmos de algo, estamos em potencial conflito com o outro, já que a comunicação é uma via de mão dupla - no mínimo -, e assim, a pragmática, que estuda como o contexto influencia na linguagem, tem um olhar aguçado para entender quais estratégias linguísticas são usadas para mitigar ou intensificar o conflito e como a linguagem constrói ou desestabiliza relações de poder e autoridade, trazendo nomes e teorias que constroem uma base sólida para os estudos linguísticos.

Neste campo de estudos, temos inúmeros artigos, dissertações e teses que se dedicam a explicar e descrever os mais variados casos de interação linguística que envolvem a polidez na comunicação, como os conceitos de Brown e Levinson (1987).

Brown e Levinson ([1978] 1987)² com a obra “*Politeness: some universals in language usage*”, influenciaram diretamente os estudos da linguagem - especialmente no âmbito pragmático -, tornando o estudo sobre a polidez um dos mais conhecidos, pois a proposta Teoria da Polidez revolucionou os estudos sobre a interação verbal ao apresentar que os falantes adotam estratégias de polidez — positivas ou negativas — para minimizar ameaças face a face durante a comunicação. No próximo capítulo do nosso trabalho contamos com a seção “A noção de Face”, onde apresentamos como a influência de outros autores e estudos se deram para Brown e Levinson, entretanto, vale-se adiantar agora que, para os autores, a “Face” é a imagem pública que desejamos manter e, ao comunicarmos nossas intenções com potenciais conflitos, usamos desta estratégia para preservar/manter nossa Face positiva/negativa ou para preservar/manter a Face positiva/negativa do nosso ouvinte. Com o passar dos anos, críticas foram surgindo à pesquisa de Brown e Levinson, com o principal argumento de ser um estudo tanto etnocêntrico, mas mesmo com as lacunas abertas, a Teoria da Polidez segue sendo uma das bases para os estudos pragmáticos.

Por sermos seres racionais, é natural sentirmos medo da rejeição e, por diversas vezes, optamos por tentar agradar ao outro mesmo quando isso nos deixa desconfortáveis, ferindo assim a Face negativa que temos para prevalecer a imagem positiva socialmente, colocando uma máscara sobre nossa Face e sobre as limitações pessoais.

O estudo da discordância comunicativa está academicamente associado ao conceito de Dissensão, que expõe como os enunciados não servem apenas para comunicar informações, mas atitudes do falante sobre seus pensamentos. A Dissensão remete à atitude de contestação daquilo que o falante considera discrepante e inadequado frente às representações de mundo de seu interlocutor. Por outras palavras: a Dissensão é uma reação de não aceitação das intenções comunicativas do falante a uma suposta verdade de seu interlocutor.

Meireles (1999) é uma das pioneiras no estudo da Dissensão na pragmática, especialmente em contextos interculturais e de ensino de línguas, pois conta com

² O estudo de Brown e Levinson sobre a cortesia linguística foi inicialmente elaborado em 1978, em formato de manuscrito de circulação restrita. Posteriormente, os autores revisaram e ampliaram o texto, publicando a versão definitiva sob o mesmo título — *Politeness: Some Universals in Language Usage* — em 1987, pela Cambridge University Press.

uma produção significativa sobre como o desacordo é tratado em interações comunicativas, com foco particular em diálogos em alemão e português do Brasil.

Segundo Meireles (1999), a dissensão é um fenômeno que:

1. só se manifesta em nível **conversacional**, havendo a necessidade de mais de um falante e de mudanças de turno;
2. é **reativo**, i.e. seqüencialmente subordinado à contribuição anterior do outro falante;
3. é **adversativo**: i.e., refere-se a um recorte do mundo apresentado pelo oponente e é dirigido contra sua apresentação como um todo ou, ao menos, em parte (cf. Corning, 1977: 363 e Spranz-Fogasy, 1986:17)
4. apresenta diversas possibilidades de realização lingüística.
5. introduz um elemento destabilizador e potencialmente melindroso na interação devido a fatores metacomunicativos (cf. Corning, 1977: 362), os quais podem influenciar a sua expressão lingüística. (Meireles, 1999, p. 34-35. Grifos da autora)

A citação de Meireles (1999) traz uma análise minuciosa sobre a Dissensão no contexto da interação verbal, destacando que é dinâmica, relacional e potencialmente conflituosa, além de que apresenta que a Dissensão não é um fenômeno isolado ou individual, mas um movimento discursivo que se constrói a partir da fala do outro e em oposição a ela. Essa oposição, segundo a autora, carrega implicações pragmáticas e sociais, visto que pode afetar o equilíbrio interacional ao apresentar um potencial confronto. Meireles (1999) ressalta ainda que:

No entanto, exatamente essa exceção ilustra muito bem um ponto crucial para Dissensão, a de que os participantes devem divergir, no ponto ou em parte, com referência a um conteúdo. No entanto, o falante discorda ou concorda, na realidade, com **sua própria** representação do conteúdo que o interlocutor procurou expressar ou formular seu enunciado (do interlocutor). Desse modo, o falante discorda aquilo que **ele julga** ser a representação mental de um conteúdo ou a intenção comunicativa do interlocutor. (Meireles, 1999, p. 35. Grifos da autora)

Em suma, a Dissensão pode ser entendida “como uma **atitude proposicional de desacordo** por parte do falante, referente a **conteúdos ou atitudes** imputados por ele ao seu interlocutor” (Meireles, 1999, p. 37. Grifos da autora).

Vale ressaltar que os estudos acerca da Dissensão no âmbito pragmático tanto no Brasil quanto no exterior são poucos e isso se deve, em parte, ao fato de que a pragmática é uma área de investigação relativamente recente, além de que, historicamente, o foco principal dos estudos esteve voltado para os mecanismos de

cooperação e consenso na comunicação. Em nosso trabalho, consideramos a Dissensão como parte de um conjunto estruturante da língua e não como um “desvio” na comunicação, pois consideramos que a comunicação não é somente cooperar, mas impor suas divergências, e dessa forma, buscamos contribuir para o avanço das investigações pragmáticas e ter uma pequena parte em preencher uma lacuna existente nos estudos sobre os aspectos conflitivos e adversativos da interação verbal.

Ao pensarmos em como aceitamos ou não a negativa dos outros e como nós vamos manifestar nossa negativa, partimos de atitudes cognitivas e à luz da Teoria da Polidez (Brown; Levinson, 1987) podemos identificar fatores que influenciam nossa comunicação, como o grau de proximidade ou relação de poder entre nós e nossos interlocutores.

Tendo isto em mente, para a realização da pesquisa nos inspiramos na campanha carnavalesca “Não é não!” - a qual surgiu informalmente no Rio de Janeiro, em 2017 - que teve visibilidade institucional em 2024 em João Pessoa - PB. Para a coleta de dados optamos por abrangê-los em um contexto bem específico: um grupo de 15 estudantes do 4.º ano, turno noite, do curso de Letras Português-Espanhol, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no ano de 2024.

Assim sendo, aplicamos um questionário (no apêndice deste trabalho) contendo 8 situações hipotéticas de interações sociodiscursivas e solicitamos que os estudantes respondessem o questionário conforme responderiam tais situações caso elas viessem a ocorrer na vida real. No dia da coleta de dados, dos 15 estudantes apenas 11 estavam presentes e puderam contribuir com nossa pesquisa.

Como analisar o dissenso implica encarar interações marcadas por múltiplas vozes, nuances de sentido e jogos de posicionamento, que em uma comunicação podem apresentar ocorrências comunicativas que envolvem a ironia, ambiguidades intencionais, tentativas de desestabilizar argumentos alheios e disputas por legitimidade discursiva, um desafio em nosso trabalho, por exemplo, foi captar as interações extralinguísticas - como possíveis olhares, tonalidades vocais, expressões, etc. - com base no escrito, pois não utilizamos gravações audiovisuais. Sabemos da relevância em estudar a Dissensão com base na linguagem corporal

também, entretanto, por falta de tempo hábil para a coleta de dados, optamos por recolher as informações de forma escrita.

A identificação dos estudantes participantes da pesquisa será preservada por questões de privacidade. Esta determinação segue a orientação do Conselho de Ética da UEPG, que se ampara na Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016, do Ministério da Saúde, cujo Artigo 1, parágrafo único, inciso VII, versa:

[...] Parágrafo único. Não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP:

[...]

VII - pesquisa que objetiva o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional, desde que não revelem dados que possam identificar o sujeito (Ministério da Saúde, 2016).

O problema linguístico abordado neste estudo é: como dizer “não” sem, de fato, dizê-lo? Existem diferentes maneiras de comunicar a dissensão, seja de forma direta ou por meio de estratégias que disfarçam ou desviam a negação. Essa dinâmica revela o uso de recursos linguístico-pragmáticos que vão desde atenuadores, desvios temáticos e hesitações, até estruturas indiretamente oposicionais, com o objetivo de suavizar o embate ou evitar o confronto direto com o interlocutor.

A hipótese que norteia o estudo é que proferir um enunciado dissensivo, direta ou indiretamente, exige a elaboração de estratégias conversacionais polidas e impolidas que visam a preservação das Faces dos interlocutores.

Assim sendo, o objetivo geral deste trabalho é: através da Teoria da Polidez (1987), analisar as estratégias enunciativas na produção de atos dissensos.

Temos como objetivos específicos:

- a) classificar as dissensões das respostas dos questionários com base na Teoria da Polidez (1987) identificando qual Face está sendo ameaçada/preservada na interação;
- b) identificar se há a comunicação do ato dissensivo nas respostas ou omissão/fuga dos respondentes em uma situação de conflito;
- c) Descrever (ou explicar) as possíveis estratégias conversacionais produzidas em atos dissensivos, segundo o grau de distanciamento, distância e poder social.

Cabe antecipar que nossa análise, por vezes, apresentará um viés mais descritivo, reflexo da escassez de investigações acerca da dissensão em *Face* no campo acadêmico.

Este trabalho foi estruturado da seguinte maneira:

O capítulo 1 apresentamos nossa revisão bibliográfica acerca da Teoria da Polidez, proposta por Brown e Levinson (1987), a qual utilizamos nas análises na finalidade de classificação das respostas coletadas. Para melhor compreensão, dividimos em quatro partes, sendo: 1) a exposição inicial da teoria, como surgiu e quais estudos a influenciaram diretamente; 2) a noção de Face, que é a peça chave para a Teoria da Polidez; 3) como Brown e Levinson tratam a universalidade das Faces e como surgiram críticas quanto à essa vertente de estudo; 4) os atos que ameaçam as Faces bem como a influência entre Poder e Distância Social interferem diretamente no peso de sentenças entre Falante e Ouvinte.

No capítulo 2, nós descrevemos sobre o contexto ao qual foi elaborado o nosso questionário, fazendo uma breve exposição acerca do carnaval no Brasil, partindo de como é atualmente até sua recapitulação histórica de como surgiu de fato a festividade. Em seguida, apresentamos a campanha “não é não!”, que tem como intuito acolher as vítimas de assédio/importunação sexual, especialmente no contexto ao qual foi instaurada: durante as festividades carnavalescas.

No capítulo 3, apresentamos a metodologia que utilizamos para que a pesquisa se efetivasse, o perfil dos participantes, bem como os cenários com as hipotéticas provocativas para a Dissensão se manifestar. Neste capítulo, apresentamos nossas considerações das 88 respostas coletadas com base em nossas interpretações, apoiados na Teoria da Polidez.

Por fim, apresentamos a conclusão que chegamos ao fim da pesquisa, referências utilizadas, bem como os apêndices A e B.

Vale ressaltar que em nosso trabalho não contemplaremos a discussão de gênero social, embora saibamos da importância das lutas e questões LGBTQIAPN+. Entretanto, por questões de espaço fizemos um recorte no objeto de estudo e optamos por trabalhar somente com a classificação com base no sexo.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nas interações discursivas o falante busca manter a estratégia comunicacional a fim de obter uma coerência em atos comunicativos. Quanto mais claro o enunciado na comunicação, mais se produz um efeito de interesse no ouvinte em se aprofundar no assunto em pauta. **A comunicação engloba fatores linguísticos** - a gramática de uma língua -, **externos** - poder/distanciamento hierárquico perante ao outro - e **fatores pessoais/psicológicos** - se simpatizamos com alguma pessoa ou não. Ao comunicarmos nossas vontades e desejos podemos proferir enunciados que podem ser interpretados tanto como uma ameaça quanto uma valoração da imagem pública do outro.

Ao considerarmos o conhecimento de mundo do outro e não apenas o nosso em um diálogo, promovemos a inclusão e o respeito pela experiência que define o outro como indivíduo social. Dessa forma, valorizamos e validamos o saber alheio, ao mesmo tempo em que enriquecemos nosso próprio conhecimento por meio da troca de informações. O conhecimento, afinal, é um processo de mão dupla, no qual, ao compartilharmos o que sabemos, também adquirimos novas informações.

Tudo que nos interessa, ajuda na efetivação da comunicação, do contrário, não há absorção e relevância no âmbito comunicacional e, para que não haja equívocos em comunicar nossas intenções buscamos estratégias em como validar nossas opiniões e/ou vontades sem que elas possam ter a interpretação equivocada e causar interpretações indesejadas.

Como não existe um sistema de compartilhamento mental absoluto, limitamo-nos a partilhar apenas nossas intenções comunicativas. Portanto, não somos capazes de adivinhar o que o outro está pensando, nem garantir que a interpretação do que expressamos esteja alinhada com o que realmente desejamos comunicar.

Pode ocorrer ainda que, durante a comunicação, percebendo a interpretação equivocada do ouvinte, o falante tente “consertar” a sua fala inicial, o que danificaria a sua imagem primária, pois, imaginem-se em uma comunicação na qual o falante é contraditório: não há credibilidade em suas informações.

Ainda, quando temos a expectativa em comunicar nossos desejos, a fim de persuadir alguém, buscamos a atenção plena do ouvinte, para que nos certifiquemos

de que não somente nossas palavras e enunciados são importantes, mas também nossa presença. Quanto mais assertivo e breve formos na comunicação, mais rápido se consolidará o efeito de processamento de forma clara no ouvinte.

Para que não haja um excesso de equívocos na construção da imagem pública ao comunicarmos nossas intenções, proferimos enunciados que nos permitem ser corteses ou não. Tendo isso em mente, nas próximas páginas discorreremos sobre os pressupostos teóricos da Teoria da Polidez com o intuito de elaborar a base das discussões e explicações sobre nosso objeto de estudo.

Se faz pertinente apresentarmos que, em nosso estudo, optamos por empregar o termo *polidez* quando nos referimos especificamente à polidez linguística, conforme discutida nos estudos pragmáticos, e o termo *cortesia* para designar o uso comum associado a atitudes de gentileza ou boas maneiras no convívio social.

1.1 A TEORIA DA POLIDEZ

O interesse pelo estudo da polidez dentro da linguística, especialmente na pragmática, tem suas raízes nas considerações propostas pelo filósofo H. P Grice. Em seu artigo, *The Logic of Conversation* (1982), Grice parte da ideia de que a principal função da linguagem é a comunicação eficaz e, para que isso aconteça, os interlocutores devem cooperar entre si no ato comunicacional, pois, para Grice, ao proferimos um enunciado, simultaneamente vinculamos algo dito e algo implicado. Desta forma, Grice apresenta o Princípio de Cooperação (PCO), que orienta que cada contribuição em uma conversa deve ser feita de acordo com as necessidades da interação no momento em que ocorre, ou seja, ao interagir verbalmente, espera-se que as pessoas ajam de maneira cooperativa para que a troca de informações seja clara e eficiente. Grice define quatro máximas conversacionais – quantidade, qualidade, relevância e modo – que ajudam a regular como as informações são compartilhadas de maneira adequada, evitando confusões e facilitando a compreensão mútua.

Além dessas máximas, Grice também fala sobre as implicaturas conversacionais, que são as informações subentendidas na conversa, ou seja, o que não é dito diretamente, mas é entendido no contexto. Essas implicaturas tornam a

comunicação mais econômica, permitindo que os interlocutores compartilhem significados sem precisar ser excessivamente explícitos. O Princípio de Cooperação, portanto, vai além de apenas organizar a troca de informações, e está diretamente relacionado ao conceito de polidez, pois envolve uma preocupação mútua de não sobrecarregar a conversa e garantir que ela ocorra de forma fluida e respeitosa para todos os envolvidos.

Dias (2010) enfatiza que “os postulados de Grice foram centrais para o desenvolvimento dos estudos da polidez, uma vez que a polidez, assim como a implicatura conversacional, resultaria da não obediência às máximas griceanas.” (Dias, 2010, p. 32). Além do mais, a autora esclarece que:

Robin Lakoff (1973), desafiando a proposta de Grice, parte do princípio de que as conversações normais do cotidiano frequentemente violam as máximas conversacionais griceanas. Tomando como referência tais máximas, Lakoff sugere que as normas pragmáticas têm preferência, devendo ser incorporadas à gramática para explicar o significado comunicativo de uma sentença e propõe duas normas de competência pragmática: **seja claro** e **seja polido**. Entre essas duas normas, a polidez teria um lugar privilegiado na comunicação, sendo preferida em caso de dúvida. Essa última norma, devido a sua importância, é desdobrada em outras (sub)normas de polidez: **(a) não se imponha; (b) dê opções; (c) faça com que o interlocutor se sinta bem, seja amigável**. (Dias, 2010, p. 32. Grifos da autora)

Segundo Dias (2010), para Lakoff, de maneira mais abrangente, a polidez é como uma função de reforços interpessoais onde buscamos evitar conflitos que ofendam aos demais.

Conforme os apontamentos de Arruda (2010, p. 28), Lakoff (1973) pode ser considerada como a mãe da teoria moderna de polidez, e isso se deve ao fato de que, segundo a autora, Lakoff foi possivelmente a primeira pesquisadora a examinar a polidez a partir de uma perspectiva pragmática, em que ela é entendida como um sistema de relações interpessoais estruturado para tornar as interações mais eficazes, por meio da redução de potenciais conflitos e confrontos inerentes às trocas comunicativas humanas.

Além do mais, após início dos estudos da cortesia linguística temos:

Também influenciado pelo Princípio de Cooperação griceano, Geoffrey Leech (1983) propõe um princípio regulador do equilíbrio social que funciona em conjunção com aquele: o Princípio de Polidez. Tal princípio

envolve seis máximas que refletem o comportamento dos usuários de uma língua: de **tato** (minimizar o custo para o outro e maximizar seu benefício); de **generosidade** (minimizar o benefício próprio como falante e maximizar o custo próprio); de **aprovação** (minimizar o desprestígio do outro e maximizar o elogio); de **modéstia** (minimizar o auto-elogio e maximizar a auto-crítica); de **acordo** (minimizar o desacordo e maximizar o acordo) e, por fim, de **consideração** ou simpatia (minimizar a falta de consideração pelos demais e maximizar a compreensão pelos mesmos). (Dias, 2010, p. 33. Grifos da autora)

Baseando-se nos conceitos de Atos de Fala de Austin (1955), no Princípio de Cooperação de Grice (1957, 1975, 1978), e na noção de Face proposta por Goffman (1967), Penélope Brown e Stephen Levinson apresentam em 1978 - e revisada em 1987 - as noções de Polidez Negativa e Polidez Positiva, que são conceitos centrais e inovadores para o desenvolvimento de sua teoria: a Teoria da Polidez.

Para Brown e Levinson, quando temos de informar nossas decisões, avaliamos o contexto em que estamos, assim, proferimos enunciados os quais dependem de fatores como poder e distância social. Com base nisso, construímos uma imagem social e buscamos o equilíbrio constante para termos mais aprovações que reprovações socialmente, tendo que, quanto mais reprovação tivermos, será menor nossa inserção social bem como a validação, assim, se tivermos maior apreço, conseguiremos mais prestígio socialmente.

O conceito de polidez que subsidia a teoria de Brown e Levinson (1987) difere do conceito de polidez do senso comum. Enquanto para este, polidez se refere aos bons modos comportamentais de acordo com os manuais de etiqueta e boa educação (pedir permissão para entrar em uma sala ou ceder o lugar no ônibus para um idoso), a polidez linguística - conceito cunhado pelos autores - diz respeito ao comportamento linguístico (ou verbal) que visa minimizar ou compensar o risco de conflito comunicacional entre interlocutores.

Podemos associar o primeiro conceito a um conjunto de normas sociais que regulam o comportamento de cada sociedade. Já a polidez linguística remete às estratégias conversacionais que usamos quando falamos, a fim de tornar a comunicação harmoniosa. Para Souza e Pagani (2022, p. 137) a polidez é vista como “estratégias linguísticas que os falantes de uma dada língua utilizam para evitar conflitos que poderiam ser gerados nas interações e/ou no contato social”. Em efeito, podemos dizer que a polidez linguística, enquanto gestora das relações interpessoais, se manifesta prevalentemente por atos linguísticos.

Vale ressaltar que a noção da polidez linguística abordada por Brown e Levinson é um conceito abstrato e está atrelada à ideia de que toda interação social humana ocorre sob risco de ameaça à Face tanto do locutor quanto do interlocutor, já que, segundo os autores, a interação é permeada por algum conflito. Nesse sentido, a polidez linguística é vista como um fator comunicativo ao qual recorrem os falantes a fim de compensar ou minimizar esse conflito, de modo a tornar a comunicação mais harmoniosa possível.

Brown e Levinson (1987) defendem que a polidez linguística baseia-se em duas noções: a) a noção de que a comunicação é uma atividade racional que tem algum objetivo; e b) a noção de que cada indivíduo deseja preservar a sua Face, ou seja, a sua imagem pública. O modelo de polidez que os autores defendem se vincula ao conceito de desejo/Face. Segundo os autores:

O centro do nosso modelo o ocupa uma noção muito abstrata de face, que consiste em dois tipos específicos de desejos (face-wants), que os interlocutores se atribuem mutuamente: o desejo de que alguém não veja impedidos seus atos (negative face) e o desejo de que os atos de alguém sejam aprovados (até certo ponto) (positive face). Este é o esqueleto de uma noção de face que (argumentamos) é universal, mas que em qualquer sociedade específica esperaríamos ser objeto de muita elaboração cultural (Brown; Levinson, 1987, p. 13. Tradução nossa)³.

Arruda (2010) explica que a polidez em Brown e Levinson (1987) pode ser explicada da seguinte maneira:

[...] entende-se por polidez o comportamento lingüístico apropriado, que leva em conta as variáveis socioculturais da interação, e que faz com que a intenção do emissor seja comunicada de forma eficaz ao destinatário. Quando falamos de polidez estamos nos referindo a um comportamento lingüístico que nos chama a atenção sobre si mesmo, já que é o que se espera no contexto no qual tem lugar a interação. Num sentido amplo, a polidez seria um marco que dá conta da dimensão interpessoal dos discursos (Arruda, 2010, p. 27).

Deste modo, a Teoria da Polidez consiste em procurar explicar como as pessoas usam estratégias linguísticas para evitar conflitos e manter relações sociais

³ Central to our model is a highly abstract notion of face which consists of two specific kinds of desire (face-wants) attributed by interactants to one another: the desire to be unimpeded in one's actions (negative face), and the desire (in some respects) to be approved of (positive face). This is the bare bones of a notion of face which (we argue) is universal, but which in any particular society we would expect to be the subject of much cultural elaboration.

harmoniosas durante a comunicação, seja para preservar uma imagem social própria, do outro.

Arruda (2010) ressalta que:

Segundo Locher (2004), o status captura um aspecto pessoal. Esse aspecto, no entanto, é múltiplo. Dependendo de onde está o foco, uma classe diferente emergirá. Por exemplo, um foco no sexo, idade e nacionalidade conduz a diferentes quadros. O sexo poderia colocar o homem antes da mulher. A nacionalidade e a idade podem influenciar a percepção de status dos integrantes. (Arruda, 2010, p. 19 - 20)

Quanto maior a aprovação social, mais poder tende a ser exercido sobre os outros. Nesse sentido, observa-se que os homens, por geralmente gozarem de maior prestígio e ocuparem posições de hegemonia nas estruturas sociais, acabam exercendo influência de forma mais ampla — o que pode refletir desigualdades na distribuição desse poder. De modo semelhante, a idade também pode interferir na percepção de status, favorecendo indivíduos mais velhos em determinados contextos sociais.

Vale-se pertinente apresentarmos que:

A polidez é, então, um princípio regulador da conduta que está situado na metade do caminho entre a distância social e a intenção do emissor, tornando possível a manutenção do equilíbrio social entre os interlocutores, mesmo que a intenção do emissor esteja dentro das máximas qualificadas como inerentemente impolidas. Assim, os mecanismos que emprega são estratégias para reduzir ou evitar as tensões na interação social. (Arruda, 2010, p. 33)

Vale destacar que no modelo de Brown e Levinson, toda interação polida mira a salvação das duas facetas dessa imagem, mas não necessariamente ao mesmo tempo. O resultado desse processo culmina na polidez negativa e na polidez positiva.

Santos (2009) esclarece que:

Polidez positiva ocorre quando o enunciado é proferido para atender aos interesses do ouvinte e não requer os sacrifícios da face do falante; e polidez negativa ocorre quando o poder social (status) do falante é muito superior ao do ouvinte e está orientada para evitar conflitos e satisfazer parcialmente a face negativa do ouvinte. (Santos, 2009, p. 10)

Compreender a polidez como uma ferramenta estratégica de regulação social permite perceber como as escolhas linguísticas estão diretamente ligadas à manutenção — ou contestação — das hierarquias sociais que marcam as interações humanas.

1.1.1 A noção de Face

Nem sempre o que comunicamos é interpretado como queríamos passar, pois cada pessoa interpreta à sua maneira, com base em suas experiências pessoais. Por essa busca incessante de aceitação, estamos em constante cuidado com a impressão pessoal que desejamos construir e manter na “consciência” dos outros. Buscamos ser solícitos, prestativos, não causar desconfortos e mantermos a “primeira impressão” de forma positiva, para que tenhamos prestígio e validação social. Desta maneira, entendemos o desejo constante de bem-estar na interação como parte da construção de Face, que provém de uma construção sociocultural.

De acordo com Brown e Levinson (1987), para garantir esse bem-estar, utilizamos um conjunto de atitudes que visam preservar nossa imagem social e pessoal e são baseadas em critérios pré-estabelecidos - como o poder social que temos naquela situação ou o poder que o outro tem sobre nós -, que orientam como nos comunicamos em diferentes situações.

Essa constante busca pelo bem-estar social e a preservação da nossa imagem nas interações nos leva a refletir sobre como a comunicação é estruturada para manter ou modificar as percepções que os outros têm de nós. A necessidade de evitar desconfortos, garantir aceitação e demonstrar prestígio está intrinsecamente ligada à ideia de Face que Brown e Levinson (1987) tomam como base da teoria de Goffman (1967) e aprofundam a compreensão como algo emocionalmente valioso, que pode ser "perdido", "mantido" ou "aprimorado" dentro das interações. Brown e Levinson (1987) destacam que, em qualquer comunicação, a cooperação mútua é fundamental para proteger as Faces envolvidas, pois todos os participantes são vulneráveis ao impacto que as interações podem ter sobre suas imagens sociais.

Conforme Brown e Levinson (1987):

A nossa noção de 'face' é derivada da de Goffman (1967) e do termo popular inglês, que relaciona face com noções de estar envergonhado ou humilhado, ou de 'perder a face'. Assim, a face é algo que está emocionalmente investido e que pode ser perdido, mantido ou aprimorado, e deve ser constantemente cuidada na interação. Em geral, as pessoas cooperam (e assumem a cooperação dos outros) para manter a face na interação, sendo essa cooperação baseada na vulnerabilidade mútua da face.⁴ (Brown; Levinson, 1987, p. 61)

A partir dessa definição, entende-se que a Face não pode ser interpretada como uma noção estática, mas sim como um conceito dinâmico, que está em constante processo de validação e negociação nas interações sociais.

Nesse sentido, é pertinente destacar que:

É interessante notar que o conceito de face não tem a mesma conotação, o mesmo significado, de polidez: enquanto o primeiro diz respeito à imagem pública, o segundo se refere a escolhas de estratégias conversacionais, às quais os indivíduos recorrem para intercambiar informações. Face é o primitivo da teoria e significa "seja assim". (Santos, 2009, p. 59).

A distinção apresentada por Santos (2009) é essencial para evitar a confusão comum entre os termos "Face" e "polidez", que, embora estejam interligados na teoria de Brown e Levinson (1987), cumprem funções conceituais distintas.

Dessa forma, conforme Brown e Levinson (1987), a teoria da imagem sustenta-se na premissa de que os indivíduos têm uma necessidade constante de preservar relações harmoniosas, recorrendo a mecanismos linguísticos que favoreçam a manutenção da *Face* mútua durante os atos de fala.

1.1.2 Universalidade das Faces: a Face Negativa e a Face Positiva

Partindo da observação de estratégias comunicacionais em línguas como inglês, tamil e tzeltal, Brown e Levinson (1987) propõem a universalidade da polidez como reguladora das interações conversacionais.

Segundo Brown e Levinson, em uma comunicação expomos duas Faces, sendo elas:

⁴ No original: Our notion of 'face' is derived from that of Goffman (1967) and from the English folk term, which ties face up with notions of being embarrassed or humiliated, or 'losing face'. Thus face is something that is emotionally invested, and that can be lost, maintained, or enhanced, and must be constantly attended to in interaction. In general, people cooperate (and assume each other's cooperation) in maintaining face in interaction, such cooperation being based on the mutual vulnerability of face.

(a) **Face negativa:** o direito básico a territórios, preservação pessoal, direitos à não distração – ou seja, à liberdade de ação e à liberdade de imposição.

(b) **Face positiva:** a face positiva consiste na autoimagem ou personalidade (incluindo crucialmente o desejo de que essa autoimagem seja apreciada e aprovada) reivindicada pelos interlocutores.⁵ (Brown; Levinson, 1987, p. 61)

Essa afirmativa dos autores quanto à universalidade fez com que surgissem críticas à teoria da polidez justamente porque ela não se aplica a todas as culturas. Uma das principais críticas à afirmativa dos autores é que ela tende a ser etnocêntrica, visto que, a pesquisa deles foi baseada principalmente em interações de língua inglesa e de culturas ocidentais, além de que, em determinadas culturas, a Face negativa - que se refere ao desejo de liberdade e autonomia -, pode não ser tão valorizada quanto em culturas ocidentais.

Outra crítica é que em distintas culturas, as relações de hierarquia e status social têm um papel crucial em como são efetivadas as estratégias de polidez, ou seja, a teoria universaliza comportamentos de polidez e não necessariamente leva em conta o contexto social bem como as diferenças de poder que influenciam na comunicação.

Vejamos, por exemplo, as considerações apresentadas por Azuma (2014) em sua dissertação de mestrado sobre a polidez e orientais:

Ide (1989) identifica dois tipos de polidez linguística: polidez volitiva e a polidez de discernimento (*wakimae*). A polidez volitiva é realizada de acordo com a vontade da pessoa com estratégias verbais, enquanto a de discernimento é operada de acordo com o discernimento da pessoa ou das normas prescritas pela sociedade e é expressa por formas linguísticas. Segundo Ide (1989), o modelo de Brown e Levinson (1989) não considera a polidez de discernimento que exerce um importante papel dentro das culturas orientais como a japonesa, a coreana, entre outras. Na cultura ocidental, o falante, por meio do uso das estratégias verbais, pode fazer a escolha de quanto ele quer ser polido em determinadas situações e o objetivo principal é salvar a face. Por outro lado, o uso de honoríficos é sistematicamente codificado pela percepção do falante, que avaliará a situação de comunicação, como a diferença social, hierárquica e de sexo entre o falante e o ouvinte, ou o papel do falante naquele determinado contexto. Segundo Ide, a forma linguística é selecionada com base na convenção social e independe da intenção racional do falante. (Azuma, 2014, p. 43-44).

⁵ No original: (a) negative face: the basic claim to territories, personal preserves, rights to non-distraction - i.e. to freedom of action and freedom from imposition (b) positive face: the positive consistent self-image or 'personality' (crucially including the desire that this self-image be appreciated and approved of) claimed by interactants.

É pertinente esclarecer que a teoria da universalidade pode ser interpretada como uma limitação à Face positiva e negativa, pois, nem sempre se consegue classificar um enunciado como parte da exposição da Face positiva ou negativa, isso porque a teoria não considera, por exemplo, outros mecanismos de polidez, como o uso de humor, ironia ou formas de expressão culturalmente específicas. Em trabalhos mais atuais, como o de Schöder e Lage (2014), essa limitação torna-se evidente, pois os autores argumentam que:

Nesse sentido, pode-se dizer que a teoria de Brown e Levinson (1987), ao não levar em conta os aspectos interpessoais e situacionais de uma interação seria muito idealizada. Isso pode ser percebido na dificuldade de aplicação da teoria a situações concretas [...]. Além disso, a teoria não considera a diversidade cultural dos padrões comunicativos, mostrando-se categórica ao apontar certas estratégias como mais/menos apropriadas a determinadas situações. (Schöder; Lage, 2014, p. 175)

Além do mais, a gestão da Face nem sempre é vista como uma necessidade em todas as interações sociais. Em alguns contextos, a honestidade direta ou o comportamento não-convencional podem ser mais importantes do que a proteção da Face. De acordo com Meireles (1999, p. 54), “Durante a interação, o indivíduo espera que os seus interlocutores respeitem sua auto-imagem assim como ele respeita dos demais.” Ou seja, há certo “policiamento” nas estratégias usadas durante as interações e, segundo a autora, essas estratégias comunicacionais que usamos podem ser tanto conscientemente quanto inconscientemente e quando bem aceita a estratégia entre falante e interlocutor, há um comportamento com efeito estabilizador na comunicação, diminuindo ou evitando comportamentos que levem ao desconforto.

No entanto, a forma como essas estratégias de preservação da Face é interpretada e aplicada pode variar significativamente entre culturas. Enquanto certas sociedades priorizam a harmonia e a suavização de conflitos, outras podem valorizar uma comunicação mais direta, ainda que isso implique em riscos maiores à imagem social do interlocutor. Essa variação evidencia que os mecanismos de polidez não são universais ou aplicáveis da mesma forma em todos os contextos, o que levanta questionamentos sobre a abrangência da proposta feita por Brown e Levinson (1987).

Ao analisarem interações entre estudantes brasileiros e alemães, Schröder e Lage (2014) trazem uma crítica relevante à proposta de universalidade presente na teoria da polidez de Brown e Levinson (1987). Segundo as autoras, embora a teoria ofereça um modelo bastante influente na análise da cortesia linguística, ela se mostra excessivamente idealizada e pouco sensível às variações culturais e situacionais que marcam as interações reais. No estudo que conduziram, ficou evidente a dificuldade de aplicar o modelo de forma eficaz quando os interlocutores pertencem a contextos culturais distintos, como foi o caso da interação entre os grupos analisados.

As autoras observam que, ao classificar estratégias de polidez como mais ou menos adequadas de forma quase categórica, a teoria acaba ignorando práticas comunicativas como o humor, a ironia e outras expressões que têm valor social distinto em cada cultura. Isso revela uma limitação importante: o modelo parte de pressupostos que nem sempre se confirmam fora de contextos ocidentais ou anglófonos, o que compromete sua pretensa universalidade. Assim, Schröder e Lage reforçam a necessidade de abordagens mais flexíveis, que considerem não apenas os aspectos linguísticos, mas também os fatores culturais, relacionais e situacionais envolvidos nos atos de fala.

Em síntese, quando o falante/ouvinte deseja manter a sua Face positiva durante a interação, há a prevalência da necessidade em ser aceito e incluído por terceiros no determinado contexto. Já quando o falante/ouvinte deseja manter sua Face negativa durante a interação, há o desejo em manter sua autonomia, não recebendo ordens de terceiros e nem sendo interrompido.

Assumindo que a maioria dos atos de fala produzidos nas conversações naturais não ocorre de forma tão eficiente como sugerem as máximas propostas por Grice (1975), Brown e Levinson postulam que a comunicação humana está voltada a dois desejos básicos do ser humano: a) o desejo de ser apreciado pelos demais e b) o desejo de não ter suas ações impedidas.

Como nas interações conversacionais, tanto o falante como o ouvinte desejam manter sua própria Face, bem como preservar a Face do interlocutor, a imagem pública de ambos interlocutores nunca é estável, posto que ela é constantemente ameaçada pelos fatores linguísticos disponíveis à linguagem. Em efeito, falante e ouvinte a todo instante cometem atos de ameaça à Face um do

outro. Dito por outras palavras: nas interações verbalizadas, a exigência de produzir um enunciado que ameaça a Face do ouvinte e o desejo de não feri-la, como também não “machucar” sua própria Face, estão frequentemente em conflito no falante, o que leva falantes e ouvinte a recorrerem a algumas estratégias de atenuações extraverbais - como expressões visuais, ou até mesmo fuga da conversa -, ou não, de suas ações comunicativas. É o que apresentaremos na próxima seção.

1.1.3 *Face Threatening Acts* (FTA's) ou Atos Ameaçadores de Face

De acordo com Brown e Levinson (1987), ao evitar atitudes potencialmente desagradáveis e ser menos impositivo possível o falante busca determinadas estratégias sociocomunicativas para criar proximidade com seu interlocutor e evitar conflitos discursivos, seja manifestando concordância, criando ou compartilhando experiências/objetivos pessoais.

Para minimizar o desconforto mútuo gerado nas situações de conflito quando o falante solicita algo ou tenta convencer seu interlocutor - seja ele do círculo pessoal ou não - utiliza estratégias comunicacionais para preservar as Faces negativas e as Faces positivas dele e de seu interlocutor.

Dentro da Teoria da Polidez proposta por Brown e Levinson, compreende-se que certos atos comunicativos — sejam eles verbais ou não verbais — possuem, por si só, um potencial ameaçador à imagem pública dos interlocutores. Esses atos, justamente por contrariar desejos ou expectativas relacionados à preservação da "face", podem afetar tanto a imagem positiva quanto a negativa, do falante e/ou do ouvinte. Os autores explicam que, assumindo-se a universalidade da Face e da racionalidade, é intuitivo considerar que existem atos que, por sua própria natureza, ameaçam essa Face. Como afirmam:

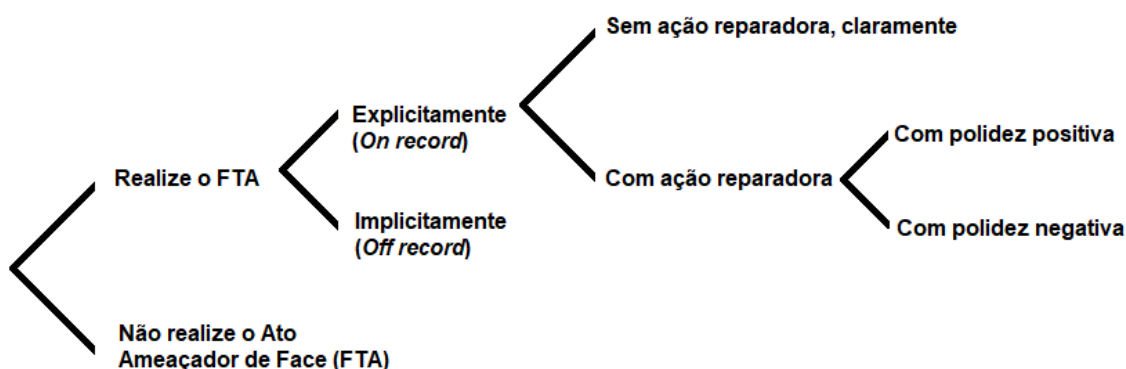
Dadas essas suposições sobre a universalidade da face e da racionalidade, é intuitivamente evidente que certos tipos de atos ameaçam intrinsecamente a face — ou seja, atos que, por sua natureza, vão contra os desejos de face do ouvinte e/ou do falante. Por ‘ato’, entende-se aquilo que se pretende realizar por meio de uma comunicação verbal ou não verbal, da mesma

forma que um ou mais 'atos de fala' podem ser atribuídos a um enunciado.⁶
(Brown; Levinson, 1987, p. 65. Tradução nossa)

Nesse sentido, todo enunciado que vai contra os interesses ou expectativas do outro pode ser considerado uma ameaça à Face, exigindo, assim, o uso de estratégias linguísticas que reduzam o risco de conflito interpessoal.

Baseados em Brown e Levinson (1987, p. 69), sabemos que em uma comunicação, quando expostos à um contexto de vulnerabilidade mútua da Face, há o uso de um conjunto de estratégias que podem ser esquematizadas, sendo:

Figura 2 - Possibilidades de FTA's - Atos Ameaçadores de Face



Fonte: adaptado de Brown e Levinson (1987).

Para entendermos melhor esta figura, devemos partir inicialmente de duas atitudes, sendo **não** fazer uso do FTA ou escolher **como** vai fazer o FTA.

Não realizar o FTA resulta em não se impor ou demonstrar a vontade do falante para o interlocutor, sendo a estratégia do falante retirar-se de uma situação comunicacional. A hipotética para esse comportamento por parte do falante advém, por exemplo, de não levantar potencial atrito com o seu interlocutor.

Segundo Brown e Levinson (1987), a escolha do uso do FTA implica necessariamente duas estratégias comunicacionais:

⁶ No original: Given these assumptions of the universality of face and rationality, it is intuitively the case that certain kinds of acts intrinsically threaten face, namely those acts that by their nature run contrary to the face wants of the addressee and/or of the speaker. By 'act' we have in mind what is intended to be done by a verbal or non-verbal communication, just as one or more 'speech acts' can be assigned to an utterance.

1. *Off record* - implicitamente: consiste em uma abordagem mais implícita, como dar uma ordem sem que ela seja direta verbalmente, deixando que o ouvinte faça a interpretação. Por exemplo, ao invés de o falante solicitar que o ouvinte abra a janela ele profere “está quente aqui né?!”, deixando um pedido indireto para o ouvinte de “abra a janela!”.
2. *On record* - explicitamente: quando o falante escolhe informar o que deseja diretamente, ou seja, ele é claro e direto na comunicação, ou quando escolhe proferir o FTA mas optando em utilizar da ação reparadora.

Conforme Brown e Levinson (1987), ao optarmos por usar a estratégia *on record* com ação reparadora, necessariamente fazemos uso das estratégias de polidez positiva e/ou negativa. Enquanto a estratégia de polidez positiva aponta para a preservação da Face positiva do interlocutor, a estratégia de polidez negativa mira a preservação da Face negativa do interlocutor. Nesse sentido, temos:

1. Estratégia de polidez positiva: O falante profere elogios e/ou afirma o valor da informação/presença do outro demonstrando empatia;
2. Estratégia de polidez negativa: Tende a envolver a linguagem a fim de minimizar os efeitos da exposição da Face negativa do ouvinte, ou seja, busca evitar a sensação de desconforto no outro, suavizando a ordem do Falante para com o ouvinte e mantendo, na medida do possível, a sensação de harmonia entre ambos na comunicação.

Podemos considerar como um exemplo para a estratégia de polidez negativa, quando a relação hierárquica entre falante e interlocutor é muito distinta e neste caso, a predominância de poder pertence a seu interlocutor. Esta situação ocorre muitas vezes em nosso cotidiano, onde por exemplo, podemos ter parte em uma audiência com o governador ou com o presidente da república, e mesmo com o poder hierárquico presente, ao discordarmos temos que comunicar nossos questionamentos, logo adotamos estratégias de comunicação mais cautelosas, visto que é uma relação de poder hierárquico e social superior a nós.

Assim, de acordo com a perspectiva de Brown e Levinson (1987), agir com polidez envolve, principalmente, a escolha consciente do falante em realizar um ato que pode ameaçar a imagem social — tanto a sua quanto a do interlocutor —, procurando, no entanto, não contrariar os desejos de preservação dessa imagem (*face wants*).

Assim temos como atos que ameaçam a Face positiva do falante: atitudes como pedir desculpas, autocrítica, confissão, descontrole emocional, aceitar elogios - que por vezes pode gerar o incômodo de ter que retribuí-los - entre outros; e atos que ameaçam a Face negativa do falante: aceitação de desculpas, relutar para prometer algo, dar explicações entre outros.

Para o ouvinte, os atos que ameaçam a sua Face positiva: o falante apresentar desaprovação, crítica, desprezo, insulto, acusação, discordância, deboche entre outros; ameaçam sua Face negativa: falante pressionar o ouvinte, colocar o ouvinte em débito, expressões de inveja, ódio e cobiça do falante para o ouvinte, bem como receber ordens e/ou pedidos - visto que colocam o ouvinte em pendência futura com o falante.

Dias (2010) explica de forma clara e detalhada os principais atos que ameaçam a imagem negativa e positiva, tanto do ouvinte quanto do falante. Senão vejamos:

- 1- Atos que ameaçam a imagem negativa do ouvinte: (i) atos que predicam alguma ação futura de O e, com isso, o pressionam a realizá-la (ou o impedem de realizá-la), como ordens, pedidos, sugestões, conselhos, lembretes, ameaças, advertências, etc.; (ii) atos que predicam alguma ação futura positiva de F em direção a O e que pressionam O a aceitá-la ou a rejeitá-la, ficando possivelmente em dívida com F, como ofertas e promessas; (iii) atos que predicam algum desejo de F em relação a O ou em relação às posses de O e que dão motivo para O pensar que deve proteger o objeto de desejo de F ou dá-lo a F, como as felicitações e os elogios. [...]
- 2- Atos que ameaçam a imagem positiva do ouvinte: (i) os atos que mostram uma avaliação negativa de F de alguns aspectos da imagem positiva de O incluem as desaprovações, críticas, queixas, acusações e insultos; (ii) há outros atos que mostram que F não se importa com a imagem positiva de O, tais como trazer à tona temas emocionalmente perigosos ou controvertidos. [...]
- 3- Atos que ameaçam, principalmente, a imagem negativa do falante: entre tais atos estão os agradecimentos, a aceitação de desculpas e ofertas, dar explicações, fazer promessas e ofertas que não deseja.
- 4- Atos que afetam diretamente a imagem positiva do falante: desculpar-se, confessar ou reconhecer culpa e aceitar elogios. Nos casos dos elogios, ao aceitá-los F pode sentir-se obrigado a depreciar o objeto elogiado pelo interlocutor ou

retribuir o elogio, enaltecendo algum aspecto do outro (Dias, 2010, p. 38 - 39).

Mesmo que o falante tenda a buscar constantemente harmonia na interação - especialmente em situações em que as relações sociais e de poder irão dominar - em outros contextos, pode haver a não preocupação em manutenção das Faces envolvidas, como é o caso dos insultos, que por vezes podem sim progredir de uma agressão verbal para uma agressão física.

Segundo Brown e Levinson, existem ainda vários fatores que podem estar ligados às estratégias que influenciam na polidez, como o poder relativo e social, o grau de familiaridade com o indivíduo e o grau de urgência em impor uma ordem, visto que:

[...] os estilos interacionais predominantes, que constituem uma parte crucial do ethos cultural, são, pelo menos em parte, construídos de estratégias para a reparação facial que, por sua vez, estão ancoradas em tipos predominantes de relacionamento social, medidos em termos de social vertical e horizontal distância.⁷ (Brown; Levinson, 1987, p. 251. Tradução nossa).

Deste modo, segundo Brown e Levinson (1987), o grau de gravidade do FTA, a distância social entre os interlocutores e a relação de poder, interferem diretamente na comunicação.

De acordo com os autores, essas três variáveis sociais, que conjugadas aos dois tipos de desejo e ao consequente risco à manutenção/ameaça da Face, estabelecem o nível da polidez linguística. São as variáveis:

- a) o poder relativo do ouvinte sobre o falante e vice-versa: P (O, F);
- b) a distância social entre os dois: D (F, O); e
- c) o grau de imposição do próprio ato comunicativo, ou seja, o risco de “perder” a Face em um contexto cultural específico: R_x.

A soma desses fatores determina o “peso” (W_x) de um FTA e, conseqüentemente, a escolha de uma estratégia verbal pelo falante. Em

⁷ No original: that predominant interactional styles, which constitute a crucial part of cultural ethos, are at least in part built up of strategies for face redress that are in turn anchored to predominant types of social relationship, as measured in terms of vertical and horizontal social distance.

consequência, segundo Brown e Levinson (1987), todo FTA é precedido da seguinte fórmula:

$$W_x = D (S, H) + P (H, S) + R_x.$$

Na fórmula:

- W_x (peso) representa ameaça de risco em relação ao outro para realizar determinado FTA(x),
- D (distância) corresponde a distância social (grau de proximidade, intimidade e solidariedade) entre o S- speaker (F– falante) e o Ohearer (O– ouvinte).
- P (poder) é o grau de poder que o falante (F) pode ter sobre o ouvinte (O).
- R_x é o grau de imposição de um ato de fala e se define cultural e contextualmente.

Para entendermos melhor esses conceitos, pensemos, por exemplo, se o falante necessita que um arquivo seja revisado com certa urgência por seu interlocutor e profere:

- Se você puder revisar quando não estiver muito ocupado hoje, por favor, ou quando tiver um tempinho livre.

nesse caso, o falante opta por uma **estratégia de polidez negativa**, procurando **minimizar o impacto do FTA** — ou seja, tenta preservar a *Face negativa* do ouvinte (o desejo de não ser coagido ou imposto).

A escolha desse formato linguístico indica que o falante reconhece:

- **D (F, O)** relativamente alto (não há intimidade suficiente para ordenar diretamente);

- **P (O, F)** equilibrado ou ligeiramente favorável ao ouvinte (o falante depende dele para a tarefa);
- **R_x** elevado, já que a solicitação implica tempo e esforço do interlocutor.

Assim, o “peso” do ato (W_x) é alto, exigindo uma forma mitigada de pedido, com atenuadores (“se puder”, “por favor”, “quando tiver um tempinho livre”), o que reduz o risco de ameaça à *Face*. Entretanto, se em um dado contexto o falante proferir:

- Seu *feedback* me é muito útil e agregará significativamente neste trabalho, conto com sua participação.

a formulação revela uma **estratégia de polidez positiva**, voltada à *Face positiva* do ouvinte — isto é, à necessidade de ser apreciado e valorizado.

Nesse contexto:

- **D (F, O)** tende a ser menor (há mais familiaridade ou cooperação entre os interlocutores);
- **P (O, F)** é mais equilibrado (há reconhecimento mútuo de competência);
- **R_x** é moderado, pois o pedido é indireto e vinculado à valorização da opinião do outro.

Assim, o peso (W_x) do FTA é menor, e o falante pode usar uma formulação mais envolvente e colaborativa, reforçando o laço social em vez de apenas mitigar a imposição.

Dessa forma, os exemplos ilustram que a escolha da estratégia de polidez — negativa ou positiva — decorre da avaliação que o falante faz das variáveis D, P e R, conforme expressas na fórmula proposta por Brown e Levinson (1987). Quanto maior o valor conjunto dessas variáveis, maior o “peso” (W_x) do ato e, portanto, mais indireta e mitigada tende a ser a formulação linguística.

De acordo com Azuma (2014), estratégias como estas são mais evidentes em contextos corporativista/trabalhistas, visto que há uma ordem hierárquica de poder,

onde o contexto social é mais favorável ao que dá ordens e menos favorável àqueles que as recebem.

Em síntese, a Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1987) fornece um arcabouço teórico abrangente que possibilita explicar e descrever as dinâmicas de interação social, onde a preservação da Face é essencial para o bom êxito das relações interpessoais. A constante negociação das Faces, seja positiva ou negativa, permite que os interlocutores na complexidade das interações humanas, busquem o equilíbrio entre a autonomia e o desejo de aceitação social.

Voltados ao nosso objeto de estudo, as situações hipotéticas as quais criamos apresentam: pessoas desconhecidas e com idades diferentes, contextos diferentes (carnaval de rua e carnaval em clube), situação em que o falante tem uma relação de poder sob o interlocutor (chefe), situação em que a proximidade entre os envolvidos é superior aos demais (namorados).

2 “NÃO É NÃO!”

Entre fevereiro e março, no Brasil, a cultura popular denominada “carnaval” se tornou uma festa de dimensão nacional e com prestígio mundial. Entre os estados com maior destaque nesta festividade temos na região Sudeste o Rio de Janeiro e São Paulo; ao Norte, Tocantins, e no Nordeste, Pernambuco e Bahia.

No Rio de Janeiro, a festividade tem a duração média de 5 dias, iniciando na sexta-feira e terminando na terça-feira antes da quaresma. Segundo Arantes (2013), o carnaval do Rio de Janeiro é o Carnaval mais famoso internacionalmente, visto que:

O desfile das escolas de samba é visto por 100 milhões de pessoas em 116 países. O sambódromo - local onde há o desfile – inaugurado em 1984 e reformado para o Carnaval de 2012, tem capacidade de 72.500 lugares, que permitem arrecadação de bilheteria de R\$ 60 milhões. (Arantes, 2013, p. 6)

No Rio de Janeiro a festividade ocorre desde blocos de rua aos bailes da elite, mas tem sua principal concentração na Avenida Marquês de Sapucaí, que carinhosamente foi apelidada de Sambódromo, onde tradicionalmente desde 1984 acontece o desfile das escolas de samba. O evento atrai turistas do mundo inteiro, o que consolida o Rio como a capital brasileira do Carnaval.

Em São Paulo, o Carnaval é comemorado de forma semelhante com o Carnaval do Rio de Janeiro. Sediando o desfile das escolas de samba desde 1991 no Sambódromo do Anhembi, “Junto com o Rio, São Paulo movimenta mais da metade da receita de turismo no Carnaval.” (Arantes, 2013, p. 6). Assim como o Rio, São Paulo tem blocos de rua, mas o destaque ainda está nas escolas de samba, que recebem sambistas de diversos estados e, com isso, há tanto o samba tradicional quanto inovações e misturas de estilos.

Diferente da região Sudeste, o Norte e o Nordeste têm a festividade em sua maior concentração nas ruas, que ficam tomadas por cores e espetáculos únicos com frevos e trios elétricos.

Ao Norte, no Tocantins, o Carnaval vai além do samba, pois há uma forte presença de outros ritmos do Norte - como o tecnobrega e o forró - e sempre está voltado à cultura local da celebração, por isso, sua maior representatividade ocorre

em eventos de rua onde artistas locais se apresentam e garantem a diversão do público.

No Nordeste, em Olinda (Pernambuco) a presença de desfile de bonecos gigantes feitos de papel machê no Centro Histórico da cidade, além das danças tradicionais como o frevo, que contam com a beleza dos guarda-chuvas coloridos.

Em Pernambuco o bloco mais famoso é o Galo da Madrugada, que consta do Guinness Book, o livro dos recordes, como o maior bloco carnavalesco do mundo. O bloco sai acompanhando o carro que conduz um galo que mede 27 metros de altura e pesa 3 toneladas. [...]

Outra tradição do Carnaval de Pernambuco são os bonecos gigantes, que saem nas ruas de Olinda, com 3 metros de altura e que pesam 40 kg. Os bonecos estão presentes em todos os blocos de Olinda e Recife. Em Pernambuco há ainda os grupos de maracatu rural, conhecidos como maracatus de baque solto, oriundos das cidades da zona da mata e vão a Recife e Olinda apenas para desfilar pelas ruas durante o Carnaval. O maracatu rural representa a fusão de vários folguedos populares do interior de Pernambuco, como cavalo-marinho, caboclinhos e pastoris. (Arantes, 2013, p. 11)

Enquanto o Rio e São Paulo têm desfiles mais formais e organizados em sambódromos, Pernambuco foca no caráter mais popular e espontâneo dos blocos de rua. Já na Bahia a festividade é focada nas ruas e com a presença dos trios elétricos, que arrastam multidões.

Na Bahia, o Carnaval é marcado pelos famosos trios elétricos inventados por Dodô e Osmar e incorporados ao Carnaval baiano em 1950. Os carros de som dos trios elétricos são acompanhados por blocos que saem em média com 3.000 foliões. Os trios elétricos são comandados por cantores e conjuntos baianos famosos [...]. Além dos blocos de trio, em Salvador há os blocos afros, como o Ilê Ayê e o Olodum. Os afoxés são ranchos negros de origem religiosa no candomblé, que desfilam com a cadência mais tranquila do ritmo ijexá, sendo o mais famoso o Filhos de Gandhi. (Arantes, 2013, p. 11)

A música de rua dominante na Bahia é o axé e, diferente do Carnaval em São Paulo e Rio de Janeiro, o público tem uma forte interação com os artistas e a experiência é mais de participação do que de observação.

Voltemos às raízes para descrevermos brevemente a história do Carnaval em solo brasileiro:

Costuma-se associar o carnaval a uma *autêntica festa popular brasileira*, com origens africanas, devido aos ritmos de percussão e gingados sensuais que compõe as músicas e danças carnavalescas na atualidade. Nesta

representação, corrente no imaginário social brasileiro, o carnaval seria o mito fundador da sociedade brasileira, onde negros, brancos, índios, pobres e ricos, brincariam o carnaval lado a lado, em pé de igualdade, demonstrando a inexistência de hierarquias sociais e raciais mais rígidas, própria da *democracia racial brasileira*, expressada em sua festa máxima, o carnaval, que ritualizaria o Brasil-cadinho.

No entanto, esta representação do carnaval como uma festa *brasileira*, com origens africanas em que, nos dias de festa, confunde pobres e ricos, negros e brancos, cultura popular e de elite, é um produto recente da sociedade brasileira e pode ser localizado nos anos 20 deste século. Antes deste período, a representação corrente do carnaval no Brasil era sua associação a uma festa de brancos, dos segmentos elitizados da população, quando a participação do negro era fortemente perseguida, reprimida e tratada como questão de polícia. (Germano, 1999, p. 131. Grifos da autora)

Segundo Germano (1999), a festividade chegou ao Brasil através dos portugueses e entrava no calendário inicialmente como uma festa cristã e que contava com a participação predominante do público branco, visto que:

A participação do negro, escravo, estava praticamente excluída. Durante os festejos, auxiliavam seus senhores, buscando água nas fontes, limpando a sujeira das residências, produzindo os limões de cera e sendo alvo das «brincadeiras dos brancos, que lhes atiravam farinha para vê-los embranquecidos e fazerem troças. Os negros somente podiam jogar o entrudo entre si, distantes dos olhares e das residências dos senhores brancos. Portanto, da época da colonização ao século XVIII, o entrudo foi a forma de brincar o carnaval no Brasil, uma brincadeira associada às famílias patriarcais brancas. (Germano, 1999, p. 132)

Entretanto, Germano (1999) relata que no século XIX com o aumento populacional das cidades o carnaval passou a se popularizar e a sair das casas dos membros que compunham a elite da época, direcionando a festividade para as ruas. Com isso, ao tornar-se uma festividade de cunho público, ao qual diferentes etnias e culturas participavam, o carnaval resultou em um afastamento progressivo da elite da festividade, representando assim uma re-significação do evento.

O final do século XIX no Brasil, representou o período de transição para uma política liberal e uma economia capitalista. Neste contexto, a elite nacional localizada nas cidades tinha os olhos voltados para a Europa, de onde importava modas, acessórios e costumes, entre eles o carnaval de máscaras e de salão, animado ao som de polcas, valsas, xotes e mazurcas. Sociedades carnavalescas foram criadas por esta *elite* que buscava diferenciar-se do *povo, atrasado e selvagem*, que nas ruas jogava o *bárbaro* entrudo.

Para a elite, o desfile *ordenado* pelas ruas principais passou a ser a forma *disciplinada, civilizada*, de brincar o carnaval, que terminava em bailes de gala nos salões das sociedades. Este passou a ser o carnaval *civilizado, seco*, feito à base de serpentinas, confetes, máscaras e fantasias de gala, em oposição ao *bárbaro, molhado e popular* entrudo. Este momento pode ser identificado como o de uma segunda *re-significação* pela qual passou o

carnaval no Brasil, quando ele volta a ser associado no imaginário social à *elite*, composta por *distintas* famílias, em oposição ao entrudo jogado pelo *povo*. (Germano, 1999, p. 132 - 133. Grifos da autora.)

Conforme Germano, esse âmbito festivo re-significado novamente pela elite era repleto de exibicionismo - o que hoje podemos associar aos carros alegóricos - onde a participação evidenciava a importância socioeconômica de determinado indivíduo e “nestas exposições públicas da elite, o povo figurava como espectador, sem rosto nem nome definidos em meio à multidão que acotovelava-se nas calçadas para ver o desfile passar” (1999, p. 133). Entretanto, a população continuou a celebrar pelos cantos à sua maneira, assim incorporando a diversidade de culturas - como africanas e européias - em suas celebrações.

Já no início do século XX, segundo Germano, houve um aumento significativo de números e blocos os quais adotaram o formato do desfile exibindo as danças com ritmos de danças africanas. Nesse formato, a elite novamente decide se retirar para os salões ou então desfilar em posição de maior destaque que os demais, concretizando que:

Este é o momento, pela primeira vez no processo histórico brasileiro, que a imagem do carnaval como uma festa *popular-nacional* torna-se corrente no imaginário social, passando a representar a *identidade nacional brasileira*, a partir de uma festa entendida como *legitimamente popular*, originária do *povo* e, portanto, representante da *nacionalidade brasileira*. Estes processos de re-significação cultural pelo qual passou o carnaval no Brasil até tornar-se uma festa *popular e nacional*, assemelha-se ao futebol, que também chegou ao país como uma prática estrangeira restrita à elite e, ao se popularizar, passou a ser representado como o *esporte nacional*. (Germano, 1999, p. 134. Grifos da autora.)

Após uma retomada histórica e de cunho explicativo político, Germano (1999) ressalta que somente após vários processos que de fato o carnaval se tornou uma apropriação festiva do Brasil, onde agora:

o negro, o branco e o índio, estavam presentes no mito fundador da identidade nacional brasileira. No entanto, esta identidade nacional fundadora da nação, representada no carnaval, no samba e no mulato era uma novidade, produto de um processo histórico muito recente na sociedade brasileira, como demonstrei ao longo deste artigo. Além do Estado e de órgãos de censura e de controle sociocultural, os meios de comunicação, como a imprensa, o cinema e a intelectualidade, tiveram papel fundamental neste processo de *nacionalização do popular*. As rádios, os jornais, as revistas, os cinemas, os partidos políticos promoveram inúmeros concursos de blocos, cordões e músicas carnavalescas.

Formavam opiniões e se voltavam para o *popular* para definir o que era *brasileiro*, enfim, o que era *genuinamente nacional*. (Germano, 1999, p. 143 - 144. Grifos da autora.)

Seguidos desta breve história de como o carnaval se tornou uma festividade nacional de cunho popular, apresentaremos um pequeno recorte da realidade carnavalesca presente no século XXI, onde curtir o Carnaval é um direito de todas as pessoas, mas por vezes, o que é para ser um momento de diversão acaba se tornando um momento desagradável, especialmente para as mulheres, que acabam sendo vítimas de assédio sexual.

Pensando no padrão de insistência e assédio ao qual apresentava o carnaval carioca nas últimas décadas, um grupo de amigas tomou iniciativa em fazer algo.

Segundo o Jornal Diário de Pernambuco (2024)⁸, em 2017 surge o movimento “Não é Não!” no Rio de Janeiro, fundado por mulheres que desejavam combater o assédio, sendo inicialmente focado no Carnaval, onde foram distribuídas tatuagens que incentivavam o respeito. Posteriormente o movimento ganhou visibilidade de cunho nacional e assim, “expandindo sua ação para além da festividade carnavalesca e iniciou as parcerias com empresas, prefeituras e ONGs através dos serviços de palestras e produção de conteúdo” (“Não é Não!” [...], Diário de Pernambuco, 2024).

O portal “ND mais” apresenta os nomes das fundadoras bem como o momento do estopim para a iniciativa da campanha “Não é Não!”:

Criada em janeiro de 2017 pelo grupo de amigas Barbara Menchise, Aisha Jacob, Julia Parucker, Nandi Barbosa e Luka Borges, o movimento teve início após um episódio de assédio sofrido por uma delas em um ensaio de bloco de carnaval.

Naquele ano foram mobilizadas 40 mulheres que se uniram na arrecadação de R\$ 2.784 em apenas 48 horas, que foram usados para a confecção de 4 mil tatuagens, distribuídas gratuitamente pelas ruas da cidade para mulheres.

(Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/nao-e-nao-coletivo-lanca-campanha-contra-as-sedio-no-carnaval-em-sc/>)⁹

⁸Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2024/06/nao-e-nao-avanca-e-se-transforma-em-organizacao-contra-o-assedio.html> Acesso em: 25 nov. 2024.

⁹ Acesso em: 26 ago. 2025.

Para a coleta de nosso objeto de estudo utilizamos como princípio a campanha “Não é não!”, que corresponde a um movimento feminista de proteção às mulheres durante festividades carnavalescas.

2.1 FINALIDADE DO COLETIVO “NÃO É NÃO”

Infelizmente, a violência contra a mulher se faz presente em diferentes ambientes e não somente com mulheres adultas, mas com crianças e adolescentes - as quais são consideradas como mais vulneráveis socialmente. Assim sendo, no Brasil, podemos considerar desde os anos 2000 um olhar mais atento e cuidadoso ao acolhimento de quem sofre assédio - seja virtualmente ou fisicamente - e penalizar quem comete esse ato. Exemplos desse progresso são as leis 11.829/08, a qual altera dois artigos - 240 e 241 - da Lei nº 8.069, no Estatuto da Criança e do Adolescente, a qual visa “resguardar a integridade sexual bem como a imagem da criança e do adolescente, buscando assim que as vítimas não vivenciem danos ainda maiores” (Almeida; Almeida; Carvalho, 2020, p. 1817), e que aprimora o combate à produção, venda e distribuição de pornografia infantil; e a lei 12.737/12, que altera o Decreto-Lei nº 2.848 de 1940, e popularmente é conhecida como a lei Carolina Dieckmann que “além de proibir a prática de cyber crime tipificou também outras condutas” (Almeida; Almeida; Carvalho, 2020, p. 1817) como a invasão de dispositivos alheios para obter acesso à dados da vítima.

Desta forma, vemos a iniciativa do Coletivo como uma contribuição ao social em promover a cultura de respeito, visando essencialmente empoderar as mulheres a se posicionarem e de os outros aceitarem sem as questionar sobre sua decisão, promovendo assim uma sociedade mais segura, especialmente nas festividades.¹⁰

Vale ressaltar que a atitude de tentar proteger e auxiliar quem sofre a violência por ser mulher, parte dos princípios vividos dentro do feminismo, que é um movimento crescente ao longo dos séculos. Sem nos aprofundarmos muito no tema, vale o entendimento mínimo sobre o que é o feminismo e como ele se expandiu ao longo dos anos de forma mundial.

¹⁰ Uma prova de empatia do coletivo com outras mulheres foi noticiado em 2024. Para acesso à sua ação, sugerimos a breve leitura da matéria disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2024/01/6785517-coletivo-nao-e-nao-lanca-campanha-em-prol-de-familia-de-vitima-de-feminicidio.html#google_vignette Acesso em: 09 dez. 2024.

2.1.1 Breve Recorte Sobre a História do Feminismo

Surgindo ao final do século XVIII, com a Revolução Francesa, onde as mulheres começaram a perceber seu cotidiano e reivindicar seu papel na sociedade patriarcal, o feminismo ainda não era nomeado como feminismo, e até o referido momento tinha baixa visibilidade social. Somente a partir do final do século XIX e início do século XX que o movimento ganhou nomenclatura, força e visibilidade mundial.

Mas a chamada primeira onda do feminismo aconteceu a partir das últimas décadas do século XIX, quando as mulheres, primeiro na Inglaterra, organizaram-se para lutar por seus direitos, sendo que o primeiro deles que se popularizou foi o direito ao voto. As *sufrajetes*, como ficaram conhecidas, promoveram grandes manifestações em Londres, foram presas várias vezes, fizeram greves de fome. Em 1913, na famosa corrida de cavalo em Derby, a feminista Emily Davison atirou-se à frente do cavalo do Rei, morrendo. O direito ao voto foi conquistado no Reino Unido em 1918.

No Brasil, a primeira onda do feminismo também se manifestou mais publicamente por meio da luta pelo voto. A *sufrajetes* brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto.

[...]

Este feminismo inicial, tanto na Europa e nos Estados Unidos como no Brasil, perdeu força a partir da década de 1930 e só aparecerá novamente, com importância, na década de 1960. No decorrer destes trinta anos um livro marcará as mulheres e será fundamental para a nova onda do feminismo: *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir, publicado pela primeira vez em 1949. Nele, Beauvoir estabelece uma das máximas do feminismo: "não se nasce mulher, se torna mulher".

(Pinto, 2010, p. 15 - 16. Grifos da autora.)

Após a 1.^a onda, tivemos: a 2.^a onda pela década de 60 onde as mulheres reivindicaram sua participação trabalhista bem como sua decisão na concepção - com os anticoncepcionais e o aborto -, 3.^a onda que focou na desconstrução nos estereótipos de gênero e a 4.^a onda que representa o uso das tecnologias/mídias para ajudar no combate à violência de gênero. Atualmente há diversidade em manifestações que surgem na pluralidade social com base na necessidade de cada grupo de mulheres que compõem o meio ao qual pertencem.

O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher - no trabalho, na vida pública, na educação -, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isto é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação - além da clássica

dominação de classe -, a dominação do homem sobre a mulher - e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias. (Pinto, 2010, p. 16)

O movimento feminista não propaga discurso de ódio¹¹, muito pelo contrário, tem como intuito apoiar mães solas, criar redes de apoio e casas de acolhimento para outras mulheres para saírem do ciclo da violência doméstica, busca participar da criação de leis para proteger as mulheres bem como lutar pelos direitos trabalhistas destas, dando voz a um grupo que têm sua voz oprimida pelo sistema patriarcal.

Retomando ao tema “carnaval”, vemos em matéria de Barifouse ([2020] 2024) que as brasileiras inicialmente não tinham a anuência de seus maridos para participarem das festividades carnavalescas, mas ao longo dos séculos foram pouco a pouco se inserindo e participando nos entrudos. Segundo o informe:

O Carnaval como conhecemos hoje existe em grande parte graças às "tias", mulheres baianas que abriam suas casas para a reunião dos sambistas ao longo do ano e ofereciam assim um espaço seguro para que eles se reunissem sem serem perseguidos pela polícia. (Barifouse, 2024, n.p)¹²

Expondo a persistência feminista para a participação das mulheres no carnaval, o autor ainda esclarece que:

Atualmente, já existe mais de uma dezena de blocos pelo país que são organizados por mulheres ou até mesmo exclusivamente femininos, como Ilú Obá de Min, Mulheres de Chico, Não é Não, Pagu, Filhas da Lua, Toco-xona e Siga Bem, Caminhoneira. Renata Rodrigues, do Mulheres Rodadas, diz que o Carnaval de rua mudou nos anos em que seu bloco feminista desfila no Rio de Janeiro. "Existe hoje uma discussão muito mais ampla sobre o assédio e uma consciência maior de que não é porque a mulher está pulando Carnaval que ela pode ser assediada ou violentada. Isso aconteceu porque as mulheres que apareceram no Carnaval colocaram esse assunto em pauta", diz. Ao mesmo tempo, isso fez da folia um espaço mais seguro para as mulheres e no qual elas se sentem mais confortáveis para exibir o corpo conforme quiserem. (Barifouse, 2024, n.p)

Como já dito anteriormente, as feministas buscam - além de reivindicar direitos - acolher quem sofre assédio. Assim sendo, o surgimento do Coletivo “Não é

¹¹ Não se pode confundir o movimento das FEMINISTAS com o movimento das FEMISTAS. Enquanto o feminismo busca por igualdade de direitos sociais entre sexos, o femismo é equivalente ao machismo, entretanto, com a superioridade da mulher sobre o homem, ou seja, é a luta pelo matriarcado sob o patriarcado.

¹² Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cyjkrydpv11o> Acesso em: 10 fev. 2025.

Não!” tem como objetivo sensibilizar a sociedade sobre a importância de compreender o “não” como uma resposta inequívoca e legítima, sem qualquer margem para ambiguidade ou brechas para algo indesejável. Além disso, destaca que o corpo das mulheres deve ser respeitado, sendo vedado qualquer tipo de contato sem o seu consentimento, independentemente do contexto social ou festivo em que a situação ocorra.

2.2 O IMPACTO DA CAMPANHA

Nas mídias digitais, o perfil oficial via plataforma *instagram* do “Não é não!” conta com 37,5 mil¹³ seguidores e 719 publicações¹⁴. Neste perfil temos acesso a uma diversidade de informações úteis nos destaques bem como nas publicações em si.

Como os padrões comportamentais de assédio ainda insistem em se repetir em contextos sociais - especialmente durante as festividades carnavalescas -, se faz necessária a luta dos Coletivos em participar de projetos/leis para a proteção das assediadas. Assim sendo, temos registros em 2018 do impacto do “Não é Não!” na política, com a vigoração da Lei 13.718/18¹⁵. Segundo Santos (2023),

Contudo, desde 2018, vigora a Lei 13.718, que ficou popularmente conhecida como “não é não” que criminaliza os atos de importunação sexual e divulgação de cenas de nudez, estupro, sexo e pornografia, condenando o infrator a uma pena que varia de 1 a 5 anos.

Renata Torres, co-founder da consultoria Div.A Diversidade Agora e especialista em diversidade e inclusão, explica que durante o carnaval, infelizmente, há uma explosão de assédios e importunações sexuais: “São mulheres que acabam sendo tocadas, forçadas a beijar e até abusadas em meio à multidão dos bloquinhos pelo país. Em muitos casos, o ‘não’ é visto como uma tentativa da mulher de provocar ou de ‘se fazer de difícil’, por conta de uma questão sociocultural que já vem de décadas”. (Santos, 2023¹⁶)

Almeida; Almeida; Carvalho (2020) discorrem que:

¹³ Informação retirada do perfil oficial. Disponível em: https://www.instagram.com/naoenao_/ Acesso em: 11 dez. 2024.

¹⁴ Informação registrada em 10 de fevereiro de 2025, às 16h25min.

¹⁵ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13718.htm Acesso em: 25 nov. 2024.

¹⁶ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/saude-e-bem-viver/2023/02/17/interna_bem_viver,1458742/carnaval-vamos-falar-sobre-assedio-nao-e-nao.shtml Acesso em: 25 nov. 2024.

Antes da criação dessa lei não se tinha um tipo penal específico para punibilizar essa conduta de divulgar material íntimo sem o consentimento da vítima, cabendo, então, na esfera cível a possibilidade de ingresso com ação por danos morais e materiais. Com o acesso à tecnologia e informação se tornou cada vez mais comum a veiculação desse tipo de material, onde a vítima por sua vez, acaba sendo hostilizada. Assim, atendendo ao anseio social, o legislador criou um tipo penal para essas situações, tornando possível tipificar a referida conduta como crime.

No Brasil foi se tornando cada vez mais comum o compartilhamento de imagens e vídeos, com conteúdos pornográficos, onde a vítima sofre uma série de violências e em alguns casos até uma extorsão sob pena de ter suas imagens ou vídeos espalhados. (Almeida; Almeida; Carvalho, 2020, p. 1811)

Ainda no âmbito político, temos em 29 de dezembro de 2023 um avanço significativo do “Não é não!” com a Lei 14.786/2023 sancionada por Luiz Inácio Lula da Silva (PT), onde foi estabelecido “um protocolo de atendimento de mulheres vítimas de constrangimento e violência em locais onde sejam vendidas bebidas alcoólicas, para prevenir e evitar o agravamento das situações, além de preservar às suas integridades” (Vieira, 2023¹⁷). Vieira ressalta que essa medida não acaba com os abusos no país, mas sim contribui para minimizar a violência.

Um dado importante advém do Ministério de Direitos Humanos e Cidadania, com o número de denúncias registradas pelo disque 100, o qual aumentou 38% em 2024 se comparado ao carnaval de 2023¹⁸. Destacamos que número de denúncias aumentar não significa que houve de fato mais assédios, mas sim que a população tomou mais iniciativa e se sentiu mais segura para enfim denunciar os agressores.

Segundo o Diário de Pernambuco (2024)¹⁹ (Publicado em: 04/06/2024 10h32):

Ao longo desses 7 anos, o “Não é Não!” estabeleceu parcerias com empresas nacionais e multinacionais, realizando workshops, palestras e produção de conteúdo para instituições preocupadas com o combate ao assédio contra mulheres, visando contribuir com ambientes seguros e inclusivos, com o avanço no desempenho organizacional e a melhoria da reputação da empresa. A trajetória Não é Não! carrega números emblemáticos: mais de 1,5 milhão de mulheres impactadas em todo o

¹⁷ Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2023-dez-30/nao-e-nao-criacao-de-protocolo-ajuda-a-combater-assedio-a-mulheres/> Acesso em: 11 dez. 2024.

¹⁸ Informação disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2024/fevereiro/numero-de-denuncias-registradas-pelo-disque-100-cresce-38-durante-o-carnaval-de-2024> Acesso em: 25. nov. 2024.

¹⁹ Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2024/06/nao-e-nao-avanca-e-se-transforma-em-organizacao-contra-o-assedio.html> Acesso em: 11. dez. 2025.

Brasil, Moção de Louvor na Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro e parcerias com empresas como Avon, Shell, HAPPN, Greenpeace e até mesmo o time do Corinthians. (“Não é Não” [...], Diário de Pernambuco, 2024, n.p)

Em maio de 2025, o Ministério das Mulheres e a Universidade de Brasília lançaram o curso de extensão Circuitos Não é Não, uma capacitação gratuita, online, dividida em sete módulos, com certificação pela UnB e duração de aproximadamente 35 horas. O curso visa preparar profissionais de bares, restaurantes e casas noturnas para aplicar o protocolo legal de prevenção ao assédio, previsto na Lei 14.786/2023, e formar agentes multiplicadores nesses espaços.

2.3 O “NÃO” SÓ EXISTE SE FOR VERBALIZADO?

Acreditar que o “não” só aparece na comunicação quando o verbalizamos é uma utopia. Existem várias maneiras de inferirmos nossas intenções, seja com atitudes de fuga – como quando evitamos entrar no WhatsApp após uma mensagem de alguém –, com desculpas sociais – como ao dizer “estou com uma panela no fogo, tenho que entrar” para escapar de uma conversa no portão –, ou até mesmo por meio da mentira – como inventar um compromisso fictício para não precisar aceitar um convite. Em todos esses casos, o “não” está presente, ainda que mascarado por convenções sociais.

Consideramos que há uma diversidade de formas de comunicar a Dissensão ao outro, e a maneira mais breve e direta de se fazer isso é manifestando o “não”. Torna-se pertinente registrarmos que cada grupo cultural pode interpretar de forma distinta uma negativa, pois cada indivíduo é altamente idiossincrático, e justamente por essa razão compõe seu âmbito social e se compõe nele. O que pode parecer uma recusa educada para um, pode soar como grosseria ou desinteresse para outro.

Mesmo quando não verbalizada – em geral para evitar o atrito –, nossas intenções e posicionamentos sobre determinado assunto são manifestos. Entretanto, a depender da cultura, não comunicar claramente seu posicionamento pode fazer com que o outro tenha incertezas sobre sua decisão e acabe acreditando que está

havendo espaço para insistência. Isso muitas vezes gera desconfortos, mal-entendidos e desgastes desnecessários nas relações interpessoais.

O receio de desagradar ou de romper laços nos leva, frequentemente, a evitar o “não”. No entanto, é importante refletirmos sobre as consequências dessa omissão. Quando não comunicamos nossos limites de maneira clara, abrimos espaço para situações que ferem nossos valores, comprometem nosso tempo ou nos colocam em posição de desconforto. Aos poucos, nos tornamos passivos diante de circunstâncias que não condizem com o que realmente queremos ou precisamos.

A assertividade, nesse contexto, surge como uma habilidade essencial. Ser assertivo não significa ser rude ou inflexível, mas sim comunicar com clareza, respeito e empatia aquilo que é inegociável para nós. Dizer “não” pode ser, inclusive, um ato de cuidado: com o outro, ao evitar falsas expectativas; e conosco, ao preservar nossa integridade emocional e mental.

É preciso também desconstruir a ideia de que dizer “não” é um ato de confronto. Em muitas situações, é justamente o contrário: ao deixar claro o que não podemos ou não queremos, evitamos conflitos maiores no futuro. A comunicação transparente fortalece vínculos, pois estabelece limites saudáveis e promove relações mais autênticas.

Comunicar o “não” é deveras difícil, mas não comunicá-lo nos torna passíveis para tudo aquilo que não aceitamos. É um exercício diário de coragem, autoconhecimento e respeito mútuo. Aprender a dizer “não” é, acima de tudo, aprender a dizer “sim” para aquilo que realmente importa.

3 ANÁLISE EM PRÁTICA

Após a exposição dos pressupostos teóricos da Teoria da Polidez e da contextualização sociocultural do Carnaval brasileiro e da campanha “Não é Não!”, neste capítulo nos voltamos à aplicação prática desses referenciais na análise de enunciados coletados em diferentes cenários de interação comunicativa. O objetivo principal é compreender como se manifestam as estratégias de polidez (ou sua ausência) em contextos carnavalescos marcados por relações de poder, distância social e tentativas de persuasão – elementos centrais para a imagem pública dos interlocutores.

Iniciamos o capítulo com a descrição da metodologia utilizada na construção e aplicação dos instrumentos de coleta de dados, detalhando os critérios de seleção dos cenários e participantes. Em seguida, apresentamos a análise dos enunciados conforme os parâmetros da Teoria da Polidez, considerando fatores como o tipo de relação entre os interlocutores (simétrica ou assimétrica), o grau de intimidade e os efeitos dessas interações sobre a imagem pública dos envolvidos.

A análise contempla oito cenários distintos, divididos entre interações ocorridas em ambientes de rua e em clubes, com variações no grau de proximidade e na posição social dos interlocutores. Por meio desses recortes, buscamos observar de que maneira as normas de cortesia²⁰ são tensionadas, mantidas ou rompidas em contextos de alta informalidade, como o Carnaval, especialmente quando estão em jogo questões de gênero, poder e consentimento.

3.1 DA METODOLOGIA

Para a coleta de dados, optamos por elaborar um questionário composto por 8 situações hipotéticas relacionadas ao contexto carnavalesco. O uso de questionário como instrumento de coleta de dados sobre polidez é uma prática muito usada por pesquisadores no mundo todo. No nosso caso, fizemos uma adaptação do *Dicourse Completion Test* (DCT), um modelo de questionário desenvolvido por Blum-Kulka (1982), em que o participante responde a uma situação-contexto de

²⁰ Relembrando que, consideramos o termo *cortesia* como um conjunto de comportamentos polidos para o senso comum.

forma mais natural possível. Azuma (2014, p. 64) explica que “Tradicionalmente, os DCT são aplicados a estudantes universitários devido à facilidade de aplicação e à alta concentração de informantes em um único local e também para minimizar a heterogeneidade quanto à idade e ao nível educacional dos informantes”. Dias (2010) defende o uso do questionário, uma vez que este:

a) permite a coleta de um grande número de dados em um curto período de tempo; (b) tem a vantagem de produzir estratégias mais frequentes e estereotipadas em um curto período de tempo; (c) possibilita que tanto o contexto em que o enunciado ocorre quanto as variáveis sociais (distância e poder) sejam relativamente delimitados. A partir de tais delimitações, a realização de estudos contrastivos entre línguas diferentes torna-se viável e mais segura. (DIAS, 2010, p. 92).

O nosso questionário visou obter dados de natureza qualitativa, permitindo que os respondentes expressassem suas atitudes em atos dissensivos de maneira mais natural possível. O questionário não previa a identificação dos participantes, mas pensamos ser pertinente incluir informações sobre sexo e faixa etária aproximada, a fim de garantir uma análise mais contextualizada.

A pesquisa foi realizada com estudantes do 4.º ano do curso de Letras Português-Espanhol, no período noturno, na disciplina Língua Espanhola IV, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), no final do ano de 2024. Ao todo, 11 estudantes - dos 15 matriculados na disciplina - estavam presentes no dia da aplicação do questionário e responderam a pesquisa fornecendo um total de 88 respostas. O critério de escolha por essa turma em específico partiu pela composição majoritária do sexo feminino.

As análises partiram da verificação das estratégias produzidas pelos respondentes nas respostas dadas ao produzirem FTA's. O questionário foi elaborado de maneira a contemplar as três variáveis previstas na teoria da polidez, quais sejam: distância, poder e relação em que inevitavelmente se encontram os participantes.

Inicialmente, solicitamos informações como idade, sexo e a área de estudo na universidade ao qual os respondentes se incluíam. Posteriormente, indicamos as orientações de como responder o questionário para que tivéssemos uma coleta mais próxima possível da realidade. Após agradecermos a colaboração, apresentamos o *slogan* da campanha “Não é não!” com um texto breve e informativo ao lado, a fim

de contextualizar nossos respondentes das situações às quais eles estariam respondendo.²¹

Nossas situações hipotéticas apresentaram o padrão: Cenário onde ocorreria a abordagem - dramatização/contextualização da situação hipotética - espaço para que o interlocutor expresse qual seria sua atitude ou qual foi sua atitude caso já tenha vivido ou presenciado aquela situação. O padrão do questionário consiste em 8 situações descritas como cenário 1, cenário 2, cenário 3... cenário 8 e logo abaixo uma caixa onde os participantes deveriam escrever suas respostas a cada situação-problema. Antes dos 8 cenários, o questionário apresenta um texto introdutório ao lado da foto que aborda a campanha do carnaval de 2024, do estado de Sergipe. Vejamos:



Durante o Carnaval de 2024 várias cidades brasileiras adotaram a campanha “Não é não” para combater o comportamento abusivo, discriminatório e preconceituoso contra mulheres. A campanha visava enfatizar a importância do respeito à mulher em eventos carnavalescos.

Abaixo trazemos um exemplo dessas situações que contextualizam o primeiro cenário do questionário. A questão traz a proposta de uma relação pública entre pares na qual o poder social entre eles é o mesmo (=P) e a distância social é grande, uma vez que ambos são desconhecidos (+D). Neste cenário, o falante (F) é inconveniente com a/o ouvinte (O) ao manter contato físico indesejado, segurando-a/o pelo braço e forçando a/o O a dançar com ele. Vejamos:

Cenário 1 – Carnaval de rua

Você está se divertindo com os amigos no Carnaval de rua de uma cidade do Nordeste, onde dezenas de pessoas dançam ao som de um Trio Elétrico. De repente um desconhecido te segura pelo braço e tenta te forçar a dançar com ele. Você diz ao desconhecido:

Vale ressaltar que todas as 8 situações foram elaboradas de modo a conduzir

²¹ Todas essas informações na íntegra estarão disponíveis ao fim deste trabalho no apêndice A.

o ouvinte a produzir a reprovação da atitude do outro, ou seja, as respostas das questões foram induzidas a serem de forma que expressassem a Dissensão entre os pares.

3.2 DAS ANÁLISES

Um exemplo bastante consistente de análise da polidez que emprega o modelo DCT é o estudo de Dias (2010) sobre o português e o espanhol. A pesquisadora analisou o uso de estratégias linguísticas de polidez na formulação de pedidos e ordens por brasileiros residentes em Curitiba e hispano-falantes residentes em Montevideú. Os resultados apontaram haver uma tendência dos curitibanos a serem mais diretos em suas solicitações no contexto das relações privadas, enquanto que os uruguaiois são mais indiretos nesses mesmos contextos. Seguindo o modelo de Dias, Azuma (2014) analisou as estratégias de polidez empregadas por trabalhadores do português falado por curitibanos e do japonês falado por expatriados japoneses. Os resultados apontam semelhanças nas estratégias de diretividade por brasileiros e japoneses e diferenças nas estratégias de indiretividade empregadas por brasileiros em todos os contextos da pesquisa, ao passo que falantes japoneses as empregaram mais em contextos específicos.

Partindo dos pressupostos teóricos da teoria da polidez, de Brown e Levinson (1987), e do estudo de Dias (2010), elaboramos a tabela 1 abaixo, com destaque para as 3 variáveis da polidez: Poder (P)²², Distância social (D)²³ e tipo de relação

²² Segundo Dias (2010) as posições de Poder que o falante pode ocupar no ato de fala podem ser:
[= P1]: Situação em que o respondente interage com um familiar íntimo em suposta igualdade de poder (cônjuges).

[+ P1]: Situação em que o respondente interage com um familiar íntimo, mas detém poder legal sobre o interlocutor (pais – filhos menores).

[- P]: Situação em que o respondente interage com alguém em posição hierárquica superior (ex. funcionário – chefe, aluno – professor), estando, portando, em situação de menor poder.

[= P]: Situação em que o respondente tem tanto poder quanto seu interlocutor (amigos, desconhecidos).

[+ P]: Situação em que o respondente interage com alguém em condição hierárquica inferior (chefe – funcionário), ou seja, o falante está em posição de maior poder.

[+ P2]: Situação em que o respondente interage com um desconhecido, que está em situação de menor poder, podendo este estar a serviço do respondente (passageiro – motorista de taxi) ou não (policia – motorista). (Dias, 2010, p. 102).

²³ Sobre a relação de Distância, Dias propõe a seguinte classificação:

[- D] – Situação em que as pessoas envolvidas no evento comunicativo se conhecem e têm relacionamento próximo (familiares e amigos).

[± D] – Situação em que não há tanta familiaridade/intimidade entre o falante e seu interlocutor (relações profissionais e acadêmicas).

entre os pares. A tabela contempla as 8 situações-contextos do nosso questionário e convencionamos a representação “ $F \rightarrow O$ ” para a relação de poder do falante sobre o ouvinte e a representação “ $O \rightarrow F$ ” para a relação de poder do ouvinte sobre o falante.

Tabela 1 - Análise geral do questionário

Questão	Relação de Poder (P) entre Falante (F) e Ouvinte (O)		Distância social entre F e O e vice versa		Tipo de relação entre os pares
	$F \rightarrow O$	$O \rightarrow F$			
Cenário 1 - Desconhecido segurar pelo braço	= P	= P	+	D	Pública
Cenário 2 - Desconhecido abordar a amiga alterada	= P	= P	+	D	Pública
Cenário 3 - Desconhecido seguir e insistir	= P	= P	+	D	Pública
Cenário 4 - Namorado forçando relação sexual	= P	= P	-	D	Privada
Cenário 5 - Chefe convidando para dançar	+ P	- P	±	D	Pública
Cenário 6 - Jovem convidando a dançar	= P	= P	+	D	Pública
Cenário 7 - Chefe convidando para jantar	+ P	- P	±	D	Pública
Cenário 8 - Jovem convidando para beber um drink	= P	= P	+	D	Pública

Fonte: elaboração própria.

As questões hipotéticas da 1 à 4 foram estimadas a ocorrerem em âmbito público, ou seja, carnaval de rua. As questões 5 à 8 foram estimadas no âmbito privado, carnaval em clube.

[+ D] – Situação em que o falante interage com uma pessoa totalmente desconhecida. (Dias, 2010, p. 104).

3.3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DAS RESPOSTAS

Na tabela 2 colocamos a idade e sexo dos informantes bem como o número de questionários respondidos. O total de questionários corresponde ao número de informantes, isto é, 11. Assim sendo, tivemos:

Tabela 2 - Idade e sexo dos informantes					
	Idade			Sexo	
	17 - 25	26 - 49	+50	Feminino	Masculino
Questionário 1			X	X	
Questionário 2		X		X	
Questionário 3		X		X	
Questionário 4		X		X	
Questionário 5	X			X	
Questionário 6	X			X	
Questionário 7	X			X	
Questionário 8		X		X	
Questionário 9		X			X
Questionário 10		X			X
Questionário 11		X		X	
Total	3	7	1	9	2

Fonte: elaboração própria.

Dada a realidade de que o assédio sexual no carnaval é um fenômeno que afeta majoritariamente as mulheres, a maior participação feminina na pesquisa reflete a percepção desse grupo sobre as possibilidades de comunicar e apresentar seus limites de forma mais proximal do natural. Embora dois informantes do sexo masculino tenham colaborado com a coleta, a desproporção entre os sexos na amostra é uma característica esperada, considerando o tema específico do estudo. Essa discrepância, embora válida para a abordagem do fenômeno sob a ótica feminina, também deve ser reconhecida como uma limitação, pois pode refletir uma

perspectiva mais voltada para as vivências das mulheres em relação ao assédio e não do homem.

A idade dos informantes foi considerada um fator relevante para a análise, uma vez que a percepção e a experiência do assédio no carnaval podem variar conforme a faixa etária - onde esperamos, por exemplo, que quando a pessoa é mais velha, haja maior respeito hierárquico dos mais novos, já quando tem-se uma idade proximal, o vocabulário visa na comunicação por pares, pois a diferença entre gerações, por vezes, pode refletir a divergência em percepção do que é um assédio. Vale ressaltar que essa divergência na percepção entre as gerações - cujas vivências podem refletir uma evolução nas dinâmicas sociais e de enfrentamento do problema - são influenciadas por fatores como: ambiente em que estão inseridas essas pessoas, as mudanças das normas sociais, o comportamento coletivo e a maior conscientização sobre quais atos se configuram como assédio.

Nos parágrafos seguintes descreveremos cada uma das 8 situações hipotéticas do questionário, seguidas das respostas coletadas. Para melhor identificação dos informantes utilizaremos a abreviação “C” para o cenário, “Q” para a resposta (Questionário) do informante e o número de 1 a 11 para o respectivo informante. Por exemplo: para o cenário 1, a resposta do informante 1 leva a representação “C1Q1”, que corresponde à resposta “Que não quero dançar com ele, e que estou me divertindo com meus amigos”. Para o cenário 2, a resposta do informante 1 leva a representação “C2Q1”, que corresponde à resposta “Que ela não está bem e que vou levá-la embora, e se ele insistir chamo a polícia”. Para não corromper o dado/informação, manteremos fielmente a escrita conforme foi grafada pelo informante, incluindo pontuação e letras maiúsculas²⁴.

Vale expormos que por não termos a fala do personagem/participante, consideramos os verbos de ação presentes no enunciado para julgar sobre qual Face está em manutenção ou prejuízo, entretanto, nomeamos o personagem como Falante (F) e os respondentes como Ouvinte (O).

3.3.1 Cenário 1 – Carnaval de Rua - Desconhecido → Desconhecido/a [=P, +D]

A 1.^a questão, como exemplificada anteriormente, traz o seguinte enunciado:

²⁴ Os questionários respondidos na íntegra estarão no apêndice B ao fim deste trabalho.

Você está se divertindo com os amigos no Carnaval de rua de uma cidade do Nordeste, onde dezenas de pessoas dançam ao som de um Trio Elétrico. De repente um desconhecido te segura pelo braço e tenta te forçar a dançar com ele. Você diz ao desconhecido:

Neste caso temos uma relação pública entre os pares, na qual, segundo Brown e Levinson (1987) o poder social entre os interlocutores é o mesmo (=P) e a distância social entre eles é grande, uma vez que são ambos desconhecidos um do outro (+D). Neste cenário, o falante (F) é inconveniente com a/o ouvinte (O) mantendo contato físico indesejado segurando-o pelo braço e forçando a/o O a dançar junto, fazendo com que o descontrole emocional e comportamental do F seja uma ameaça direta à sua Face positiva, pois não há um convite, há uma contenção - segura - e um incômodo - forçar -, que não buscam a aceitação no grupo, mas sim impor a vontade do F independente do respeito mínimo para se estabelecer um bom convívio social com os interlocutores.

Como a situação hipotética apresenta o contato físico entre ambos e o interlocutor não deseja esse contato, as respostas esperadas dos 11 informantes para este cenário eram de uma abordagem com verbos imperativos que previsse a soltura do braço seguida da Dissensão direta. Tivemos como respostas:

C1Q1 - “Que não quero dançar com ele, e que estou me divertindo com meus amigos.”

C1Q2 - “Não! me solta!”

C1Q3 - “Sai daqui!”

C1Q4 - “Para! me solta.”

C1Q5 - “Me solta, eu nem te conheço. Mas respeito por favor!”

C1Q6 - “Me solta maluco”

C1Q7 - “Sai pra lá, não quero!”

C1Q8 - “moço pode fazer o favor de me soltar, não dei essa intimidade”

C1Q9 - “Tá maluco, cara! nem te conheço, seu filho da puta. mete o pé que vou chamar a polícia... Socorro!!!”

C1Q10 - “Não”

C1Q11 - “Sai fora.”

Classificando as respostas com base nos FTA's de Brown e Levinson (1987), obtemos 8 respostas *on record* sem ação reparadora e 3 respostas *on record* com ação reparadora negativa.

Considerando a inconveniência da atitude do F bem como "Normalmente, um FTA será feito dessa maneira somente se o falante não teme retribuição do interlocutor" (Meireles, 1999 p. 62), passamos a considerar as respostas dos interlocutores/ouvintes:

a) *On record* sem ação reparadora:

C1Q2 - com a negação do pedido diretamente seguida do verbo no imperativo, expondo assim sua desaprovação para com o F. Neste caso, há ameaça à Face positiva do F bem como a busca por manutenção da Face negativa do O, que busca não ter sua autonomia invadida.

C1Q3 - com a ordem direta pedindo o afastamento. A Face negativa é a prioridade da respondente aqui, buscando garantir o controle da situação.

C1Q4 - duas ordens diretas para uma ação imediata, a ouvinte O está tentando interromper a ação invasiva do desconhecido, buscando preservar sua autonomia e seu espaço pessoal, ou seja, busca manter sua Face negativa e impõe sua dissensão com a atitude do F - o que afeta a Face positiva do F.

C1Q6 - com a ordem e a adjetivação de "maluco", a O demonstra a desaprovação para com o F, pois além de aumentar a distância social entre os pares, o uso da palavra "maluco" pode ser visto como um ataque à Face positiva do outro, podendo gerar uma reação negativa. O foco principal da O está em garantir a própria liberdade e afastar a pessoa, ou seja, manter sua Face negativa.

C1Q7 - com ordem e expressão da sua recusa em não desejar aquele contato, sendo a Face negativa da O a prioridade, tendo que está reforçando a não aceitação da imposição do outro e está impondo sua ordem.

C1Q9 - adjetivação e justificativa do não desejo de contato com palavras de baixo calão seguidos de ordem e ameaça direta, bem como um pedido de "socorro" que colocam a Face do F em ameaça não somente perante esse interlocutor como todos os que estão à sua volta, visto que é declarado como uma ameaça aos demais. Neste caso, o enunciado é agressivo e direto. Meireles (1999, p. 60) afirma

que “as estratégias de polidez também podem ser usadas [...] em ataques e agressões ao interlocutor” desta forma, quando há o uso de palavras de baixo calão ou xingamentos pessoais na comunicação, podemos concluir que se trata de uma enunciação sem ação reparadora. Entretanto, como apresenta um misto de desejo em permanecer em sua liberdade e ao mesmo tempo o uso de insultos para isto, as ameaças podem prejudicar não somente a Face do F, mas a Face positiva do O também, pois é uma resposta agressiva que pode afetar a maneira como outros ao redor o percebem, mesmo que esteja tentando se defender.

C1Q10 - é direto ao utilizar somente o advérbio de negação, e ao não se prolongar, está evitando maior interação, reforçando a sua autonomia, ou seja, sua Face negativa.

C1Q11 - manifesta a sua ordem de afastamento do F de forma curta e enfática, com o verbo no imperativo, claramente direcionado para a preservação da liberdade da O, ou seja, sua Face negativa.

b) *On record* com ação reparadora:

Consideramos que os informantes C1Q1, C1Q5 e C1Q8 manifestam sua Dissensão em *on record* com ação reparadora negativa, uma vez que, segundo Brown e Levinson (1987, p. 91), “a polidez negativa consiste em fazer o FTA registrado, com ação corretiva direcionado ao desejo perene do destinatário de não ser imposto”²⁵.

Assim, a respondente C1Q1²⁶ justificou a sua negativa e não apresentou a ordem de soltura do seu braço, somente manifestou o desejo em não dançar com o F - suavizando o comportamento por parte do F -, provavelmente para se manter cortês ao primeiro momento, visto que a respondente indicou ter mais de 50 anos e espera-se que quanto mais madura a pessoa aparenta ser, mais respeito ela imponha socialmente, além de que mesmo manifestando o seu desejo em liberdade de escolha - sua Face negativa - a respondente faz questão de destacar que está se divertindo com seus amigos, afirmando que sua escolha está sendo feita dentro de

²⁵ No original: negative politeness consists in doing the FTA on record, with redressive action directed to the addressee's perennial want to not be imposed upon.

²⁶ Embora a resposta do questionário de C1Q1 esteja no discurso indireto, para efeitos de análise consideramos sua intenção de fazê-lo discurso direto. A mesma observação vale para C2Q1 mais a frente.

um contexto social positivo e desejado. Neste primeiro momento, não consideramos a resposta como uma potencial ameaça à Face do F, pois "estou me divertindo" tenta explicar ou minimizar o impacto da recusa, o que pode ser considerado, segundo Brown e Levinson (1987), uma forma de reparação negativa, mitigando o potencial impacto de um FTA.

A respondente do C1Q5 apresenta a ordem diretamente o que deixaria sua Face positiva afetada inicialmente visto que apresenta sua imposição "Me solta", mas profere a adição de "eu nem te conheço", como uma forma de justificar o motivo de sua ordem, bem como "Mas respeito, por favor!" que pode ser vista como uma tentativa de suavizar o impacto da recusa e solicitação a qual prevê um comportamento mais respeitoso por parte do F, ou seja, mesmo ameaçando sua Face positiva e evidenciando sua Face negativa ao demonstrar seus limites, dependendo da enunciação pode-se soar como uma atenuação de uma repressão sugestiva, e não uma ordem direta, o que afeta sua Face negativa.

Já a respondente do C1Q8 profere "moço" e "pode fazer o favor" como uma tentativa de suavizar a tensão inicial gerada, seguindo da explicitação justificada em "não dei essa intimidade" que atua como uma reparação negativa, pois a respondente está tentando restabelecer uma linha de respeito, afastando o comportamento anterior e expressando sua atitude de reprovação ante o F, além de reforçar a distância social entre eles, ou seja, neste caso a respondente está buscando a manutenção de sua Face negativa com seu desejo em permanecer como está, bem como em não soar rude e prejudicar sua Face positiva perante o social ao dar uma recusa ao desconhecido.

Todas as respostas, de C1Q1 à C1Q11 apresentam a Dissensão direta, pois apresentam verbos imperativos ou negativa direta.

3.3.2 Cenário 2 – Carnaval de Rua - Desconhecido → Desconhecido/a [=P, +D]

A 2.^a questão traz a proposta de uma relação pública entre os pares, onde o poder social entre eles era o mesmo (=P) e a distância social era agravada por serem desconhecidos (+D). Nesta questão, o F é inconveniente com a amiga da/o O, ameaçando a Face positiva do F, que demonstra não se importar com a liberdade

de espaço das interlocutoras/ouvintes. Ademais, o F não segura a amiga pelo braço, mas sim tenta puxá-la, fazendo com que a/o O - a pedido da amiga que está alterada pelo consumo de bebida alcoólica - tenha que intervir. Na 2.^a questão temos o seguinte enunciado:

Você está se divertindo muito com tua amiga no bloquinho. Ela te pede ajuda e você percebe que ela está um pouco alterada pelo consumo de bebida alcoólica e que um desconhecido está tentando puxá-la. Sabendo que ela não quer esse contato físico com esse desconhecido e que está alterada, você diz a ele:

Como a situação hipotética apresentava a intervenção da/o respondente no contato físico entre terceiros - sendo a amiga alterada pelo consumo de bebida alcoólica e não desejando o contato físico de um desconhecido - e considerando a proximidade da interlocutora com a assediada (-D e =P) -, as respostas esperadas para essa questão eram de uma abordagem com verbos imperativos que previsse a soltura da amiga, seguida ou não da expressa reprovação por tal atitude do F. Tivemos como respostas:

C2Q1 - “Que ela não está bem e que vou leva-la embora, e se ele insistir chamo a polícia.”

C2Q2 - “não quero! Solicito que solte minha amiga se for necessário, irei chamar a polícia!”

C2Q3 - “Ela não pode ficar com você agora!”

C2Q4 - “não está vendo como ela está? Poderia deixá-la em paz?”

C2Q5 - “Da licença, espero que tenha percebido que ela não está em condições!”

C2Q6 - “Sai daqui ou eu chamo a polícia”

C2Q7 - “Ta ficando maluco? Sai fora imbecil!”

C2Q8 - “não, ela não está bem. E tiraria ela daquele espaço”

C2Q9 - “cai fora, cara! minha amiga veio comigo e vai voltar comigo. Vaza, seu babaca.”

C2Q10 - “Não força a barra, estamos juntos, deixe ela.”

C2Q11 - “Deixa a menina em paz!”

Classificando as respostas com base nos FTA's, obtemos: 5 respostas *on record* sem ação reparadora e 6 respostas *on record* com ação reparadora negativa. Abaixo apresentaremos nossa justificativa para a classificação.

Tendo em vista que, de acordo com Brown e Levinson (1987), “a opção por fazer o FTA diretamente e sem ação de compensação geralmente ocorre quando o falante está mais interessado em transmitir informação com o máximo de eficiência, do que em preservar as Faces.” (Meireles, 1999, p.112) consideramos as respostas:

a) *on record* sem ação reparadora:

C2Q3, que responde de forma direta e clara sua afirmação de uma percepção contextual e, mesmo que use o marcador temporal “agora”, não consideramos como uma tentativa de suavizar sua reprovação para com o F, pois não há prolongação da justificativa. Assim, ela não se preocupa nem em preservar sua própria Face, nem a do F, só quer retirar a amiga da situação de pronto.

C2Q6 apresenta uma ameaça direta à Face do F, visto que a respondente dá a ordem e afirma a sua decisão em acionar as autoridade caso o F não se retire, assim, coloca em evidência sua Face negativa e não usa de estratégias polidas para suavização da imagem do outro, o que ameaça sua Face positiva.

C2Q7 além de usar verbos no imperativo, adjetiva duas vezes em sua enunciação com “maluco” e “imbecil”, o que torna sua fala agressiva e ameaça diretamente a Face positiva do F que está recebendo a total desaprovação da interlocutora. Entretanto, também ameaça a Face positiva da respondente, pois está em meio a outras pessoas desconhecidas - que podem se sensibilizar com a situação ou não -, se envolvendo em um conflito e adjetivando terceiros.

C2Q9 é objetivo, pois além de expressar a ordem direta “cai fora”, adjetiva o F como “babaca”. Ainda, o respondente apresenta a (-D) entre ele a amiga com o “minha” representando a posse da amizade e evidenciando (+D) entre o F e eles, assim, ameaça ambas Faces positivas envolvidas.

Em C2Q11 a respondente está afirmando a sua estima para com a amiga, sem esforço nenhum de reparação para com o F, ela expressa seu desejo com verbo imperativo afirmando que o equilíbrio “paz” foi quebrado quando o F invadiu o

espaço da amiga, assim, tem-se a ameaça à Face positiva do F e a expressa vontade das interlocutoras em manter seu espaço preservado (Face negativa).

b) *on record* com ação reparadora:

Consideramos *on record* com ação reparadora negativa C2Q1, C2Q2, C2Q4, C2Q5, C2Q8 e C2Q10, pois apresentam condicionais ao assediador ou retirada do local para evitar potenciais conflitos ou suavização do comportamento do outro. Vale ressaltar que:

As estratégias de Compensação Negativa, desse modo, visam a distanciar o falante de seu interlocutor, (para evitar invadir seu espaço privado) ou do ato de ameaça à Face (a fim de dissociá-lo do mesmo e evitar represálias do interlocutor). A necessidade de enfatizar o reconhecimento da individualidade do interlocutor e da existência de razões prementes para a expressão da Dissensão levam o falante a procurar dissociar-se, tanto quanto possível, da imposição. (Meireles, 1999, p. 141)

C2Q1 é direta e expressa a intenção de tirar a amiga da situação, mas ao adicionar a explicação "não está bem", a respondente tenta suavizar a recusa, justificando a ação que está motivando sua atitude naquele contexto. Além do mais, apresenta o aviso de chamar a polícia de forma condicional, o que pode ser entendido como uma tentativa de limitar conflitos. Desta forma entendemos que há uma preocupação da O em manter sua Face positiva, e pela tentativa, acaba dando certa manutenção à Face negativa do F, que tem a opção de escolha proposta pelo condicional.

Em C2Q2, assim como em C2Q1, a respondente é direta mas expressa seu desejo em linguagem mais culta "Solicito que solte" e adiciona o "se for necessário", que suaviza a agressividade da situação tentando mantê-la sob controle sem acionar as autoridades responsáveis no contexto, na tentativa de manter sua Face positiva, preserva a Face negativa do F, indicando que somente "se necessário" irá expô-lo, e assim, ameaçar sua Face positiva.

C2Q4 faz uma solicitação tentando preservar a sua Face positiva, pois entendemos que ao proferir a primeira pergunta ela está ameaçando a Face positiva do F - sugerindo que o mesmo não tem percepção das condições dos outros -, mas ao sugerir que o F preserve a Face da outra O em "poderia deixá-la em paz", há

uma tentativa de suavizar o impacto do seu pedido, tornando a recusa mais polida. Neste caso, consideramos que há uma ameaça à Face positiva do F por serem duas perguntas seguidas, que denotam a reprovação da O para com o F.

C2Q5 realiza o pedido de forma cortez "Da licença" e "espero que tenha percebido" na tentativa de minimizar o impacto para justificar sua ação, que serve para mitigar qualquer mal-estar que a recusa possa causar, assim, a O busca a manutenção entre sua Face positiva (sendo educada) e a busca pelo respeito de espaço tanto seu quanto de sua amiga, ou seja, o respeito pela Face negativa de ambas.

C2Q8 a respondente dá a negativa, mas justifica sua ação para o F ao retirar a amiga do local e, embora seja uma explicação direta, a parte "não está bem" serve para atenuar a recusa e minimizar o impacto de tirar a amiga da situação a qual o F a inseriu, preservando a Face positiva da O, mas suavizando o comportamento invasivo do F, e mantendo assim, a Face negativa dele preservada.

Referente ao questionário C2Q10, poderia ser interpretado, em um primeiro momento, como uma tentativa de suavização do conflito contextual, ou seja, poderia ser entendido como uma preservação da Face positiva do F, mas quando interpretando de forma mais técnica, percebemos que há a manifestação da Dissensão que dá espaço para manutenção da Face negativa do F. Ademais, o respondente apresenta sua Dissensão em solicitar ao F que "não força a barra", mas ao enunciar "estamos juntos, deixe ela", soa como uma tentativa de apaziguar um potencial conflito explicando a razão do pedido - atitude a qual consideramos como uma manutenção da Face negativa do F -, assim, o O está buscando preservar a sua Face positiva, sem ser tão agressivo, colocando o F em uma situação de "camaradagem".

Considerando que:

Sendo a dissensão um FTA intrínseco e potencialmente desestabilizador da interação sua expressão não pode prescindir de um uso consciente das diversas possibilidades linguísticas e estratégias de Trabalho de Face a fim de minimizá-la e, assim, preservar as Faces dos participantes de seus efeitos destrutivos. (Meireles, 1999, p. 66)

Neste cenário, temos a Dissensão direta em todos os casos, mesmo que, em um primeiro momento, pareça que: C2Q5 pode aparentar uma Dissensão cautelosa

pedindo licença, mas analisando o contexto, percebemos que é uma Dissensão direta por manifestar sua percepção sobre o ato e então verbalizar a sua reprovação de percepção do F para com a O; C2Q10 inicialmente soa como um grau de camaradagem para com o F, mas se considerarmos que o respondente do Q10 é do sexo masculino e verbaliza sua “posse” sobre a O ao comunicar que estão juntos, logo podemos interpretar como uma ameaça ao F e apresentação direta da Dissensão a ele.

3.3.3 Cenário 3 – Carnaval de Rua - Desconhecido→ Desconhecido/a [=P, +D]

A 3.^a questão traz um aprofundamento da 2.^a questão. Seguindo a proposta de uma relação pública entre os pares - agora com agravante de insistência e assédio direto - onde o poder social entre eles era o mesmo (=P) e a distância social era elevada (+D). Nesta questão, o indivíduo deixa o contato com a amiga e passa a assediar a/o respondente, inicialmente seguindo ambas/os na mesma direção geográfica, posteriormente puxando a/o O pelo braço e oferecendo uma bebida e levando um fora. Não satisfeito, o F estende sua ação em atitude de assédio, onde tira a/o O para dançar no intuito de roubar um beijo da/o O. Essa situação prevê intervenção imediata para com o assediador.

A 3.^a questão traz o seguinte enunciado:

Suponhamos que esse desconhecido seja insistente e siga você e tua amiga por um tempo. Já que não conseguiu nada com sua amiga, ele te puxa pelo braço e te oferece uma bebida, você nega. Passado um tempo ele tenta te tirar para dançar e roubar um beijo o qual você não quer que aconteça. Você diz:

Como a situação hipotética apresentava agravante da situação anterior, configurando em perseguição do F para com a respondente e sua amiga e repetindo a cena de assédio para com a/o O, as respostas esperadas para essa questão eram de uma abordagem com verbos imperativos, acionamento de autoridades e repúdio do F publicamente perante aos demais. Tivemos como respostas:

C3Q1 - “Estou ligando para a polícia, covarde.”

C3Q2 - “Saía daqui!”

C3Q3 - “Vou chamar a polícia porque isso é assédio!”

C3Q4 - “Você está louco? Saia de perto de mim e de minha amiga”

C3Q5 - “Se você não me largar irei chamar a polícia. Já falei que não quero!”

C3Q6 - “Se encostar em mim de novo vou fazer um escândalo”

C3Q7 - “Se continuar com isso vou chamar a polícia.”

C3Q8 - “chamo um segurança ou alguém para tentar tirar o rapaz próximo da gente. Se tiver polícia no local, aviso os policiais.”

C3Q9 - “Já deu, sai agora daqui ou vou gritar por socorro e chamar a polícia seu ordinário”

C3Q10 - “Vou acionar a polícia”

C3Q11 - “Não me encosta. Me deixa em paz”

Classificando as respostas com base nos FTA's, obtemos: 6 respostas *on record* sem ação reparadora, 4 respostas *on record* com ação reparadora negativa e 1 resposta *off record*. Abaixo apresentaremos nossa justificativa para a classificação. Consideramos respostas dessa questão como *on record* sem ação reparadora:

a) *on record* sem ação reparadora:

C3Q1 verbaliza a sua atitude de forma direta perante a situação, bem como adjetiva o F como “covarde” para expor sua desaprovação com o F e suas atitudes, ferindo assim a Face positiva do F e ameaçando parcialmente a sua Face positiva.

C3Q2 manifesta a ordem direta e clara, sem tentativa de suavizar ou justificar a recusa; O está colocando limites em seu espaço, com a finalidade de preservar sua Face negativa, bem como com o pedido, reforça sua desaprovação quanto ao F.

C3Q4 adjetiva o F como “louco” e expressa sua ordem “saia de perto”, que torna a fala assertiva e sem tentativa de polidez, além do mais, demonstra a proximidade que tem com a outra assediada anterior, não limitando a ordem referindo somente a si, mas a amiga também; neste caso, temos a ameaça de ambas Faces positivas, da O em adjetivar ao outro, e do F ao ter publicamente sua ação reprovada pela O.

C3Q9 impõe limites, demonstra a sua desaprovação. Poderíamos até incluir essa resposta como reparação negativa pela ameaça de forma condicional aditiva “ou vou gritar por socorro e chamar a polícia”, mas considerando que o respondente

usou verbos imperativos para afastar o F e o adjetivou com “ordinário” podemos concluir que a ameaça da Face positiva do F é clara;

C3Q10 a respondente afirma seu ato de forma clara, acionando as autoridades competentes, sem dar explicações; ao expor seu ato e envolver as autoridades, a O ameaça publicamente a Face positiva do F e preserva sua Face negativa por limitar o conflito sem precisar se exaltar.

C3Q11 profere ordem direta e manifesta que a atitude do F a tirou do ponto de equilíbrio de “paz” ao qual se encontrava, mostrando assim que o F está invadindo sua privacidade de forma exacerbada, ou seja, a respondente está expressando claramente o que não quer e o que precisa ser feito para respeitar seus limites. Assim, temos a ameaça direta da Face positiva do F.

b) As respostas *on record* com ação reparadora negativa se encontram nos questionários:

C3Q3 em um primeiro momento aparenta estar dando uma resposta *on record* sem ação reparadora, mas quando afirma diretamente sua intenção de chamar a polícia justificando “porque isso é assédio” consideramos que a O está tentando minimizar qualquer mal-entendido ou questionamento por parte do F. Podemos ter uma interpretação equivocada quanto a esta resposta, entretanto em nossa percepção a respondente coloca em risco a Face positiva do F, mas ao justificar sua atitude, demonstra preocupação com a sua própria Face positiva.

Os questionários C3Q5, C3Q6 e C3Q7 apresentam um condicional “se” já no início da fala, o que evidencia que o assédio repetitivo do F não foi o suficiente para se tomar uma iniciativa mais brusca neste contexto. Ao apresentar o condicional, as respondentes estão preservando a Face negativa do F dando uma rota de escape ao F pois:

Os atos diretivos (pedidos, ordens, sugestões, avisos) e os comissivos (promessas, ameaças, recusas) representam uma ameaça à face negativa do ouvinte, pois o falante age com uma certa pressão para que o ouvinte execute alguma ação particular. (Santos, 2009, p. 57 - 58)

Além do mais, segundo Meireles (1999) quando colocamos em preservação a Face negativa do interlocutor - respeitando seu espaço e o deixando mais confortável na situação - compreendemos que:

O uso dessa estratégia demonstra respeito e deferência; evita que o falante incorra em débitos ou visa minimizá-los; mantém distância social e evita excessiva familiaridade, além de diminuir a tensão através do oferecimento de pretensas rotas de escape. (Meireles, 1999, p. 63)

O C3Q5 além da condicional, expressa a intenção de chamar a polícia, mas também expressa uma justificativa direta "Já falei que não quero", tentando mitigar a recusa e explicar a razão da ação fala; Deste modo, a O está tentando estabelecer limites e preservar sua Face negativa, mas sua preocupação com manter a Face positiva se sobressai e por essa razão, dá condicional ao F.

Em C3Q6 há a ameaça de uma ação somente se houver uma outra atitude de assédio por parte do F, mas, ao apresentar o condicional, nos parece mais que a O deseja preservar sua Face positiva - não manifestando seu "escândalo" -, entretanto, toda vez que se apresenta um condicional ao outro, há a possibilidade dele escolher preservar sua Face negativa, evitando conflitos que ameçam sua Face positiva. Ora, se houver o próximo assédio a respondente irá gritar e expor a imagem pública do F, se não houver, a Face do F será preservada.

C3Q7 expressa uma ameaça, mas também oferece uma explicação "se continuar com isso", o que ajuda a justificar sua ação e reduz as potenciais ameaças para com o F. Ao dar "brechas" para o F decidir sua próxima ação, a O está preservando a Face negativa do mesmo, o dando liberdade de escolha, e de certa forma, preservando sua Face negativa também.

c) Neste cenário tivemos uma resposta/atitude *off record*, no C3Q8.

A respondente é indireta ao F não comunicando sua ação, simplesmente a O aciona os seguranças e as autoridades, agindo de maneira que sua Face é preservada e evitando o conflito direto com o F. Tal comportamento revela que o F ultrapassou todos os limites pré-estabelecidos, e que seu comportamento foi

invasivo o suficiente para que a O buscasse ajuda das autoridades competentes para conter as ações invasivas que o F estava tendo para com ela.

Desta forma, temos um caso de Dissensão velada, pois C3Q8 apresenta sua insatisfação, não verbalizando diretamente ao F, mas sim demonstrando através de sua atitude que não desejava aquele contato, assim, comprovando que não precisa necessariamente a verbalização do “não” para ele ser comunicado.

3.3.4 Cenário 4 – Carnaval de Rua - Namorado → Namorado [=P, -D]

A 4.^a questão traz a hipotética em uma relação privada entre os pares, onde o poder social entre eles era o mesmo (=P) e a distância social era inferior (-D), visto que são namorados. Nesta questão, o parceiro não tenta fazer o contato físico de forma suavizada mesmo se presumindo que ele tenha liberdade para tocar fisicamente a sua parceira, mas ao invés de agir civilizadamente, ele a puxa para um canto e força uma relação sexual ao qual a namorada não consente. Este cenário não contemplou dupla interpretação entre ser o homem ou a mulher o/a assediador/a, limitou o assédio somente vindo de um homem.

A questão apresenta o seguinte enunciado:

Suponhamos que você tenha bebido um pouco no bloquinho e não foi afetada a sua lucidez. Seu namorado se julga mais “sóbrio” e te puxa para o canto para forçar uma relação sexual a qual você não consente. Você diz:

Como a hipotética apresentava o consumo de bebida alcoólica sem influência na lucidez da O, e a malícia em se aproveitar da situação por parte do seu namorado, esperávamos respostas de recusa, mas não tínhamos dimensão de como essa recusa ocorreria, pois, cada pessoa têm um tipo de relacionamento com suas regras e limitações, além de que cada pessoa responderia com base em sua experiência amorosa. Consideramos o ato do parceiro forçar uma relação sexual em um ambiente público já como assédio, entretanto quem vive em um relacionamento abusivo, por exemplo, pode considerar somente mais uma atitude de desejo de seu parceiro.

Como resposta tivemos:

C4Q1 - “Para com isso o que está pensando.”

C4Q2 - “não gosto disso. Prefiro que você me leve para casa.”

C4Q3 - “não vou fazer isso aqui e agora.”

C4Q4 - “Não quero. Respeita.”

C4Q5 - “Essa sua atitude não me agradou!”

C4Q6 - “Vai se foder, cara, eu não quero”

C4Q7 - “Eu não quero agora.”

C4Q8 - “me recuso a ter relação e termino o namoro.”

C4Q9 - “Para eu não quero e não vou fazer nada!”

C4Q10 - “M/A”

C4Q11 - “Aqui não. Não tô afim.”

Considerando que a proximidade entre um casal de namorados tende a ser maior, é esperado que, em uma relação considerada saudável, a dinâmica de poder entre os parceiros seja relativamente equilibrada. No entanto, em casos de desequilíbrio emocional — como quando um dos indivíduos apresenta traços de transtorno psicológico, como o narcisismo, e o outro demonstra características de dependência afetiva — a relação de poder pode se tornar assimétrica. Nesses casos, pode haver pressão emocional ou receio por parte de um dos parceiros ao expressar sua vontade, dado que a reação do outro — ainda que se configure como o agente da conduta inadequada — tende a ser instável e imprevisível.

Esse tipo de situação levanta um debate relevante sobre a terminologia mais adequada para nomear certas condutas no âmbito relacional. Quando se trata de interações entre pessoas com vínculo afetivo, especialmente em contextos informais e privados, como o namoro, é possível encontrar divergência na forma como determinados comportamentos são classificados. Em determinadas leituras, a ausência de consentimento explícito e o desconforto causado ao interlocutor poderiam caracterizar o ato como uma forma de assédio, mesmo dentro de uma relação afetiva. Por outro lado, há interpretações que compreendem tal comportamento como uma inconveniência relacional, considerando o contexto de intimidade e as dinâmicas próprias de cada casal.

Tendo em vista essa ambiguidade interpretativa, optamos por apresentar duas possibilidades analíticas para o cenário em questão: a primeira (a) considera o

comportamento do falante como um ato de assédio, com base na violação da autonomia do outro e nos efeitos negativos sobre sua imagem pública; a segunda (b) o trata como uma inconveniência, entendida como uma quebra de expectativa comunicativa que, embora incômoda, não necessariamente configura uma violência simbólica mais grave. Ambas as leituras permitem observar como a interpretação depende do contexto relacional, das posições sociais e afetivas dos interlocutores e das normas implícitas que regem o uso da linguagem. Vejamos:

- a) Quando a ação do falante (F) é interpretada como um ato de **assédio**, estamos diante de uma violação direta à Face negativa do ouvinte (O), isto é, ao seu desejo de ter liberdade de ação e autonomia. Mesmo em contextos de intimidade, como em relações afetivas, a ausência de consentimento explícito — especialmente diante de um comportamento persistente — pode configurar uma ameaça à imagem pública do interlocutor, pois desrespeita seus limites pessoais e ignora sinais verbais ou não verbais de recusa. Nesse caso, a polidez negativa é negligenciada, e o falante adota uma postura que pode ser interpretada como invasiva, deslocando a interação para um campo de violência simbólica, ainda que sutil.
- b) Quando o comportamento de F é interpretado como uma **inconveniência**, considera-se que, embora tenha gerado desconforto, não houve uma transgressão suficientemente grave para ser classificada como assédio. Nesse cenário, o ato é compreendido como uma falha pragmática dentro de uma relação íntima, possivelmente marcada por desequilíbrios emocionais, mas sem intenção manifesta de coação. Trata-se de uma ameaça leve à Face negativa de O, que poderia ter sido minimizada com o uso de estratégias de polidez — como pedidos indiretos ou checagem prévia de consentimento. Assim, o comportamento é classificado como uma quebra de expectativa comunicativa, sem necessariamente configurar uma violência simbólica

São inúmeras as situações e os fatores problemas para interpretar uma relação, mas em nosso enunciado, se deduz que esta relação não está ocorrendo

de forma saudável, até porque se assim o fosse, não ocorreria a abordagem de forma totalmente invasiva do F, ameaçando a Face Negativa do/a O, sendo assim, em parte das análises, o comportamento de F é interpretado como assédio; em outros momentos, no entanto, é compreendido como uma inconveniência, a depender do grau de ameaça à Face do interlocutor e da leitura contextual da interação.

Classificando as respostas com base nos FTA's e em nossas interpretações, tivemos: 4 respostas *on record* sem ação reparadora; 6 respostas *on record* com ação reparadora negativa; ainda, tivemos uma resposta a qual consideramos que o respondente optou em não realizar o FTA. Abaixo apresentaremos nossa justificativa para a classificação.

a) *On record* sem ação reparadora:

C4Q1 com uma ordem direta a fala é clara ao expressar sua reprovação da respondente ante o namorado, ameaçando assim ambas Faces positivas.

C4Q6 é claramente agressiva, com o uso de palavrão e uma recusa direta onde impõe sua vontade. Neste caso, além de demonstrar a total reprovação e o desequilíbrio entre eles, demonstra também não se importar com a possível reação do F; há ameaça à Face positiva do F, bem como da O, que adjetiva seu companheiro publicamente.

C4Q8 faz a recusa direta, toma uma atitude firme e decisiva que demonstra além da sua reprovação para com a atitude do F como a falta de vontade em permanecer com o F em sua vida, assim terminando o namoro, o que reflete sua total autonomia e preservação da Face negativa, já quanto ao F, ao demonstrar a total reprovação bem como o desejo em cortar o/a F de sua vida, a O ameaça diretamente o/a F positiva dele/a.

C4Q9 expressa ordem e está afirmando de forma clara e sem justificativas o que não quer fazer, sem nem dar opções para que o F a questione, ao demonstrar que não quer, impondo sua vontade e afirmando que não irá fazer nada que lhe tire de seu conforto, o/a O está preservando sua Face negativa, bem como manifestando sua desaprovação para com o F.

b) *on record* com ação reparadora negativa:

Para os casos *on record* com ação reparadora negativa, há a possibilidade de os/as respondentes optarem por utilizar desta estratégia para não prejudicar a relação com seu parceiro, sendo hipotéticas aceitáveis: a insegurança pessoal quanto à reação expressada por seu parceiro, que por vezes pode ter agressões físicas, verbais ou psicológicas; insegurança de o parceiro cortar o contato futuro com o/a O por ele/a se negar à algo que ele quer e na hora que ele quer; medo do/a O desagradar ou de expor publicamente o companheiro e se prejudicar; e por último, em um relacionamento tido como “saudável”, há a insegurança em chatear o parceiro com a Dissensão expressa; ambos estão relacionados com o apego emocional entre os pares, especialmente do/a O para o F. Assim sendo temos:

C4Q2 expressa seu desagrado de forma direta “não gosto disso”, e recomenda “Prefiro que você me leve para casa” como uma tentativa de suavizar o conflito oferecendo uma alternativa mais aceitável reduzindo as chances de um confronto direto, minimizando o impacto do FTA no parceiro. Neste caso, há a preservação das Faces negativa do casal, pois temos a O expressando sua Dissensão e demonstrando compreender que a possível alteração pela bebida alcoólica não está sob sua pessoa mas sim em seu parceiro, desta forma, sugere a retirada do local para evitar que o ato incômodo ocorra - ao menos em público - novamente e o comportamento de seu parceiro seja julgado pelos demais. Por outro lado, podemos ter a interpretação de que o namoro vai bem entre ambos - visto que ela expressa sua Dissensão sem exaltação e impondo seus limites ao companheiro, revelando uma possível liberdade entre ambos - e que a alternativa de se dirigir até em casa é pela intimidade ocorrer no âmbito privado deles, ainda, uma outra opção para considerarmos, é a da estima da O sobre a consciência de que o ato do companheiro seja processada, no trajeto para a casa, por ambos os lados e assim ocorra uma conversa no âmbito particular. De qualquer maneira, há a preservação de ambas Faces negativas.

C4Q3 expressa a recusa, mas usa o marcador local “aqui” e o marcador temporal “agora”, que infere ao parceiro que em outra situação e em outro momento tal ato pode acontecer, ou seja, dá a perspectiva futura ao F e minimiza seu

comportamento invasivo. Ao minimizar a inconveniência e dar perspectiva futura para o ato sexual ocorrer em outro local, a O preserva a Face negativa do seu parceiro e busca manter sua Face positiva para com ele.

C4Q4 nos gera dúvidas quanto à interpretação, pois como não temos o registro oral de pronúncia, nossa interpretação pode ser ambígua, tanto para uma resposta *on record* sem ação reparadora - quando interpretamos de forma mais grosseira - como *on record* com ação reparadora negativa - quando temos a pronúncia mais suave. Consideramos a segunda opção tendo em vista que: a O expressa sua Dissensão e adiciona o imperativo "Respeita", visando minimizar o impacto da recusa, que atua como forma de reparação negativa já que a O está tentando manter a situação sob controle e evitar um confronto direto com o F. Consideramos que, ao impor seu espaço, a O está preservando sua Face negativa, mas também está dando espaço para o F voltar ao seu espaço e manter sua Face negativa, para compreender os motivos que levam a O pedir um comportamento o qual ela identificou a ausência - o respeito - e dessa forma, continuar em equilíbrio a Face positiva do F para com a O.

C4Q5 está fazendo sua Dissensão direta, mas como expressa de forma suave seus limites, presume-se que o relacionamento está em construção. Consideramos como reparação negativa pois ambos mantêm sua Face negativa preservada, visto que a O foca na atitude de desagrado e não um desagrado com o companheiro diretamente, demonstrando a ele que seu prestígio continua, mas sua ação pode desequilibrar o relacionamento caso ele não se contenha. Ao se expressar de forma suavizada impondo indiretamente seu espaço, a O preserva sua Face negativa.

C4Q7 afirma que não quer ter a relação usando do marcador temporal "agora" que atua como uma justificativa para mitigar o impacto de sua Dissensão, soando como uma reparação a Face negativa de ambos, pois a O preserva seu espaço mas ao dar o marcador temporal deixa pressuposto que em outro momento - que não seja o agora - tal ato forçado ocorrerá, assim dando perspectiva futura da ação ao parceiro.

C4Q11 em um primeiro momento parece soar como *on record* sem ação reparadora, mas por usar o marcador de lugar e justificar "não tô afim" como uma maneira informal de expressar desinteresse para aquele momento, se enquadra

como preservação da Face negativa do F. Se não houvesse o marcador de lugar que transmite a ação para o futuro justificado da vontade da O, a Face positiva dela seria afetada, dessa forma, há o equilíbrio em jogar a ação para o futuro antes de apresentar sua justificativa para não seguir adiante.

c) Não realizou o FTA

Em relação ao C4Q10, apesar de haver dúvidas quanto à grafia da primeira letra, consideramos a anulação do respondente como “Me Abstenho” ou “Não Aplica”. A resposta não se posiciona de forma direta nem afirmativa, e há uma anulação de um posicionamento claro, o que pode ser classificado como um não envolvimento direto com a situação e nem tentativa de preservar a Face dos envolvidos de forma ativa, assim, concluímos que o respondente C4Q10 optou em não realizar o FTA. Não realizar o FTA acarreta em não expor e nem ameaçar as Faces envolvidas.

Brown e Levinson apontam que:

Um ponto de vista conversacional também nos direciona para o uso do silêncio cuidadosamente localizado como um meio de realizar um FTA, mesmo quando nossa super estratégia 5 (Não fazer o FTA de jeito nenhum) é recomendada [...] (Brown; Levinson, 1987, p. 295)²⁷

Claro, poderíamos interpretar também o silêncio como uma afirmativa para que a ação ocorra, ora, o silêncio por vezes pode deixar dupla interpretação, sendo afirmativa ou negativa para a atitude.

Contudo, assumimos que também a ausência de resposta - que também é uma resposta - pode ter se dado por uma falha em nosso enunciado, que não apresenta dupla interpretação e por ser um homem o respondente do C4Q10, não houve a interpretação necessária, ou seja, nosso enunciado não teve relevância o suficiente para que ele interpretasse e respondesse o necessário.

²⁷ No original: A conversational viewpoint directs us also to the use of carefully located silence as a means of accomplishing an FTA even where our super-strategy 5 (Don't do the FTA at all) is enjoined. Thus, in Tamil, polite acceptances may be conveyed by deliberate silences [...].

Vale-se de grande importância considerarmos que por vezes, em casos de relacionamentos abusivos, a vítima pode sofrer em silêncio agressões físicas, psicológicas e verbais, além de que por vezes somente a denúncia não resolve o problema da vítima.

Em situações como a hipotética apresentada, a percepção dos limites pessoais pode variar significativamente entre os indivíduos. Muitas vezes, a ausência de limites bem definidos ou o desconhecimento dos próprios limites contribuem para que a linha entre o que é considerado aceitável e o que configura uma conduta abusiva se torne tênue. Um cenário em que o parceiro se considera mais lúcido ou sóbrio para avançar sexualmente sobre a namorada, a quem julga estar em estado de vulnerabilidade, revela muito mais sobre a falta de respeito e discernimento por parte do agente do comportamento inadequado do que sobre qualquer forma de recusa ou consentimento da parceira.

3.3.5 Cenário 5 – Carnaval em um Clube - Chefe → Funcionária [+P, ±D]

A 5.^a questão traz uma proposta problemática. A hipotética parte de uma relação pública entre os pares, onde o poder social entre eles é diferente, sendo o chefe (+P) dominante e assim, a distância social é significativa por pertencerem a uma hierarquia social diferente (±D). Neste caso, o F não é desrespeitoso, pois convida a O a dançar sem ao menos encostar nela, e por vezes até esse momento pode haver somente o intuito de se aproximar da O sem segundas intenções.

O enunciado da situação hipotética é:

Você está dançando em um baile de carnaval no clube da tua cidade com teus amigos. De repente o chefe da seção (departamento ou escritório) da empresa em que você trabalha se aproxima e te convida para dançar. Você não está nem um pouco a fim de dançar com ele. Você diz ao chefe:

Mesmo fora do contexto habitual, as respostas estimadas eram de deferência, visto que as relações pessoais externas entre os pares podem influenciar nas relações profissionais. Como resposta tivemos:

C5Q1 - “Chefe aqui não é a empresa, estou dançando com meus amigos...”

C5Q2 - “não. Obrigada, a colega do outro setor quer dançar. Chame ela.”

C5Q3 - “não quero dançar com você agora!”

C5Q4 - “Obrigada! não quero dançar hoje.”

C5Q5 - “Peço desculpas, mas não estou afim.”

C5Q6 - “Não, valeu”

C5Q7 - “Não, obrigada! Estou acompanhada e sou comprometida.”

C5Q8 - “Não, e me retiro do local.”

C5Q9 - “não, obrigada. Estou acompanhada.”

C5Q10 - “não quero dançar”

C5Q11 - “não gosto de me envolver com colegas de trabalho.”

Classificando as respostas com base nos FTA's, obtemos: 4 respostas *on record* sem ação reparadora; 2 resposta *on record* com ação reparadora negativa; 4 respostas *on record* com ação reparadora positiva e 1 resposta *off record*. Abaixo apresentaremos nossa justificativa para a classificação.

a) Como *on record* sem ação reparadora:

C5Q3 apesar de usar o marcador temporal “agora” - que seria um indicador de débito futuro -, a O expressa sua recusa imediata e clara afetando diretamente a Face positiva do chefe, pois, ao destacar “com você”, a O utiliza uma estratégia de polidez recusando não apenas a proposta, mas atribuindo o motivo da recusa à presença do próprio interlocutor, o que acentua a ameaça à Face positiva deste.

C5Q6 é direta e sem explicações, o que pode ser percebido como uma recusa abrupta, além de que o “valeu” - que pode ser considerada uma forma informal de agradecimento - neste caso não diz respeito ao agradecimento do convite, mas sim em a respondente permanecer em seu espaço privado sem ser ininterrupta. Há a ameaça da Face positiva da O, em não abrir espaço ou mostrar deferência ao chefe fora do espaço de trabalho, revelando que seu apreço para o chefe só ocorre no âmbito privado, bem como a ameaça à Face positiva do chefe, que recebeu a negativa de forma curta e sem explicações.

C5Q8 é direto e não tem esforço algum ao responder mais do que o necessário, assim, não dando brechas para que haja questionamentos, se retira do local. A retirada pode significar duas coisas, sendo a 1.^a o não desejo de

permanecer perto do F, o que pode inferir que a presença do outro a incomoda e, a 2.^a como uma forma de minimizar o impacto da negativa proferida, assim ameaçando menos o F. Caso a 2.^a opção fosse confirmada, consideraríamos assim a negativa como com ação reparadora negativa, como consideramos a resposta direta e a retirada pela 1.^a opção, a consideramos sem ação reparadora, ou seja, ambas Faces positivas, tanto de F quanto de O estão sendo ameaçadas.

C5Q10 estabelece seu espaço e seus limites sem explicar seus motivos, não querer já se faz o suficiente para o O, ele assim busca preservar sua Face negativa bem como reprova o convite do F. Não consideramos que haja a ameaça significativa da Face do F, mas consideramos sem ação reparadora por o O impor sua vontade, sem dar brechas de perspectiva futura ao F.

b) Consideramos como *on record* com ação reparadora negativa:

C5Q1 apresenta o uso da indiretividade. Ao enunciar, demonstra a falta de interesse em diminuir a distância social entre ambos quando reforça, mesmo fora do ambiente profissional, que está ciente da hierarquia social entre eles - chefe e funcionária -, e assim, demonstra estar mais interessada em permanecer com os amigos que estão à sua volta e nutrir essas relações do que diminuir essa distância social com seu chefe. Ao reforçar “aqui não é a empresa” a O demonstra que naquele cenário específico o +P do chefe em parte se anula, ou seja, ela não é obrigada a aceitar porque é o chefe dela e não está sob o domínio dele. Não há comunicação direta, como por exemplo “Não quero dançar com você, por você ser meu chefe”, há uma exposição da +D e +P indiretamente. Sobre a indiretividade Dias (2010) aclara que:

Tanto a teoria de Leech (1983) quanto a teoria de Brown e Levinson (1987) sugerem uma forte relação entre indiretividade e polidez. Leech argumenta que, enquanto o conteúdo proposicional é mantido constante, o uso de formas mais indiretas geralmente resulta em mais polidez. Segundo o autor, uma razão para o uso da indiretividade é o aumento da opcionalidade dada ao ouvinte. Outra razão consiste em que quanto maior o grau de indiretividade de uma ilocução, menor e mais hesitante tenderá a ser sua força. Nessa perspectiva, um enunciado como “atenda a porta” é percebido como menos polido do que “será que você poderia atender a porta?”. Leech parte da suposição de que quanto maior a opcionalidade dada ao ouvinte, maior é a facilidade para ele dizer não e, consequentemente, o enunciado é percebido como mais polido. (Dias, 2010, p. 46)

Desta forma, em C5Q1, temos a diminuição de ameaça da Face positiva do chefe, bem como de ameaça da Face positiva da O. Ela nega, indiretamente, mas comunica sua ação justificada, dando brechas para que o chefe tenha seu espaço mantido sem violações - como diminuir seu P para interagir com a O - assim preservando a Face negativa do chefe.

C5Q5 inicia pedindo “desculpas” seguida de sua justificativa, deixando implícito seu respeito pelo chefe e seu agradecimento do convite mesmo que demonstre sua Dissensão. Há a preservação mútua das Faces negativas.

b) Para as respostas *on record* com ação reparadora positiva consideramos:

C5Q2 apresenta a recusa clara, mas sua ação reparadora positiva é dada pela justificativa oferecida em "a colega do outro setor quer dançar" minimizando assim a ameaça à sua Face negativa, porque a respondente não está simplesmente recusando, mas sugerindo uma alternativa para o F convidar alguém que a interlocutora considera uma colega. Quando apresentada a solução para a recusa, e o direcionamento da ação ocorre a compensação positiva, pois:

BROWN & LEVINSON explicam o fato de considerarem o oferecimento ou o pedido de justificativas como uma estratégia de Compensação Positiva da seguinte maneira: envolvendo e guiando o interlocutor no seu raciocínio e assumindo que o relacionamento entre ambos é baseado na reciprocidade, o falante espera que o interlocutor veja o quanto o seu procedimento é razoável e, portanto, justificável. (Meireles, 1999, p. 133)

C5Q4 que é direta mas faz a adição de "Obrigada" e justifica "não quero dançar hoje", assim buscando preservar a Face positiva do F demonstrando cortesia e explicando a recusa de forma mais amigável. Ao agradecer o F, a O está buscando não ameaçar sua Face positiva.

C5Q7 embora seja direta, agradece e apresenta uma justificativa que ajuda a proteger a Face positiva da O, afirmando que está "acompanhada" e que é "comprometida" ela não apenas recusa, mas oferece uma razão social aceitável para isso, o que suaviza a situação. Há a preservação da Face positiva do F porque a O evita confrontos futuros do F com terceiros, respeitando o convite, mas expondo sua realidade.

C5Q9, assim como o C5Q7, há a preservação da Face positiva do F mesmo que haja diretividade no enunciado. Como dá a explicação socialmente aceitável para a recusa, além do agradecimento que demonstra respeito para com o F, o O também preserva sua Face positiva.

c) Consideramos que a respondente do C5Q11 partiu da estratégia *off record*, pois:

Seja vago

Com essa estratégia, o falante faz com que sua intenção comunicativa, neste caso, a Dissensão, seja mal definida. Muitas vezes, o contexto é forte o bastante para deixar poucas dúvidas quanto à intenção do falante, mas a simples formulação vaga é suficiente para preservar, ao menos *pro forma*, a face do interlocutor (Meireles, 1999, p. 92. Grifos da autora)

C5Q11 partiu da estratégia *off record*, uma vez que é indireta ao comunicar sua intenção, permitindo que o F faça a interpretação de forma mais flexível da sua recusa e minimizando os atos que ameaçam as Faces de ambos.

Em um primeiro momento, a respondente do C5Q11 não considerou o convite na parceria de um possível contato amigável, inferiu o contato como um convite para uma relação futura, por outro lado, pode-se interpretar como uma demonstração de esperteza da C5Q11, que demonstra profissionalismo e autocontrole quando envolve relacionamentos no âmbito profissional, sendo assim mais valorizada por seu chefe futuramente.

Vale-se dizer que quando um chefe se coloca em uma situação de convite à uma funcionária, já está diminuindo a distância social entre eles, e consequentemente, diminuindo seu poder para com o/a O em aceitar o convite proposto. Arruda (2010) aponta em suas considerações:

Segundo Watts (1991), o status não é visto como sinônimo de poder, mas a sua sede. Entretanto, enquanto pessoas com alto status podem abster-se de exercer o poder, interlocutores com status mais baixo podem exercer o poder sobre pessoas com maior status. Assim, alto status nem sempre coexiste com poder. (Arruda, 2010, p. 19)

Não especificamos a relação do chefe com os/as interlocutores/as, entretanto, quando há a negativa para o chefe, espera-se insegurança por parte do/a funcionário/a de se indispor profissionalmente, neste cenário, não houve especificação se o chefe é gentil com os demais ou se ele usa a superioridade que detém para intimidar os demais e impor seu P sobre os indivíduos, entretanto, em nossa pesquisa não obtivemos respostas nulas ou “mesmo não querendo, eu iria”, o que indica que nossos respondentes têm claro como impor sua Dissensão.

3.3.6 Cenário 6 – Carnaval em um Clube - Jovem → Desconhecido/a [=P, +D]

A 6.^a hipotética traz a abordagem de um desconhecido mais jovem que o respondente, onde as relações eram de =P e +D. A hipotética se passava em um ambiente privado, onde o F convidava a/o O para dançar, sem ser desrespeitoso e sem apresentar toque físico.

A 6.^a questão traz o seguinte enunciado:

Nesse mesmo baile de carnaval da tua cidade uma pessoa mais jovem que você te convida para dançar. Você também não está a fim de dançar com ela. Você diz ao jovem:

As respostas estimadas eram de uma recusa em que se mantivesse as Faces em equilíbrio, pois o F jovem não usa de uma abordagem que necessita de algum ato que ameace a sua Face, mesmo em uma situação posterior a outro convite, que poderia aumentar o ego do O. Tivemos como respostas:

C6Q1 - “Não obrigada estou com meus amigos.”

C6Q2 - “não gosto de dançar! Obrigada!”

C6Q3 - “não quero dançar!”

C6Q4 - “Obrigada! não quero dançar hoje.”

C6Q5 - “Espero que entenda, mas hoje não vai rolar.”

C6Q6 - “Não, valeu”

C6Q7 - “Não, valeu! Estou de boa.”

C6Q8 - “digo não e troco o espaço.”

C6Q9 - “não estou afim, vaza daqui.”

C6Q10 - “não quero dançar”

C6Q11 - “sou muito mais velha que você. Procura alguém da sua idade”

Classificando as respostas com base nos FTA's, obtivemos: 4 respostas *on record* sem ação reparadora e 7 respostas *on record* com ação reparadora negativa. Abaixo apresentaremos nossa justificativa para a classificação:

a) As respostas para essa questão tidas por nós como *on record* sem ação reparadora foram:

C6Q3 expõe sua vontade de forma direta sem qualquer tentativa de suavizar sua justificativa. Mesmo que a O mantenha sua Face negativa em preservação e ameça pouco a Face positiva do F, ela não faz o uso de ação reparadora positiva ou negativa, desta forma, se enquadra em sem ação reparadora.

C6Q6 é direta com uma recusa simples, com baixa ameaça a Face negativa do F. Consideramos o “valeu” da respondente como uma tentativa de permanecer no seu espaço e manter sua autonomia, assim preservando sua Face negativa. Assim como C6Q3, consideramos esta resposta como sem ação reparadora pela O porque não utiliza marcadores para preservar o espaço ou enaltecer o F.

C6Q9 apresenta sua vontade de modo incisivo e adiciona “vaza daqui”, que impõe o distanciamento do F e intensifica a ameaça às Faces positivas de ambos envolvidos.

C6Q10 recusa de forma direta expondo sua vontade, sem apresentar justificativas que atuam como estratégias de polidez positiva ou negativa para com o F, dessa forma, a O preserva em parte sua Face negativa ao não “querer” e espera que o F entenda isso, ameaça pouco a Face negativa do F.

b) Para as respostas em *on record* com ação reparadora negativa consideramos os C6Q1, C6Q2, C6Q4, C6Q5, C6Q7 e C6Q8. Vejamos:

C6Q1 que apresenta a negativa direta, mas agradece e justifica seu motivo de recusa para o F. Minimizando o impacto de sua recusa ao agradecer o convite, a O está ameaçando pouco a Face negativa do F, pois a O justifica estar com seus

amigos - o que poderia ser um reforço da distância social entre eles - e isso diminui a tensão da sua recusa, evidenciando estar acompanhada. Consideramos que a O está mantendo em equilíbrio suas Faces positiva e negativa.

C6Q2 comunica sua recusa com a justificativa indireta de um motivo pessoal e agradece ao F, mantendo assim as Faces da O em equilíbrio e deixando o F confortável para se retirar do local entendendo que o motivo pela recusa não está nele, e sim na ação solicitada por ele, desta forma, preserva a Face negativa do F.

Não podemos esquecer que “Os agradecimentos, por outro lado, inserem-se nos atos que ameaçariam, principalmente, a imagem negativa de F, uma vez que expressa o reconhecimento de um débito com O” (Dias, 2010, p. 52).

C6Q4 com o agradecimento antes de expor sua motivação, que limita aos seus gostos, suaviza a recusa de forma que seja socialmente mais aceita pelo F minimizando assim o desconforto da recusa e preservando a Face negativa do F. Por adicionar o marcador temporal “hoje”, indica que em outro momento o convite seria bem aceito, desta forma, o débito futuro causa ameaça a Face negativa da O.

C6Q5 ao proferir “não vai rolar” é direta, mas a solicitação inicial “Espero que entenda” suaviza a Dissensão, ajuda a minimizar a ameaça à Face negativa do F mostrando consideração/empatia pelo convite que ele fez, e, ao adicionar o marcador temporal “hoje”, a O cria débitos futuros com o F, indicando que em outro momento oportuno o convite será válido. Por conta do débito futuro, a O está ameaçando sua Face negativa.

C6Q7 há a negativa direta, mas há adição de “valeu” como preservação de espaço ou gratidão informal pelo convite do F para com a O, e a expressão “estou de boa”, que ajuda a preservar a Face negativa do F, pois a O está indicando que está em sua zona de conforto e que deseja permanecer nela, assim preserva sua Face negativa.

C6Q8 faz a recusa direta utilizando somente o advérbio de negação e se retira do local, demonstrando o desconforto em estar no mesmo ambiente que o F. Entretanto, tal atitude de retirada do local pode ser vista como uma tentativa de apresentar baixa ameaça às Faces de ambos, especialmente se considerarmos a atitude de retirada como uma intenção de evitar conflitos.

C6Q11 a frase é direta, e mesmo que haja a justificativa de “sou muito mais velha que você”, há o distanciamento em ordenar que o F procure alguém com sua

idade aproximada e não a da idade da respondente, assim, mesmo sendo indireta ao comunicar sua Dissensão, ela cria mais distanciamento entre ambos, além de demonstrar que por ser mais velha, tende-se a ter mais poder hierárquico social sobre o jovem. Neste caso, como além da recusa implícita há a sugestão ainda de direcionamento de convite para o público ao qual o jovem mais se adequa, a O está ameaçando sua Face negativa, pois

A necessidade de enfatizar o reconhecimento da individualidade do interlocutor e da existência de razões prementes para a expressão da Dissensão levam o falante a procurar dissociar-se, tanto quanto possível, da imposição (Meireles, 1999, p. 141).

A análise das respostas do Cenário 6 revela a predominância de respostas classificadas como *on record* com ação reparadora negativa, revelando uma preocupação em manter a harmonia social e minimizar ameaças às Faces envolvidas.

3.3.7 Cenário 7 – Carnaval em um Clube - Chefe → Funcionária [+P, ±D]

A 7.^a questão é uma extensão da 5.^a situação hipotética, onde a/o O aceitou dançar com o chefe inicialmente e agora recebe o convite para estender a relação fora do ambiente em que se encontram. A relação entre ambos continua pública, com a distância social igual (±D) e com a relação de +P do F para com a/o ouvinte.

O enunciado contém o seguinte texto:

Suponhamos que você aceitou dançar com o chefe. Durante a dança ele te convida para jantar em um restaurante ali perto que ele conhece. Você não tem a intenção de ir jantar com o chefe. Você diz a ele:

As estimadas respostas visavam uma recusa de forma mais delicada, visto que aceitar dançar com o chefe já pode ter partido da manutenção das Faces para que a relação entre ambos neste contexto não seja prejudicial para a/o O no âmbito profissional. Como resposta tivemos:

C7Q1 - “Não obrigada já jantei.”

C7Q2 - “Desculpe. Quero sentar em minha mesa.”

C7Q3 - “Não! Já tenho outro compromisso e tenho namorado.”

C7Q4 - “Obrigada! Hoje irei jantar em casa.”

C7Q5 - “Deixamos para um outro momento, hoje não posso!”

C7Q6 - “Não quero jantar”

C7Q7 - “Não, mas agradeço o convite. Tenho compromisso depois daqui!”

C7Q8 - “não, obrigada!”

C7Q9 - “não posso tenho compromisso”

C7Q10 - “não tenho a intenção de jantar”

C7Q11 - “não. Obrigada.”

Classificando as respostas com base nos FTA's, obtemos: 1 respostas *on record* sem ação reparadora; 7 respostas *on record* com ação reparadora negativa e; 3 respostas *on record* com ação reparadora positiva.

Vale ressaltar que Brown e Levinson (1987, p. 231) afirmam que “as realizações linguísticas de estratégias de polidez positiva e negativa podem operar como um acelerador social e um freio social, respectivamente, para modificar a direção da interação a qualquer momento” e nesta situação onde o poder social do F é superior, é natural que se use mais estratégias como estas. Abaixo apresentaremos nossa justificativa para a classificação.

a) Consideramos *on record* sem ação reparadora:

C7Q6 apresenta sua Dissensão através da imposição pessoal de não querer jantar, sem ambiguidade. Não há uso de estratégias de polidez positiva ou negativa para preservar a Face do F, por ser direta e recusar um gesto de aproximação ou gentileza vindo de alguém em posição superior, há ameaça à Face positiva do F. Por tratar-se do chefe, parece que temos aqui um paradoxo porque a mesma demonstrou o desejo por autonomia - que preservaria sua Face negativa - e ao mesmo tempo pode soar ríspida ao dar uma resposta curta ao chefe, sem nem agradecer ou dar perspectiva futura - que afetaria sua Face positiva.

b) Já para *on record* com ação reparadora negativa consideramos:

C7Q2 que inicia com "Desculpe", suavizando assim a negativa e minimizando a ameaça à Face negativa do interlocutor, seguindo da apresentação da justificativa "quero sentar em minha mesa" que impõe sua vontade e também ajuda a dar um motivo aceitável para a recusa. Ao pedir desculpas, a O ameaça sua Face negativa, pois:

A forma mais comum de demonstrar deferência é provavelmente a formulação explícita de pedidos ou agradecimentos. Dessa maneira, o falante reconhece o poder ou capacidade do interlocutor e, ao mesmo tempo, mostra-se humilde, captando a simpatia do interlocutor. (Meyeres, 1999, p. 159)

C7Q3 apresenta uma recusa direta, mas inclui a explicação sobre ter "outro compromisso" e "namorado", o que suaviza a recusa e minimiza a ameaça à Face negativa do F, explicando de forma razoável o motivo para a negativa apresentada pela O. Há preservação da Face negativa da O, que demonstra estar convicta de sua atitude em permanecer em seu espaço privado.

C7Q4 ao proferir do agradecimento e apresentar a justificativa de "Hoje irei jantar em casa", suaviza a negativa e preserva a Face negativa do F ao oferecer o motivo de forma amigável. Há baixos riscos de ameaça da Face negativa da O.

Já os questionários C7Q8 e C7Q11 apresentam a mesma resposta, e as encaixamos como reparação negativa, porque o "obrigada" atua como uma estratégia mínima de polidez negativa, sinalizando respeito e reconhecimento. Por conta do agradecimento diminuindo o impacto da negativa, há preservação de ambas Faces negativas.

C7Q9 oferece a justificativa socialmente aceitável de estar em débito futuro com terceiros, e por isso nega o convite do F. Ao demonstrar que já tem compromisso e por isso a negativa ao convite, ocorre a mitigação da Dissensão da O, bem como a preservação de ambas Faces negativas.

C7Q10 com a recusa justificada por sua falta de intenção em jantar. O O sugere uma escolha já tomada, que não está ligada a um julgamento direto sobre o convite ou o F, desta forma, o O preserva sua liberdade e suaviza a negação, fazendo com que ambas Faces negativas sejam preservadas. Além de que, informar o não desejo por jantar pode estar relacionado à restrições alimentares, desta forma, ameniza o impacto da recusa.

c) Para as respostas *on record* com ação reparadora positiva:

C7Q1 agradece e adiciona "já jantei" como justificativa plausível para sua negativa ao F. Há a preservação da Face positiva do F, pois a O está demonstrando gratidão pelo convite e evidenciando que não há nenhum desinteresse pessoal, mas sim uma razão externa para a recusa, desta maneira, a O busca não ameaçar sua Face positiva também.

Além disso, vale considerar que em situação de que o F tenha +P, por vezes o interlocutor demonstra deferência. Vejamos:

A forma mais comum de demonstrar deferência é provavelmente a formulação explícita de pedidos e agradecimentos. Dessa maneira, o falante reconhece o poder ou capacidade do interlocutor e, ao mesmo tempo, mostra-se humilde, captando a simpatia do interlocutor. (Meireles, 1999, p. 159)

C7Q5 oferece a recusa, mas também justifica "hoje não posso" que sugere interesse futuro para com o F, desta forma, ao justificar sua ausência para aquele momento, ajuda a minimizar a ameaça à Face negativa, protegendo sua autonomia. Ao recusar suavemente e deixar abertura para futuro mantendo vínculo com o chefe, preserva a Face positiva do F, bem como sua própria Face positiva.

C7Q7 mesmo com a recusa direta, profere que "agradeço o convite", assim suavizando a negativa e ajudando a preservar a Face positiva do F, pois a O demonstra empatia pelo convite, além de que justifica "tenho compromisso depois daqui" para minimizar a ameaça à Face exposta explicando a recusa de forma razoável. Apesar de recusar, a fala mostra esforço em manter um laço social com o chefe, o que é típico da polidez positiva.

3.3.8 Cenário 8 – Carnaval em um Clube - Jovem → Desconhecido/a [=P, +D]

A 8.^a questão é uma extensão da 6.^a hipotética, onde a/o O aceitou dançar com o jovem inicialmente e agora recebe o convite para estender a relação fora do ambiente em que se encontram em um ambiente particular do jovem, seu apartamento. Neste caso, há segundas intenções. A relação entre ambos continua pública, com a distância social igual (-D) e com a relação de poder (=P).

Consta do enunciado o seguinte texto:

Suponhamos que você aceitou dançar com o jovem. Durante a dança ele te convida para tomar um drink no apartamento dele. Você não está a fim de sair do baile. Você diz:

As respostas estimadas eram de uma recusa mais suave, visto que novamente o F convida a/o O sem uma abordagem invasiva, além de que o contexto previa que a/o O não quisesse se retirar do baile, mas não necessariamente que não desejaria ter segundas intenções em outro momento com o F. Tivemos como respostas:

C8Q1 - “Não.”

C8Q2 - “Não quero ir! Obrigada.”

C8Q3 - “Não quero ir, não te conheço direito!”

C8Q4 - “Obrigada! Irei ficar aqui mais um pouco depois vou para minha casa.”

C8Q5 - “Ainda quero curtir aqui!”

C8Q6 - “Não, estou aproveitando aqui”

C8Q7 - “Não quero, obrigada pelo convite.”

C8Q8 - “Hoje não estou afim.”

C8Q9 - “vaza”

C8Q10 - “não estou afim de sair”

C8Q11 - “não quero.”

Classificando as respostas com base nos FTA's, obtemos: 4 respostas *on record* sem ação reparadora; 5 respostas *on record* com ação reparadora negativa; e 2 respostas *on record* com ação reparadora positiva. Abaixo apresentaremos nossa justificativa para a classificação.

a) Das respostas *on record* sem ação reparadora:

C8Q1 sem qualquer justificativa apresenta somente o advérbio de negação, deixando em ameaça ambas Faces positivas dos envolvidos, pois não há tentativas de suavização da recusa.

C8Q3 além de expressar sua negativa impondo sua vontade, expressa sua razão pela recusa - a distância social entre eles - afastando mais ainda o F e ameaçando a Face positiva do mesmo. Ao expressar sua vontade e limitar o espaço, a O está buscando preservar sua Face negativa.

C8Q9 com uma só palavra é abrupto, direto e expressa uma ordem ao F rompendo com qualquer tentativa de cortesia, dessa maneira, ameaça ambas Faces positivas dos envolvidos.

C8Q11 é direta e não apresenta qualquer tentativa de suavizar a negativa. Ao impor sua vontade de forma direta, busca preservar sua autonomia - Face negativa -, e ameaça a Face positiva do F, pois não há tentativa de manter a relação ou minimizar o impacto da Dissensão por parte da O.

b) Em *on record* com ação reparadora negativa temos:

C8Q2 recusa diretamente, mas suaviza ao agradecer, demonstrando educação ao recusar o convite mesmo que não apresenta justificativa, a cortesia ajuda a atenuar a negativa, assim coloca o peso da negação em si mesma e não ao convite, preservando a Face negativa de ambos interlocutores.

C8Q5 que embora apresente uma resposta indireta, ainda oferece uma razão pela qual a O não quer sair, sem dizer diretamente "não quero" e parecer rude ao rejeitar o convite, além do mais, deixa implicado que a O prefere continuar onde está, e por carregar a busca de preservação de espaço sem reforçar positivamente o F ou ser curta na resposta, preserva as Faces negativas de ambos.

C8Q6 que tem uma recusa direta, mas justifica "estou aproveitando aqui" que minimiza seu desacordo explicando a razão pela qual a O não quer ir, tornando a negativa mais socialmente aceitável. Por recusar com justificativa situacional, preservando a liberdade de escolha em não sair de um ambiente público para um privado, a O busca preservar sua Face negativa, e como não coloca o foco na negação do convite, preserva também a Face negativa do F.

C8Q8 impõe sua vontade pessoal sem justificativa adicional, entretanto ao deslocar a recusa com o marcador temporal "hoje", protege sua liberdade - Face negativa - sem um ataque direto à Face do F.

O C8Q10 nos deixou com dúvidas iniciais quanto a sua classificação, pois apesar de não haver uso de atenuadores como “desculpa”, “obrigada pelo convite”, “talvez depois”, C8Q10 recusa impondo sua limitação pessoal em não desejar sair do local que está, com o foco na própria disposição, sem rejeitar diretamente o outro. Assim o O está preservando sua Face negativa e causando baixos riscos à Face do F. Entretanto, nossa dúvida quanto à classificação se deu pelo baixo uso de atenuadores, pois não há uma ação reparadora nem positiva, nem negativa diretamente, assim a fala não suaviza o impacto nem ataca a Face do outro, simplesmente preserva a própria Face negativa, sem preocupação explícita com a do outro.

c) Como *on record* com ação reparadora positiva temos:

C8Q4 mantém a autonomia de forma muito educada, começando com "Obrigada" e oferecendo uma explicação sobre os planos pessoais "vou para minha casa", o que ajuda a suavizar a recusa e preservar as Faces envolvidas. Além de que ao invés de dizer “não”, a O implica que não irá se retirar naquele momento, desviando do ato de recusa direta e sem desvalorizar a proposta do F.

C8Q7 tem a recusa direta, porém ao adicionar "obrigada pelo convite" ajuda a preservar a Face positiva dos envolvidos, mostrando que o convite foi apreciado pela F. O agradecimento atua como um atenuador da recusa.

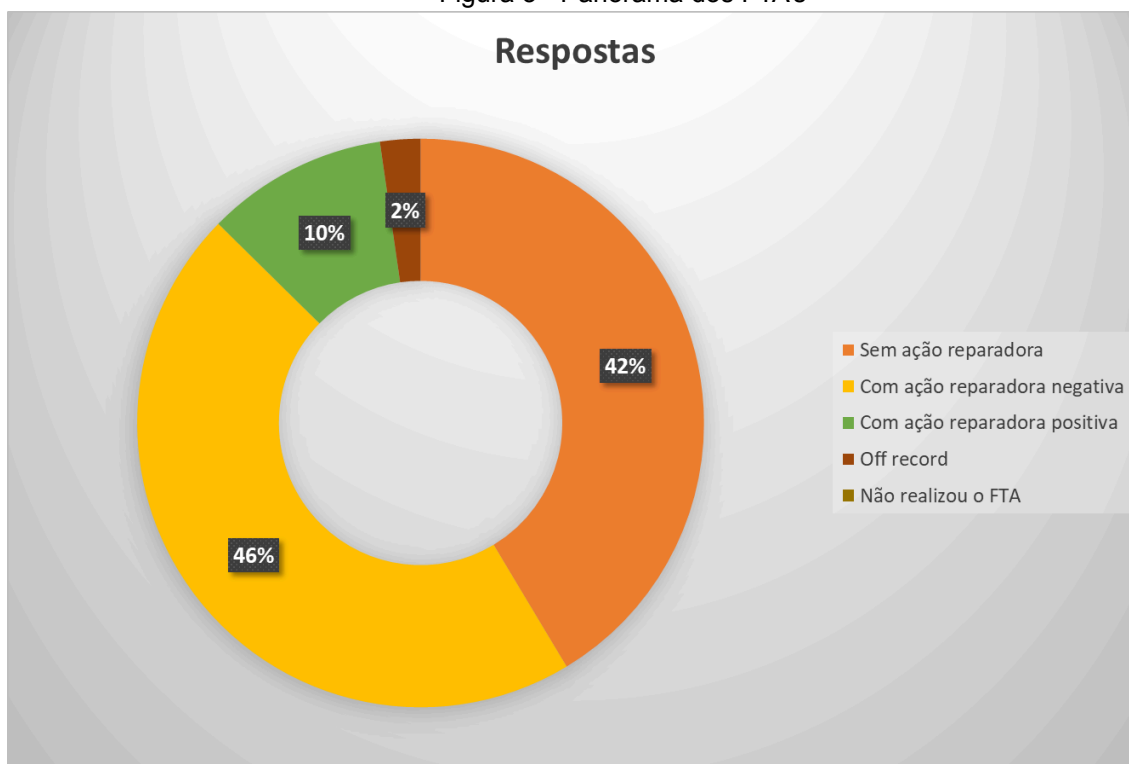
3.4 CONCLUSÃO DAS ANÁLISES

Do total dos participantes, tivemos 11 respondentes, sendo 2 homens e 9 mulheres, que responderam 8 questões hipotéticas, que nos geraram 88 respostas ao todo. Devemos considerar que nem sempre os respondentes podem ter sido honestos com a veracidade em suas respostas, além de que pudemos ter apresentado falhas em nossas interpretações.

Classificando as 88 respostas coletadas com base nos FTA's, obtivemos: 36 respostas *on record* sem ação reparadora; 40 respostas *on record* com ação reparadora negativa; 9 respostas *on record* com ação reparadora positiva; 2

respostas *off record* e 1 respondente que optou em não realizar o FTA. A representação visual desse panorama se dá pela figura abaixo:

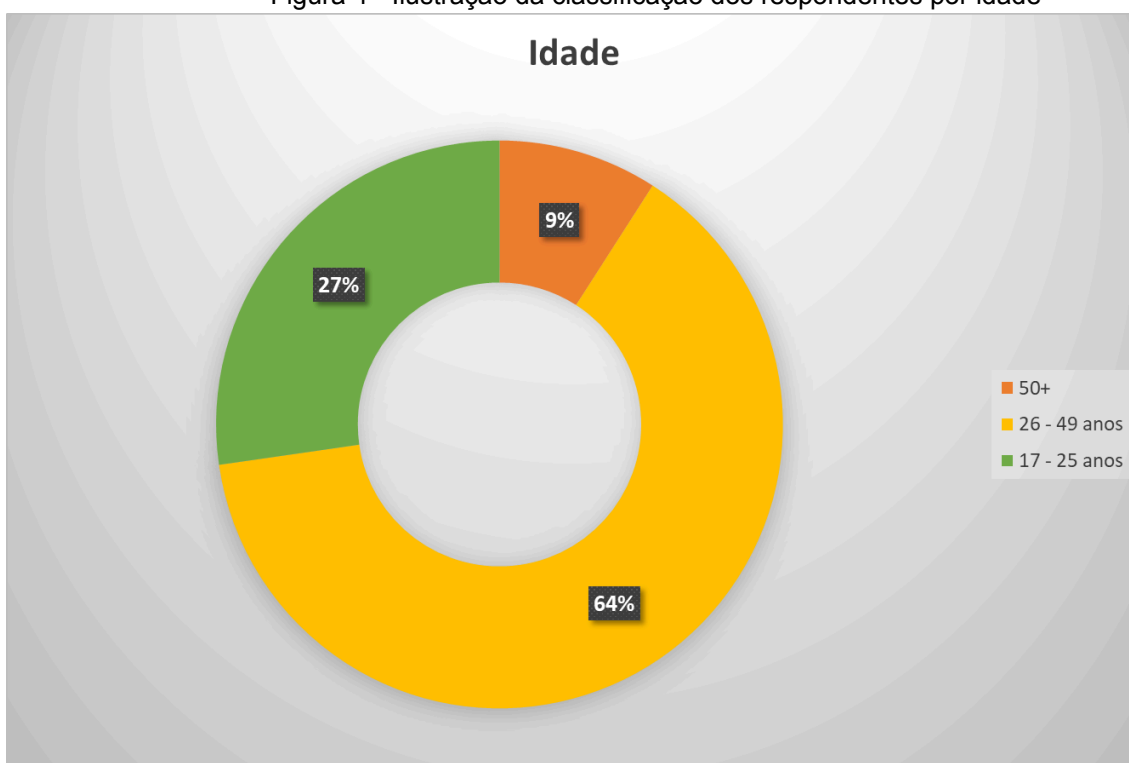
Figura 3 - Panorama dos FTA's



Fonte: autoria própria.

Ao todo, separando por idade, tivemos: 1 questionário +50 anos (Q1); 7 questionários de 26 - 49 anos (Q2, Q3, Q4, Q8, Q9, Q10 e Q11); e 3 questionários com de 17 - 25 anos (Q5, Q6 e Q7). Abaixo representaremos visualmente a classificação dos respondentes por idade:

Figura 4 - Ilustração da classificação dos respondentes por idade



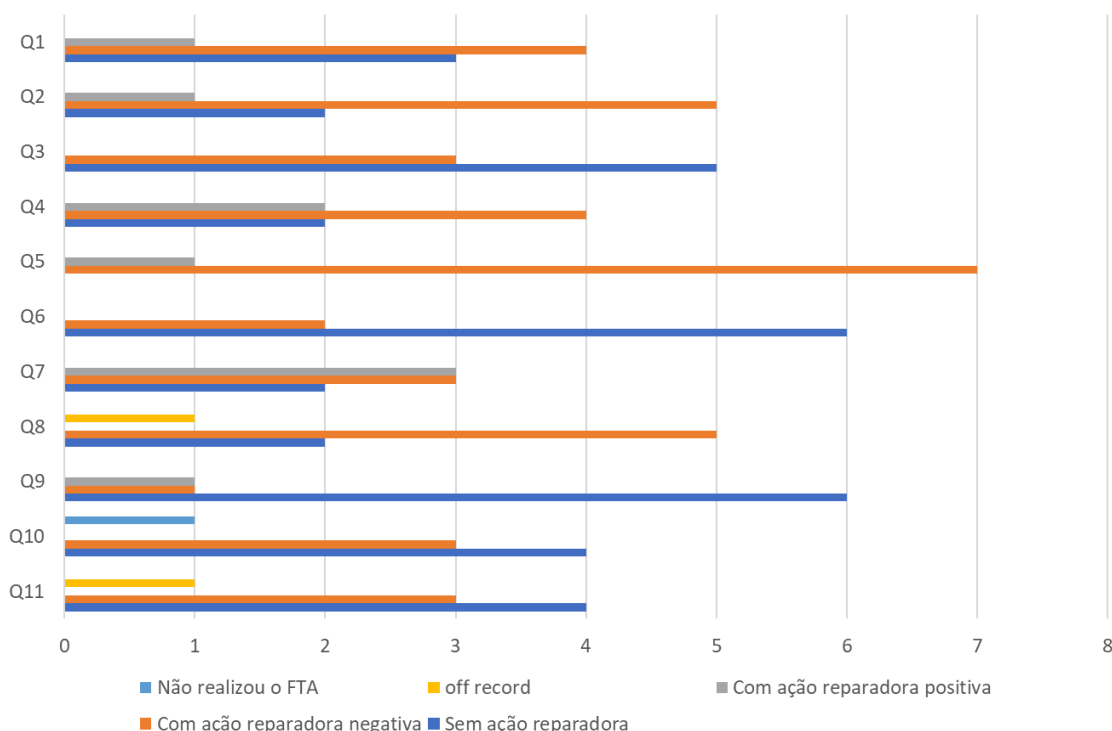
Fonte: autoria própria

Considerando ainda os questionários separados por grupos de idades, tivemos:

- 1 Grupo de +50 anos: 3 respostas sem ação reparadora, 4 com ação reparadora negativa, 1 com ação reparadora positiva;
- 2 Grupo de 26 - 49 anos: 25 respostas sem ação reparadora, 24 respostas com ação reparadora negativa, 4 respostas com ação reparadora positiva, 2 respostas *off record*, 1 abstenção - ao qual um dos participantes, do sexo masculino, optou em não realizar o FTA;
- 3 Grupo de 17 - 25 anos: 8 respostas sem ação reparadora, 12 com ação reparadora negativa, 4 com ação reparadora positiva;

Separando individualmente a média de recorrência de respostas por estratégia utilizada em cada questionário, temos a representação gráfica:

Figura 5 - Ilustração autoral da média de recorrência de respostas por questionário



Fonte: autoria própria.

Agora que representamos visualmente estas informações, vale apresentarmos nossas considerações pessoais sobre os questionários.

Nos surpreendeu a quantidade de respostas sem ação reparadora (36), sendo boa parte delas (10) proferidas por dois respondentes do sexo masculino. Considerando o número de respondentes (11), somente 26 respostas sem ação reparadora serem proferidas por mulheres, revela que apesar da maioria das participantes serem do sexo feminino, a ausência de ações reparadoras está distribuída de maneira significativa entre os homens. Isso nos sugere que o gênero pode sim influenciar na forma como se responde a situações de assédio.

Desta consideração anterior, se faz evidente a diferença absurda no uso de respostas com ação reparadora negativa, que por sua vez, das 40 respostas registradas somente 4 ocorrências se deram pelo sexo masculino, evidenciando a presença permissiva das mulheres nesse tipo de resposta e que pode estar relacionada a uma maior preocupação com a própria Face.

Inferimos, através do apresentado acima, que culturalmente, mulheres tendem a ser mais cobradas quanto à empatia, à delicadeza e à adequação de suas falas, o que pode levá-las a assumir uma carga maior de responsabilidade —

mesmo em situações nas quais não deveriam. Já nos homens, respostas mais ríspidas ou evasivas muitas vezes são naturalizadas, sob o argumento de que “homem é assim mesmo”, reforçando uma permissividade que contribui para a manutenção de comportamentos pouco empáticos. Essa diferença evidencia não apenas um padrão comunicativo, mas uma estrutura desigual de expectativas sociais que molda profundamente o modo como homens e mulheres se posicionam diante do outro.

Percebemos, mesmo com a baixa participação masculina neste trabalho - para a comparação efetiva -, que a mulher mesmo sendo, por vezes, atacada, ofendida, agarrada, puxada, forçada a ter um contato, ela quase pede um “desculpas” para dizer “não”, para impor o mínimo de respeito. De onde que vem esse comportamento? do medo de piorar a situação? de não saber como lidar com a insistência? O uso excessivo da ação reparadora com condicionalismos, com desculpas ou deferimentos, é o reflexo de como a mulher vive acuada socialmente e em constante vigilância de preservar sua Face.

Recentemente tivemos acesso à um livro da autora Marcela Ceribelli (2022), e para nossa surpresa, o livro traz em um de seus momentos o reflexo da dificuldade da mulher se impor no meio social, inclusive para manifestar seus sentimentos:

Existe essa estúpida e falsa ideia de que somos biologicamente mais capazes de expressar, gerenciar e dialogar sobre nossas emoções do que os homens. Obviamente, algumas pessoas têm essa habilidade mais desenvolvida, mas pressupor que seja algo naturalmente feminino é um grande erro. (Ceribelli, 2022, p. 88 - 89)

Além do mais, a autoras traz o relato e a reflexão de que:

Muitas mulheres, independentemente da profissão, adotam “meias-palavras” como forma de aplacar o receio de desagradar ou soar grosseira. Pedir desculpas demais, uma modéstia desproporcional receber elogios e até um exagero na fofura de um e-mail que carrega notícias não tão boas são algumas das muletas que muitas de nós usamos para soarmos mais suaves, menos agressivas e exigentes. Ou seja, um jeito de pedir licença para falar e pedir algo que um homem provavelmente diria de maneira clara e simples.

Como gestora de uma equipe quase 100% feminina, observo diariamente a cilada da mulher boazinha as sabotar no ambiente de trabalho. Vejo que muitas vezes aceitam mais demandas do que conseguem dar conta por medo de dizer “não”, evitam pedir ajuda para que não achem que não são a pessoa certa para a vaga, tapam buracos de outros por medo de não parecer uma excelente colega de trabalho e passam muito mais tempo que o necessário relendo e-mails conversei de suar em grossas (eu também!).

Há, inclusive, um estudo da Universidade de Waterloo, no Canadá, que descobriu que “as mulheres têm um limite inferior para o que constitui comportamento ofensivo, por isso são mais propensas a ver necessidade de um pedido de desculpas em situações cotidianas. Ser vista como Rude ou grossa é tão repugnante para as mulheres que precisamos nos tornar menos intrusivas antes mesmo de falarmos”. (Ceribelli, 2022, p. 91)

Apresentado a reflexão acima, vale ressaltar que na estratégia de compensação negativa “Ao minimizar suas capacidades e a importância que atribui às suas opiniões, o falante minimiza também a ameaça que sua Dissensão poderia parecer ao outro.” (Meireles, 1999, p. 159), desta forma, entendemos as respostas *on record* com reparação negativa como tentativa de buscar estratégias de “desculpas” para justificar o “não querer” visando minimizar o risco das Faces envolvidas e evitar conflitos maiores, visto que a atitude de preservar os “mecanismos de suavização que dão ao destinatário uma ‘saída’, uma linha de fuga para salvar as aparências, permitindo que ele sinta que sua resposta não é coagida.”²⁸ (Brown; Levinson, 1987, p. 70).

Referente às respostas com estratégias de compensação positiva e as *off record*, não se dá para estabelecer um parâmetro com as informações que temos, pois são poucas respostas coletadas e de um grupo demasiadamente pequeno, assim, qualquer inferência a partir delas exigiria uma amostra mais robusta e diversificada, além de que sempre devemos avaliar a situação em contexto exato e nos policiarmos para não julgar antes de conhecer os reais motivos pelos quais os outros optam pelo silêncio ou por ser assertivo em sua Dissensão. Além do mais, o contexto e a interação estão em constante movimento hierárquico para que as relações humanas se concretizem.

Ademais, considerando que “Os meios não verbais como entonação e prosódia também assumem um papel importante para a expressão de dissensão” (Schröder; Lage, 2014, p. 171) e não temos acesso a isso, nosso trabalho se limita à escrita e a nossas interpretações quanto às respostas, que por vezes, quando lidas por outras pessoas podem soar com outras interpretações, visto que somos idiossincráticos. Dito isso, assumimos que a maioria das respostas podem ter uma interpretação ambígua, pois analisamos com base no material que temos em mãos

²⁸ No original: mechanisms that give the addressee an ‘out’, a face-saving line of escape, permitting him to feel that his response is not coerced.

no momento, entretanto temos consciência que se alterar a prosódia de alguma questão, ela poderá soar de outra maneira e se encaixar em outra classificação.

4 CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa foi analisar como respondentes reagiriam, em linguagem escrita, a situações hipotéticas de comunicação em que ocorressem Atos Ameaçadores à Face (FTA's), especialmente em contextos marcados por relações de poder ou violência simbólica. Utilizamos a Teoria da Polidez de Brown e Levinson (1987) para classificar essas respostas dentro dos modos de polidez negativa, positiva, *off record*, ou mesmo da impolidez.

Durante as análises, enfrentamos o desafio metodológico de interpretar respostas escritas desvinculadas de um contexto interacional real. A ausência de dados situacionais — como expressões faciais, tom de voz, postura corporal e outros elementos não verbais — limitou a compreensão completa das intenções comunicativas. Reconhecemos que tais elementos poderiam alterar significativamente a interpretação dos enunciados, o que indica a possibilidade de novas análises sob outras abordagens metodológicas.

Além disso, o tempo restrito para a coleta e a ausência de registros em áudio comprometeram, em certa medida, a espontaneidade das respostas. Aspectos subjetivos, como aparência física, entonação e linguagem corporal, que influenciam fortemente interações reais, não puderam ser considerados. Portanto, nossas interpretações foram realizadas com base no conhecimento atual, não excluindo a possibilidade de releituras futuras sob novas perspectivas.

Infelizmente, tivemos vários obstáculos pessoais ao decorrer de 2024 que afetaram significativamente em nossa pesquisa, como: troca de objeto e tema de pesquisa; perda de dados; perda de 90% de nosso trabalho após a qualificação; além de problemas de saúde de ambos pesquisadores.

Por estarmos em prorrogação, não conseguimos contemplar o fator idade como um viés para análise de respostas, entretanto, em um estudo futuro, pretendemos englobar não somente a idade, como o gênero - já que neste trabalho contemplamos somente o sexo - e o ambiente social ao qual os indivíduos se desenvolveram, para que possamos entender os fatores socioculturais e o meio ao qual produziu o ato dissensivo.

Quanto à elaboração do questionário, identificamos três principais limitações: primeiro, a falta de adaptação da linguagem de todas as questões de forma

ambígua, abrangendo tanto homens quanto mulheres, o que gerou certa inconsistência na leitura das atitudes propostas; segundo, a não inclusão de situações envolvendo diversidade racial, **orientação sexual ou nacionalidade, fatores que poderiam influenciar significativamente as respostas**; e terceiro, a ausência de cenários envolvendo relações hierárquicas de maior poder, como entre pais e filhos, ou outras situações delicadas como assédio entre cônjuges ou parentes próximos.

Reconhecemos também que o questionário não contemplou variações no contexto, como a presença de um acompanhante masculino de porte atlético, o que poderia modificar as respostas dadas, já que, socialmente, a presença masculina é frequentemente percebida como um fator de proteção para mulheres em espaços públicos. Essa ausência evidencia o desafio maior de compreender as respostas dentro da complexidade das interações sociais e culturais em que ocorrem.

Nas respostas analisadas, **um participante optou por não realizar o FTA**, o que evidenciou a ambiguidade do silêncio em contextos de dissensão: dependendo do contexto, o silêncio pode ser interpretado como um “não”, um “sim” ou até uma forma de empatia passiva. Além disso, o silêncio pode refletir desinteresse, desconforto ou o desejo de não manter diálogo com o falante.

Observamos também que a dificuldade em expressar uma negativa está relacionada não apenas à gravidade da situação, mas à formação cultural e social dos indivíduos. No cenário envolvendo a figura do chefe, as mulheres demonstraram maior cautela ao recusar as ações propostas, indicando que a posição hierárquica influencia diretamente a construção da negativa. Quanto mais inferior a posição social, maior a necessidade de adaptação aos padrões esperados de comportamento, o que pode levar ao uso de estratégias mitigadoras e ao apagamento da vontade própria.

Algumas respostas sugeriram que fora do ambiente profissional a hierarquia social se dilui, possibilitando maior conforto para expressar opiniões reais. Além disso, no cenário que exigia sororidade feminina, constatamos que todos os respondentes afirmaram que interviriam em prol da próxima, o que revela um fortalecimento dos laços entre mulheres e uma crescente consciência coletiva sobre a importância do apoio mútuo. A sororidade, portanto, aparece como uma prática

capaz de romper o ciclo histórico de silêncio e omissão diante da violência de gênero.

Concluimos que esta pesquisa evidencia a necessidade de refletir sobre como aspectos sociais e culturais moldam nossas respostas diante do outro, e como essas dinâmicas podem, ou não, gerar mudanças concretas no ambiente coletivo. Apesar das limitações metodológicas, a investigação contribui para compreender como o “não” — mesmo que expresso por escrito — pode se manifestar de forma direta, mitigada ou silenciada, dependendo do contexto e da posição social do enunciador.

Por fim, reforçamos que, independentemente do contexto ou das circunstâncias — seja pela roupa, pelo estado alterado do agressor ou pela invasão de espaço —, o assédio é inaceitável e deve ser reconhecido como tal.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. T.; ALMEIDA, M. S.; CARVALHO, A. P. D. A relevância da lei 13.718/2018, seus impactos nos casos de revenge porn e a preservação ao princípio da dignidade da pessoa humana. **Revista Jurídica Luso-Brasileira**, n. 5, 2020. Disponível em: https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2020/5/2020_05_1807_1834.pdf. Acesso em: 26 nov. 2024.
- ARANTES, N. Pequena história do Carnaval no Brasil. **Revista Portal de Divulgação**, n. 29, 2013. ISSN 2178-3454. Disponível em: <https://revistalongeviver.com.br/anteriores/index.php/revistaportal/article/viewFile/327/327>. Acesso em: 03 fev. 2025.
- ARRUDA, M. P. M. **A petição no processo judicial cível: pedido ou exigência? uma discussão a partir da teoria da polidez de Brown e Levinson**. Curitiba, 2010. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná - Curitiba. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/26059>. Acesso em: 25 jan. 2025.
- AZUMA, S. O. **As estratégias de atos diretivos no ambiente corporativo na língua portuguesa falada na região de Curitiba e na língua japonesa falada por expatriados**. Curitiba, 2014. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Paraná - Curitiba. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/handle/1884/36147>. Acesso em: 24 fev. 2025.
- BARIFOUSE, R. Da janela do sobrado a donas da folia: como as mulheres driblaram o machismo na história do Carnaval. **BBC News Brasil**. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cyjkrydpv11o>. Acesso em: 25 nov. 2024.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais envolvendo seres humanos. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html. Acesso em: 19 ago. 2025.
- BRASIL. Ministério das Mulheres e Universidade de Brasília lançam curso para implementação do Protocolo “Não é Não”. **Governo do Brasil**, 16 maio 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/noticias/2025/maio/ministerio-das-mulheres-e-unb-lancam-curso-para-implementacao-do-protocolo-nao-e-nao>. Acesso em: 26 ago. 2025.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. **Politeness: some universals in language use**. New York: Cambridge, 1987.
- CERIBELLI, M. **Aurora: o despertar da mulher exausta**. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2022.
- DIAS, L. S. **Estratégias de polidez linguística na formulação de pedidos e ordens contextualizados: um estudo contrastivo entre o português curitibano e**

o espanhol montevidense. Curitiba, 2010, 224 f. Tese (Pós-Graduação em letras). Universidade Federal do Paraná. Curitiba: setembro de 2010. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24943> Acesso em: 11 nov. 2024.

GERMANO, I. O Carnaval no Brasil: da origem européia à festa nacional. **Caravelle** (1988-). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Publicado por: Presses Universitaires du Midi, n° 73, 1999, p. 131–145. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/40854710> Acesso em: 11 nov. 2024.

GRICE, P. Lógica e Conversação. In: DASCAL, Marcelo (ed.). **Fundamentos metodológicos da lingüística: problemas, críticas, perspectivas da linguística.** Tradução: João Wanderlei Geraldi. São Paulo: UNICAMP, p. 81 - 103, 1982 [1975].

MEIRELES, S. M. **Estratégia para manutenção de uma boa interação linguística: Dissensão e trabalho de Face em diálogos do Alemão.** São Paulo: editora Humanitas - USP, 1999. ISBN 85-86087-72-6.

"NÃO É NÃO!" avança e se transforma em organização contra o assédio. **Diário de Pernambuco**, 2024. Disponível em: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/vidaurbana/2024/06/nao-e-nao-avanca-e-se-transforma-em-organizacao-contra-o-assedio.html> Acesso em: 11 dez. 2025.

ND+. **Não é Não: coletivo lança campanha contra assédio no Carnaval em SC.** Florianópolis, 15 fev. 2023. Disponível em: <https://ndmais.com.br/cultura/nao-e-nao-coletivo-lanca-campanha-contra-assedio-no-carnaval-em-sc/> Acesso em: 26 ago. 2025.

PINTO, C. R. J.. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, v. 18, n. 36, p. 15–23, jun. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200003> Acesso em: 10 fev. 2025.

SANTOS, S. L. dos. **A Interpretação da Piada na Perspectiva da Teoria da Relevância.** Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná, 2009. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/23417> Acesso em: 09 out. 2024.

SANTOS, T. Carnaval: vamos falar sobre assédio? 'Não é não'. **Jornal Estado de Minas.** Minas Gerais: Belo Horizonte, 2023. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/saude-e-bem-viver/2023/02/17/interna_bem_viver,1458742/carnaval-vamos-falar-sobre-assedio-nao-e-nao.shtml Acesso em: 25 nov. 2024.

SCHRÖDER, U. A.; LAGE, C. V Estratégias de polidez em momentos de dissensão: análise de uma interação entre estudantes brasileiros e alemães. **Revista de Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 153–179, 2014. DOI: 10.17851/2237-2083.22.1.153-179. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/28586> Acesso em: 26 fev. 2025.

SOUZA, L. M. de; PAGANI, L. A. **Para conhecer Pragmática.** São Paulo: Editora Contexto, 2022.

VIEIRA, L. G. 'Não é Não': criação de protocolo ajuda a combater assédio a mulheres. **Consultor Jurídico.** São Paulo: São Paulo, 2023. Disponível em:

<https://www.conjur.com.br/2023-dez-30/nao-e-nao-criacao-de-protocolo-ajuda-a-combater-assedio-a-mulheres/> Acesso em: 11 dez. 2024.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DA PESQUISA EM FORMATO *WORD*.

“NÃO É NÃO: CARNAVAL SEM ASSÉDIO”

Dados do participante

Sexo: () Masculino () Feminino Idade: () 17 – 25 anos () 26 – 49 anos () Mais de 50 anos

Indique sua área de estudo na universidade: _____

Instruções:

- Por favor, antes de escrever suas respostas, leia com atenção os dados de cada uma das situações e imagine que elas ocorreram com você.
- Responda de forma natural, sem se importar com o tamanho de sua resposta
- Utilize respostas que se lembre ter usado ou ter visto alguém usar em situações semelhantes da vida real.
- Não tenha medo de usar “palavras feias” ou “incorretas”.
- Procure imaginar as expressões de dúvida, surpresa, desapontamento, ou qualquer outra sensação que apareceriam em sua resposta ao realizá-la de forma oral. Tente expressar essas sensações em sua resposta escrita com sinais de exclamação, pausas, hesitações, repetições, etc., de forma que esta seja o mais próximo possível da fala natural.

MUITO OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO!



Durante o Carnaval de 2024 várias cidades brasileiras adotaram a campanha “Não é não” para combater o comportamento abusivo, discriminatório e preconceituoso contra mulheres. A campanha visava enfatizar a importância do respeito à mulher em eventos carnavalescos.

(Slogan do Estado de Sergipe, 2024)

Cenário 1 – Carnaval de rua

Você está se divertindo com os amigos no Carnaval de rua de uma cidade do Nordeste, onde dezenas de pessoas dançam ao som de um Trio Elétrico. De repente um desconhecido te segura pelo braço e tenta te forçar a dançar com ele. Você diz ao desconhecido:

Cenário 2 – Carnaval de rua

Você está se divertindo muito com tua amiga no bloquinho. Ela te pede ajuda e você percebe que ela está um pouco alterada pelo consumo de bebida alcoólica e que um desconhecido está tentando puxá-la. Sabendo que ela não quer esse contato físico com esse desconhecido e que está alterada, você diz a ele:

Cenário 3 - Carnaval de rua

Suponhamos que esse desconhecido seja insistente e siga você e tua amiga por um tempo. Já que não conseguiu nada com sua amiga, ele te puxa pelo braço e te oferece uma bebida, você nega. Passado um tempo ele tenta te tirar para dançar e roubar um beijo o qual você não quer que aconteça. Você diz:

Cenário 4 - Carnaval de rua

Suponhamos que você tenha bebido um pouco no bloquinho e não foi afetada a sua lucidez. Seu namorado se julga mais “sóbrio” e te puxa para o canto para forçar uma relação sexual a qual você não consente. Você diz:

Cenário 5 - Carnaval em um clube

Você está dançando em um baile de carnaval no clube da tua cidade com seus amigos. De repente o chefe da seção (departamento ou escritório) da empresa em que você trabalha se aproxima e te convida para dançar. Você não está nem um pouco a fim de dançar com ele. Você diz ao chefe:

Cenário 6 - Carnaval em um clube

Nesse mesmo baile de carnaval da tua cidade uma pessoa mais jovem que você te convida para dançar. Você também não está a fim de dançar com ela. Você diz ao jovem:

Cenário 7 - Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o chefe. Durante a dança ele te convida

para jantar em um restaurante ali perto que ele conhece. Você não tem a intenção de ir jantar com o chefe. Você diz a ele:

Cenário 8 - Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o jovem. Durante a dança ele te convida para tomar um drink no apartamento dele. Você não está a fim de sair do baile. Você diz:

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIOS RESPONDIDOS

Figura B.1 - Questionário 1, frente e verso.

①

“NÃO É NÃO: CARNAVAL SEM ASSÉDIO”

Dados do participante

Sexo: () Masculino (X) Feminino Idade: () 17 – 25 anos () 26 – 49 anos (X) Mais de 50 anos

Indique sua área de estudo na universidade: Letras Português/Espanhol

Instruções:

- Por favor, antes de escrever suas respostas, leia com atenção os dados de cada uma das situações e imagine que elas ocorreram com você.
- Responda de forma natural, sem se importar com o tamanho de sua resposta
- Utilize respostas que se lembre ter usado ou ter visto alguém usar em situações semelhantes da vida real.
- Não tenha medo de usar “palavras feias” ou “incorretas”.
- Procure imaginar as expressões de dúvida, surpresa, desapontamento, ou qualquer outra sensação que apareceriam em sua resposta ao realizá-la de forma oral. Tente expressar essas sensações em sua resposta escrita com sinais de exclamação, pausas, hesitações, repetições, etc., de forma que esta seja o mais próximo possível da fala natural.

MUITO OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO!



Durante o Carnaval de 2024 várias cidades brasileiras adotaram a campanha “Não é não” para combater o comportamento abusivo, discriminatório e preconceituoso contra mulheres. A campanha visava enfatizar a importância do respeito à mulher em eventos carnavalescos.

(Slogan do Estado de Sergipe, 2024)

Cenário 1 – Carnaval de rua

Você está se divertindo com os amigos no Carnaval de rua de uma cidade do Nordeste, onde dezenas de pessoas dançam ao som de um Trio Elétrico. De repente um desconhecido te segura pelo braço e tenta te forçar a dançar com ele. Você diz ao desconhecido:

Que não quero dançar com ele, e que estou me divertindo com meus amigos.

Cenário 2 – Carnaval de rua

Você está se divertindo muito com tua amiga no bloquinho. Ela te pede ajuda e você percebe que ela está um pouco alterada pelo consumo de bebida alcoólica e que um desconhecido está tentando puxá-la. Sabendo que ela não quer esse contato físico com esse desconhecido e que está alterada, você diz a ele:

Que ela não está bem e que vou leva-la embora, e se ele insistir chamo a polícia.

Cenário 3 – Carnaval de rua

Suponhamos que esse desconhecido seja insistente e siga você e tua amiga por um tempo. Já que não conseguiu nada com sua amiga, ele te puxa pelo braço e te oferece uma bebida, você nega. Passado um tempo ele tenta te tirar para dançar e roubar um beijo o qual você não quer que aconteça.

Você diz:

Estou ligando para a polícia, conar de-

Cenário 4 – Carnaval de rua

Suponhamos que você tenha bebido um pouco no bloquinho e não foi afetada a sua lucidez. Teu namorado se julga mais “sóbrio” e te puxa para o canto para forçar uma relação sexual a qual você não consente. Você diz:

Para com isso o que está pensando.

Cenário 5 – Carnaval em um clube

Você está dançando em um baile de carnaval no clube da tua cidade com teus amigos. De repente o chefe da secção (departamento ou escritório) da empresa em que você trabalha se aproxima e te convida para dançar. Você não está nem um pouco a fim de dançar com ele.

Você diz ao chefe:

Chefe aqui não é a empresa, estou dançando com meus amigos..

Cenário 6 – Carnaval em um clube

Nesse mesmo baile de carnaval da tua cidade uma pessoa mais jovem que você te convida para dançar. Você também não está a fim de dançar com ela. Você diz ao jovem:

Não obrigada estou com meus amigos.

Cenário 7 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o chefe. Durante a dança ele te convida para jantar em um restaurante ali perto que ele conhece. Você não tem a intenção de ir jantar com o chefe. Você diz a ele:

Não obrigada já jantei.

Cenário 8 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o jovem. Durante a dança ele te convida para tomar um drink no apartamento dele. Você não está a fim de sair do baile. Você diz:

Não.

Figura B.2 - Questionário 2, frente e verso.

“NÃO É NÃO: CARNAVAL SEM ASSÉDIO” ②

Dados do participante

Sexo: () Masculino (X) Feminino Idade: () 17 – 25 anos (X) 26 – 49 anos () Mais de 50 anos

Indique sua área de estudo na universidade: Letras

Instruções:

- Por favor, antes de escrever suas respostas, leia com atenção os dados de cada uma das situações e imagine que elas ocorreram com você.
- Responda de forma natural, sem se importar com o tamanho de sua resposta
- Utilize respostas que se lembre ter usado ou ter visto alguém usar em situações semelhantes da vida real.
- Não tenha medo de usar “palavras feias” ou “incorretas”.
- Procure imaginar as expressões de dúvida, surpresa, desapontamento, ou qualquer outra sensação que apareceriam em sua resposta ao realizá-la de forma oral. Tente expressar essas sensações em sua resposta escrita com sinais de exclamação, pausas, hesitações, repetições, etc., de forma que esta seja o mais próximo possível da fala natural.

MUITO OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO!



Durante o Carnaval de 2024 várias cidades brasileiras adotaram a campanha “Não é não” para combater o comportamento abusivo, discriminatório e preconceituoso contra mulheres. A campanha visava enfatizar a importância do respeito à mulher em eventos carnavalescos.

(Slogan do Estado de Sergipe, 2024)

Cenário 1 – Carnaval de rua

Você está se divertindo com os amigos no Carnaval de rua de uma cidade do Nordeste, onde dezenas de pessoas dançam ao som de um Trio Elétrico. De repente um desconhecido te segura pelo braço e tenta te forçar a dançar com ele. Você diz ao desconhecido:

não! me solta!

Cenário 2 – Carnaval de rua

Você está se divertindo muito com tua amiga no bloquinho. Ela te pede ajuda e você percebe que ela está um pouco alterada pelo consumo de bebida alcoólica e que um desconhecido está tentando puxá-la. Sabendo que ela não quer esse contato físico com esse desconhecido e que está alterada, você diz a ele:

não quero! solicito que solte minha amiga! se for necessario, irei chamar a policia!

Cenário 3 – Carnaval de rua

Suponhamos que esse desconhecido seja insistente e siga você e tua amiga por um tempo. Já que não conseguiu nada com sua amiga, ele te puxa pelo braço e te oferece uma bebida, você nega. Passado um tempo ele tenta te tirar para dançar e roubar um beijo o qual você não quer que aconteça.

Você diz:

Sai da aqui!

Cenário 4 – Carnaval de rua

Suponhamos que você tenha bebido um pouco no bloquinho e não foi afetada a sua lucidez. Seu namorado se julga mais “sóbrio” e te puxa para o canto para forçar uma relação sexual a qual você não consente. Você diz:

não gosto disso. Prefiro que você me leve para casa.

Cenário 5 – Carnaval em um clube

Você está dançando em um baile de carnaval no clube da tua cidade com seus amigos. De repente o chefe da seção (departamento ou escritório) da empresa em que você trabalha se aproxima e te convida para dançar. Você não está nem um pouco a fim de dançar com ele.

Você diz ao chefe:

não. Obrigada, a colega do outro setor quer dançar. Chame ela.

Cenário 6 – Carnaval em um clube

Nesse mesmo baile de carnaval da tua cidade uma pessoa mais jovem que você te convida para dançar. Você também não está a fim de dançar com ela. Você diz ao jovem:

não gosto de dançar! Obrigada!

Cenário 7 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o chefe. Durante a dança ele te convida para jantar em um restaurante ali perto que ele conhece. Você não tem a intenção de ir jantar com o chefe. Você diz a ele:

Desculpe. Quero jantar em minha mesa.

Cenário 8 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o jovem. Durante a dança ele te convida para tomar um drink no apartamento dele. Você não está a fim de sair do baile. Você diz:

não quero ir! Obrigada.

Figura B.3 - Questionário 3, frente e verso.

3

“NÃO É NÃO: CARNAVAL SEM ASSÉDIO”

Dados do participante

Sexo: () Masculino ☒ Feminino Idade: () 17 – 25 anos ☒ 26 – 49 anos () Mais de 50 anos

Indique sua área de estudo na universidade: Petrópolis - Português / Espanhol

Instruções:

- Por favor, antes de escrever suas respostas, leia com atenção os dados de cada uma das situações e imagine que elas ocorreram com você.
- Responda de forma natural, sem se importar com o tamanho de sua resposta
- Utilize respostas que se lembre ter usado ou ter visto alguém usar em situações semelhantes da vida real.
- Não tenha medo de usar “palavras feias” ou “incorretas”.
- Procure imaginar as expressões de dúvida, surpresa, desapontamento, ou qualquer outra sensação que apareceriam em sua resposta ao realizá-la de forma oral. Tente expressar essas sensações em sua resposta escrita com sinais de exclamação, pausas, hesitações, repetições, etc., de forma que esta seja o mais próximo possível da fala natural.

MUITO OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO!



Durante o Carnaval de 2024 várias cidades brasileiras adotaram a campanha “Não é não” para combater o comportamento abusivo, discriminatório e preconceituoso contra mulheres. A campanha visava enfatizar a importância do respeito à mulher em eventos carnavalescos.

(Slogan do Estado de Sergipe, 2024)

Cenário 1 – Carnaval de rua

Você está se divertindo com os amigos no Carnaval de rua de uma cidade do Nordeste, onde dezenas de pessoas dançam ao som de um Trio Elétrico. De repente um desconhecido te segura pelo braço e tenta te forçar a dançar com ele. Você diz ao desconhecido:

Sai daqui!

Cenário 2 – Carnaval de rua

Você está se divertindo muito com tua amiga no bloquinho. Ela te pede ajuda e você percebe que ela está um pouco alterada pelo consumo de bebida alcoólica e que um desconhecido está tentando puxá-la. Sabendo que ela não quer esse contato físico com esse desconhecido e que está alterada, você diz a ele:

Ela não pode ficar com você agora!

Cenário 3 – Carnaval de rua

3

Suponhamos que esse desconhecido seja insistente e siga você e tua amiga por um tempo. Já que não conseguiu nada com sua amiga, ele te puxa pelo braço e te oferece uma bebida, você nega. Passado um tempo ele tenta te tirar para dançar e roubar um beijo o qual você não quer que aconteça.

Você diz:

Vou chamar a polícia porque é assédio!

Cenário 4 – Carnaval de rua

Suponhamos que você tenha bebido um pouco no bloquinho e não foi afetada a sua lucidez. Teu namorado se julga mais “sóbrio” e te puxa para o canto para forçar uma relação sexual a qual você não consente. Você diz:

Não vou fazer isso aqui agora.

Cenário 5 – Carnaval em um clube

Você está dançando em um baile de carnaval no clube da tua cidade com teus amigos. De repente o chefe da seção (departamento ou escritório) da empresa em que você trabalha se aproxima e te convida para dançar. Você não está nem um pouco a fim de dançar com ele.

Você diz ao chefe:

Não quero dançar com você agora!

Cenário 6 – Carnaval em um clube

Nesse mesmo baile de carnaval da tua cidade uma pessoa mais jovem que você te convida para dançar. Você também não está a fim de dançar com ela. Você diz ao jovem:

Não quero dançar!

Cenário 7 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o chefe. Durante a dança ele te convida para jantar em um restaurante ali perto que ele conhece. Você não tem a intenção de ir jantar com o chefe. Você diz a ele:

Não! Já tenho outro compromisso e tenho namorado.

Cenário 8 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o jovem. Durante a dança ele te convida para tomar um drink no apartamento dele. Você não está a fim de sair do baile. Você diz:

Não quero ir, não te conheço direito!

Figura B.4 - Questionário 4, frente e verso.

4

“NÃO É NÃO: CARNAVAL SEM ASSÉDIO”

Dados do participante

Sexo: () Masculino (X) Feminino Idade: () 17 – 25 anos (X) 26 – 49 anos () Mais de 50 anos

Indique sua área de estudo na universidade: Letras Português / Espanhol

Instruções:

- Por favor, antes de escrever suas respostas, leia com atenção os dados de cada uma das situações e imagine que elas ocorreram com você.
- Responda de forma natural, sem se importar com o tamanho de sua resposta
- Utilize respostas que se lembre ter usado ou ter visto alguém usar em situações semelhantes da vida real.
- Não tenha medo de usar “palavras feias” ou “incorretas”.
- Procure imaginar as expressões de dúvida, surpresa, desapontamento, ou qualquer outra sensação que apareceriam em sua resposta ao realizá-la de forma oral. Tente expressar essas sensações em sua resposta escrita com sinais de exclamação, pausas, hesitações, repetições, etc., de forma que esta seja o mais próximo possível da fala natural.

MUITO OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO!



Durante o Carnaval de 2024 várias cidades brasileiras adotaram a campanha “Não é não” para combater o comportamento abusivo, discriminatório e preconceituoso contra mulheres. A campanha visava enfatizar a importância do respeito à mulher em eventos carnavalescos.

(Slogan do Estado de Sergipe, 2024)

Cenário 1 – Carnaval de rua

Você está se divertindo com os amigos no Carnaval de rua de uma cidade do Nordeste, onde dezenas de pessoas dançam ao som de um Trio Elétrico. De repente um desconhecido te segura pelo braço e tenta te forçar a dançar com ele. Você diz ao desconhecido:

Para! me solta.

Cenário 2 – Carnaval de rua

Você está se divertindo muito com tua amiga no bloquinho. Ela te pede ajuda e você percebe que ela está um pouco alterada pelo consumo de bebida alcoólica e que um desconhecido está tentando puxá-la. Sabendo que ela não quer esse contato físico com esse desconhecido e que está alterada, você diz a ele:

Não está vendo como ela está? Poderia deixá-la em paz?

Cenário 3 – Carnaval de rua

Suponhamos que esse desconhecido seja insistente e siga você e tua amiga por um tempo. Já que não conseguiu nada com sua amiga, ele te puxa pelo braço e te oferece uma bebida, você nega. Passado um tempo ele tenta te tirar para dançar e roubar um beijo o qual você não quer que aconteça.

Você diz:

Você está louco? Saia de perto de mim e de minha amiga.

Cenário 4 – Carnaval de rua

Suponhamos que você tenha bebido um pouco no bloquinho e não foi afetada a sua lucidez. Seu namorado se julga mais “sóbrio” e te puxa para o canto para forçar uma relação sexual a qual você não consente. Você diz:

não quero. Respeita.

Cenário 5 – Carnaval em um clube

Você está dançando em um baile de carnaval no clube da tua cidade com seus amigos. De repente o chefe da seção (departamento ou escritório) da empresa em que você trabalha se aproxima e te convida para dançar. Você não está nem um pouco a fim de dançar com ele.

Você diz ao chefe:

Obrigada! não quero dançar hoje.

Cenário 6 – Carnaval em um clube

Nesse mesmo baile de carnaval da tua cidade uma pessoa mais jovem que você te convida para dançar. Você também não está a fim de dançar com ela. Você diz ao jovem:

Obrigada! não quero dançar hoje.

Cenário 7 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o chefe. Durante a dança ele te convida para jantar em um restaurante ali perto que ele conhece. Você não tem a intenção de ir jantar com o chefe. Você diz a ele:

Obrigada! Hoje irei jantar em casa.

Cenário 8 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o jovem. Durante a dança ele te convida para tomar um drink no apartamento dele. Você não está a fim de sair do baile. Você diz:

Obrigada! Irei ficar aqui mais um pouco depois vou para minha casa.

Figura B.5 - Questionário 5, frente e verso.

5

“NÃO É NÃO: CARNAVAL SEM ASSÉDIO”

Dados do participante

Sexo: () Masculino (x) Feminino Idade: (x) 17 – 25 anos () 26 – 49 anos () Mais de 50 anos

Indique sua área de estudo na universidade: Licenciatura em Letras Português e Espanhol

Instruções:

- Por favor, antes de escrever suas respostas, leia com atenção os dados de cada uma das situações e imagine que elas ocorreram com você.
- Responda de forma natural, sem se importar com o tamanho de sua resposta
- Utilize respostas que se lembre ter usado ou ter visto alguém usar em situações semelhantes da vida real.
- Não tenha medo de usar “palavras feias” ou “incorretas”.
- Procure imaginar as expressões de dúvida, surpresa, desapontamento, ou qualquer outra sensação que apareceriam em sua resposta ao realizá-la de forma oral. Tente expressar essas sensações em sua resposta escrita com sinais de exclamação, pausas, hesitações, repetições, etc., de forma que esta seja o mais próximo possível da fala natural.

MUITO OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO!



Durante o Carnaval de 2024 várias cidades brasileiras adotaram a campanha “Não é não” para combater o comportamento abusivo, discriminatório e preconceituoso contra mulheres. A campanha visava enfatizar a importância do respeito à mulher em eventos carnavalescos.

(Slogan do Estado de Sergipe, 2024)

Cenário 1 – Carnaval de rua

Você está se divertindo com os amigos no Carnaval de rua de uma cidade do Nordeste, onde dezenas de pessoas dançam ao som de um Trio Elétrico. De repente um desconhecido te segura pelo braço e tenta te forçar a dançar com ele. Você diz ao desconhecido:

"-Me solta, eu nem te conheço. Mas respeito por favor!"

Cenário 2 – Carnaval de rua

Você está se divertindo muito com tua amiga no bloquinho. Ela te pede ajuda e você percebe que ela está um pouco alterada pelo consumo de bebida alcoólica e que um desconhecido está tentando puxá-la. Sabendo que ela não quer esse contato físico com esse desconhecido e que está alterada, você diz a ele:

"Da licença, espero que tenha percebido que ela não está em condições!"

Cenário 3 – Carnaval de rua

Suponhamos que esse desconhecido seja insistente e siga você e tua amiga por um tempo. Já que não conseguiu nada com sua amiga, ele te puxa pelo braço e te oferece uma bebida, você nega. Passado um tempo ele tenta te tirar para dançar e roubar um beijo o qual você não quer que aconteça.

Você diz:

- "Se você não me largar vou chamar a polícia. Já falei que não quero!"

Cenário 4 – Carnaval de rua

Suponhamos que você tenha bebido um pouco no bloquinho e não foi afetada a sua lucidez. Seu namorado se julga mais "sóbrio" e te puxa para o canto para forçar uma relação sexual a qual você não consente. Você diz:

- "Essa sua atitude não me agradou!"

Cenário 5 – Carnaval em um clube

Você está dançando em um baile de carnaval no clube da tua cidade com seus amigos. De repente o chefe da seção (departamento ou escritório) da empresa em que você trabalha se aproxima e te convida para dançar. Você não está nem um pouco a fim de dançar com ele.

Você diz ao chefe:

- "Seu desculpas, mas não estou afim".

Cenário 6 – Carnaval em um clube

Nesse mesmo baile de carnaval da tua cidade uma pessoa mais jovem que você te convida para dançar. Você também não está a fim de dançar com ela. Você diz ao jovem:

- "Espero que entenda, mas hoje não vai rolar".

Cenário 7 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o chefe. Durante a dança ele te convida para jantar em um restaurante ali perto que ele conhece. Você não tem a intenção de ir jantar com o chefe. Você diz a ele:

- "Deixamos para um outro momento, hoje não quero!"

Cenário 8 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o jovem. Durante a dança ele te convida para tomar um drink no apartamento dele. Você não está a fim de sair do baile. Você diz:

- "Ainda quero curtir mais aqui!"

Figura B.6 - Questionário 6, frente e verso.

6

“NÃO É NÃO: CARNAVAL SEM ASSÉDIO”

Dados do participante

Sexo: () Masculino ☒ Feminino Idade: ☒ 17 – 25 anos () 26 – 49 anos () Mais de 50 anos

Indique sua área de estudo na universidade: Literatura Brasileira

Instruções:

- Por favor, antes de escrever suas respostas, leia com atenção os dados de cada uma das situações e imagine que elas ocorreram com você.
- Responda de forma natural, sem se importar com o tamanho de sua resposta
- Utilize respostas que se lembre ter usado ou ter visto alguém usar em situações semelhantes da vida real.
- Não tenha medo de usar “palavras feias” ou “incorretas”.
- Procure imaginar as expressões de dúvida, surpresa, desapontamento, ou qualquer outra sensação que apareceriam em sua resposta ao realizá-la de forma oral. Tente expressar essas sensações em sua resposta escrita com sinais de exclamação, pausas, hesitações, repetições, etc., de forma que esta seja o mais próximo possível da fala natural.

MUITO OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO!



Durante o Carnaval de 2024 várias cidades brasileiras adotaram a campanha “Não é não” para combater o comportamento abusivo, discriminatório e preconceituoso contra mulheres. A campanha visava enfatizar a importância do respeito à mulher em eventos carnavalescos.

(Slogan do Estado de Sergipe, 2024)

Cenário 1 – Carnaval de rua

Você está se divertindo com os amigos no Carnaval de rua de uma cidade do Nordeste, onde dezenas de pessoas dançam ao som de um Trio Elétrico. De repente um desconhecido te segura pelo braço e tenta te forçar a dançar com ele. Você diz ao desconhecido:

Me solte maluco

Cenário 2 – Carnaval de rua

Você está se divertindo muito com tua amiga no bloquinho. Ela te pede ajuda e você percebe que ela está um pouco alterada pelo consumo de bebida alcoólica e que um desconhecido está tentando puxá-la. Sabendo que ela não quer esse contato físico com esse desconhecido e que está alterada, você diz a ele:

Sei o que quer, mas não quero o poluê

Cenário 3 – Carnaval de rua

6

Suponhamos que esse desconhecido seja insistente e siga você e tua amiga por um tempo. Já que não conseguiu nada com sua amiga, ele te puxa pelo braço e te oferece uma bebida, você nega. Passado um tempo ele tenta te tirar para dançar e roubar um beijo o qual você não quer que aconteça.

Você diz:

Se encostar em mim de novo vou fazer um xixãozinho

Cenário 4 – Carnaval de rua

Suponhamos que você tenha bebido um pouco no bloquinho e não foi afetada a sua lucidez. Seu namorado se julga mais “sóbrio” e te puxa para o canto para forçar uma relação sexual a qual você não consente. Você diz:

Vai se foder, não, não quero

Cenário 5 – Carnaval em um clube

Você está dançando em um baile de carnaval no clube da tua cidade com seus amigos. De repente o chefe da seção (departamento ou escritório) da empresa em que você trabalha se aproxima e te convida para dançar. Você não está nem um pouco a fim de dançar com ele.

Você diz ao chefe:

Não quero e não te dei liberdade para isso.

Cenário 6 – Carnaval em um clube

Nesse mesmo baile de carnaval da tua cidade uma pessoa mais jovem que você te convida para dançar. Você também não está a fim de dançar com ela. Você diz ao jovem:

Não, valeu

Cenário 7 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o chefe. Durante a dança ele te convida para jantar em um restaurante ali perto que ele conhece. Você não tem a intenção de ir jantar com o chefe. Você diz a ele:

Não quero jantar

Cenário 8 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o jovem. Durante a dança ele te convida para tomar um drink no apartamento dele. Você não está a fim de sair do baile. Você diz:

Não, estou gostando aqui

Figura B.7 - Questionário 7, frente e verso.

“NÃO É NÃO: CARNAVAL SEM ASSÉDIO”

7

Dados do participante

Sexo: () Masculino (X) Feminino Idade: (X) 17 – 25 anos () 26 – 49 anos () Mais de 50 anos

Indique sua área de estudo na universidade: Linguística, Letras e Literatura

Instruções:

- Por favor, antes de escrever suas respostas, leia com atenção os dados de cada uma das situações e imagine que elas ocorreram com você.
- Responda de forma natural, sem se importar com o tamanho de sua resposta
- Utilize respostas que se lembre ter usado ou ter visto alguém usar em situações semelhantes da vida real.
- Não tenha medo de usar “palavras feias” ou “incorretas”.
- Procure imaginar as expressões de dúvida, surpresa, desapontamento, ou qualquer outra sensação que apareceriam em sua resposta ao realizá-la de forma oral. Tente expressar essas sensações em sua resposta escrita com sinais de exclamação, pausas, hesitações, repetições, etc., de forma que esta seja o mais próximo possível da fala natural.

MUITO OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO!



Durante o Carnaval de 2024 várias cidades brasileiras adotaram a campanha “Não é não” para combater o comportamento abusivo, discriminatório e preconceituoso contra mulheres. A campanha visava enfatizar a importância do respeito à mulher em eventos carnavalescos.

(Slogan do Estado de Sergipe, 2024)

Cenário 1 – Carnaval de rua

Você está se divertindo com os amigos no Carnaval de rua de uma cidade do Nordeste, onde dezenas de pessoas dançam ao som de um Trio Elétrico. De repente um desconhecido te segura pelo braço e tenta te forçar a dançar com ele. Você diz ao desconhecido:

Sai pra lá, não quero!

Cenário 2 – Carnaval de rua

Você está se divertindo muito com tua amiga no bloquinho. Ela te pede ajuda e você percebe que ela está um pouco alterada pelo consumo de bebida alcoólica e que um desconhecido está tentando puxá-la. Sabendo que ela não quer esse contato físico com esse desconhecido e que está alterada, você diz a ele:

Tá ficando maluco? Sai fora imbecil!

Cenário 3 – Carnaval de rua

Suponhamos que esse desconhecido seja insistente e siga você e tua amiga por um tempo. Já que não conseguiu nada com sua amiga, ele te puxa pelo braço e te oferece uma bebida, você nega. Passado um tempo ele tenta te tirar para dançar e roubar um beijo o qual você não quer que aconteça.

Você diz:

Eu continuo com isso vou chamar a polícia.

Cenário 4 – Carnaval de rua

Suponhamos que você tenha bebido um pouco no bloquinho e não foi afetada a sua lucidez. Teu namorado se julga mais “sóbrio” e te puxa para o canto para forçar uma relação sexual a qual você não consente. Você diz:

Eu não quero agora.

Cenário 5 – Carnaval em um clube

Você está dançando em um baile de carnaval no clube da tua cidade com seus amigos. De repente o chefe da seção (departamento ou escritório) da empresa em que você trabalha se aproxima e te convida para dançar. Você não está nem um pouco a fim de dançar com ele.

Você diz ao chefe:

Não, obrigada! Estou acompanhada e vou comprometida.

Cenário 6 – Carnaval em um clube

Nesse mesmo baile de carnaval da tua cidade uma pessoa mais jovem que você te convida para dançar. Você também não está a fim de dançar com ela. Você diz ao jovem:

Não, valeu! Estou de boa.

Cenário 7 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o chefe. Durante a dança ele te convida para jantar em um restaurante ali perto que ele conhece. Você não tem a intenção de ir jantar com o chefe. Você diz a ele:

Não, mas agradeço o convite. Tenho compromisso depois daqui!

Cenário 8 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o jovem. Durante a dança ele te convida para tomar um drink no apartamento dele. Você não está a fim de sair do baile. Você diz:

Não, obrigada pelo convite.

Figura B.8 - Questionário 8, frente e verso.

“NÃO É NÃO: CARNAVAL SEM ASSÉDIO”

Dados do participante

Sexo: () Masculino (X) Feminino Idade: () 17 – 25 anos (X) 26 – 49 anos () Mais de 50 anos

Indique sua área de estudo na universidade: _____

Instruções:

- Por favor, antes de escrever suas respostas, leia com atenção os dados de cada uma das situações e imagine que elas ocorreram com você.
- Responda de forma natural, sem se importar com o tamanho de sua resposta
- Utilize respostas que se lembre ter usado ou ter visto alguém usar em situações semelhantes da vida real.
- Não tenha medo de usar “palavras feias” ou “incorretas”.
- Procure imaginar as expressões de dúvida, surpresa, desapontamento, ou qualquer outra sensação que apareceriam em sua resposta ao realizá-la de forma oral. Tente expressar essas sensações em sua resposta escrita com sinais de exclamação, pausas, hesitações, repetições, etc., de forma que esta seja o mais próximo possível da fala natural.

MUITO OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO!



Durante o Carnaval de 2024 várias cidades brasileiras adotaram a campanha “Não é não” para combater o comportamento abusivo, discriminatório e preconceituoso contra mulheres. A campanha visava enfatizar a importância do respeito à mulher em eventos carnavalescos.

(Slogan do Estado de Sergipe, 2024)

Cenário 1 – Carnaval de rua

Você está se divertindo com os amigos no Carnaval de rua de uma cidade do Nordeste, onde dezenas de pessoas dançam ao som de um Trio Elétrico. De repente um desconhecido te segura pelo braço e tenta te forçar a dançar com ele. Você diz ao desconhecido:

meço pode fazer o favor de me soltar, não dei essa intimidade

Cenário 2 – Carnaval de rua

Você está se divertindo muito com tua amiga no bloquinho. Ela te pede ajuda e você percebe que ela está um pouco alterada pelo consumo de bebida alcoólica e que um desconhecido está tentando puxá-la. Sabendo que ela não quer esse contato físico com esse desconhecido e que está alterada, você diz a ele:

meço, ela não está bem. é preciso ela daquele espaço

Cenário 3 – Carnaval de rua

8

Suponhamos que esse desconhecido seja insistente e siga você e tua amiga por um tempo. Já que não conseguiu nada com sua amiga, ele te puxa pelo braço e te oferece uma bebida, você nega. Passado um tempo ele tenta te tirar para dançar e roubar um beijo o qual você não quer que aconteça.

Você diz:

Chamo um segurança ou alguém para te tirar
tira o corpo próximo da gente. Ele tem pedida no local
você vai polícia.

Cenário 4 – Carnaval de rua

Suponhamos que você tenha bebido um pouco no bloquinho e não foi afetada a sua lucidez. Seu namorado se julga mais “sóbrio” e te puxa para o canto para forçar uma relação sexual a qual você não consente. Você diz:

me recuso eu fui a relação e termine o namoro.

Cenário 5 – Carnaval em um clube

Você está dançando em um baile de carnaval no clube da tua cidade com seus amigos. De repente o chefe da seção (departamento ou escritório) da empresa em que você trabalha se aproxima e te convida para dançar. Você não está nem um pouco a fim de dançar com ele.

Você diz ao chefe:

não, e me culpe do local.

Cenário 6 – Carnaval em um clube

Nesse mesmo baile de carnaval da tua cidade uma pessoa mais jovem que você te convida para dançar. Você também não está a fim de dançar com ela. Você diz ao jovem:

volte não e chame o esposo.

Cenário 7 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o chefe. Durante a dança ele te convida para jantar em um restaurante ali perto que ele conhece. Você não tem a intenção de ir jantar com o chefe. Você diz a ele:

não, obrigada!

Cenário 8 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o jovem. Durante a dança ele te convida para tomar um drink no apartamento dele. Você não está a fim de sair do baile. Você diz:

Hoje não estou aqui.

Figura B.9 - Questionário 9, frente e verso.

“NÃO É NÃO: CARNAVAL SEM ASSÉDIO” 9

Dados do participante

Sexo: ☒ Masculino () Feminino Idade: () 17 – 25 anos ☒ 26 – 49 anos () Mais de 50 anos

Indique sua área de estudo na universidade: Artes, português e Espanhol

Instruções:

- Por favor, antes de escrever suas respostas, leia com atenção os dados de cada uma das situações e imagine que elas ocorreram com você.
- Responda de forma natural, sem se importar com o tamanho de sua resposta
- Utilize respostas que se lembre ter usado ou ter visto alguém usar em situações semelhantes da vida real.
- Não tenha medo de usar “palavras feias” ou “incorretas”.
- Procure imaginar as expressões de dúvida, surpresa, desapontamento, ou qualquer outra sensação que apareceriam em sua resposta ao realizá-la de forma oral. Tente expressar essas sensações em sua resposta escrita com sinais de exclamação, pausas, hesitações, repetições, etc., de forma que esta seja o mais próximo possível da fala natural.

MUITO OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO!



Durante o Carnaval de 2024 várias cidades brasileiras adotaram a campanha “Não é não” para combater o comportamento abusivo, discriminatório e preconceituoso contra mulheres. A campanha visava enfatizar a importância do respeito à mulher em eventos carnavalescos.

(Slogan do Estado de Sergipe, 2024)

Cenário 1 – Carnaval de rua

Você está se divertindo com os amigos no Carnaval de rua de uma cidade do Nordeste, onde dezenas de pessoas dançam ao som de um Trio Elétrico. De repente um desconhecido te segura pelo braço e tenta te forçar a dançar com ele. Você diz ao desconhecido:

*Daí maluco, cara! nem te conheço, seu filho da puta. mete o pé que vou chamar a polícia...
Secorio!!!*

Cenário 2 – Carnaval de rua

Você está se divertindo muito com tua amiga no bloquinho. Ela te pede ajuda e você percebe que ela está um pouco alterada pelo consumo de bebida alcoólica e que um desconhecido está tentando puxá-la. Sabendo que ela não quer esse contato físico com esse desconhecido e que está alterada, você diz a ele:

Cai fora, cara! minha amiga veio comigo e vai voltar comigo. Vaza, seu babaca.

Cenário 3 – Carnaval de rua

Suponhamos que esse desconhecido seja insistente e siga você e tua amiga por um tempo. Já que não conseguiu nada com sua amiga, ele te puxa pelo braço e te oferece uma bebida, você nega. Passado um tempo ele tenta te tirar para dançar e roubar um beijo o qual você não quer que aconteça.

Você diz:

já deu, vai agora daqui ou vou gritar pa
ocorro e chamar a polícia ou um ordinário

Cenário 4 – Carnaval de rua

Suponhamos que você tenha bebido um pouco no bloquinho e não foi afetada a sua lucidez. Seu namorado se julga mais “sóbrio” e te puxa para o canto para forçar uma relação sexual a qual você não consente. Você diz:

para eu não quero e não vou fazer nada!

Cenário 5 – Carnaval em um clube

Você está dançando em um baile de carnaval no clube da tua cidade com seus amigos. De repente o chefe da seção (departamento ou escritório) da empresa em que você trabalha se aproxima e te convida para dançar. Você não está nem um pouco a fim de dançar com ele.

Você diz ao chefe:

não, obrigada. Estou acompanhada.

Cenário 6 – Carnaval em um clube

Nesse mesmo baile de carnaval da tua cidade uma pessoa mais jovem que você te convida para dançar. Você também não está a fim de dançar com ela. Você diz ao jovem:

não estou afim, vaza daqui.

Cenário 7 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o chefe. Durante a dança ele te convida para jantar em um restaurante ali perto que ele conhece. Você não tem a intenção de ir jantar com o chefe. Você diz a ele:

não posso tenho compromisso

Cenário 8 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o jovem. Durante a dança ele te convida para tomar um drink no apartamento dele. Você não está a fim de sair do baile. Você diz:

vaza

Figura B.10 - Questionário 10, frente e verso.

“NÃO É NÃO: CARNAVAL SEM ASSÉDIO”

10

Dados do participante

Sexo: ☒ Masculino () Feminino Idade: () 17 – 25 anos ☒ 26 – 49 anos () Mais de 50 anos

Indique sua área de estudo na universidade: RAAP e sua inserção na educação

Instruções:

- Por favor, antes de escrever suas respostas, leia com atenção os dados de cada uma das situações e imagine que elas ocorreram com você.
- Responda de forma natural, sem se importar com o tamanho de sua resposta
- Utilize respostas que se lembre ter usado ou ter visto alguém usar em situações semelhantes da vida real.
- Não tenha medo de usar “palavras feias” ou “incorretas”.
- Procure imaginar as expressões de dúvida, surpresa, desapontamento, ou qualquer outra sensação que apareceriam em sua resposta ao realizá-la de forma oral. Tente expressar essas sensações em sua resposta escrita com sinais de exclamação, pausas, hesitações, repetições, etc., de forma que esta seja o mais próximo possível da fala natural.

MUITO OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO!



Durante o Carnaval de 2024 várias cidades brasileiras adotaram a campanha “Não é não” para combater o comportamento abusivo, discriminatório e preconceituoso contra mulheres. A campanha visava enfatizar a importância do respeito à mulher em eventos carnavalescos.

(Slogan do Estado de Sergipe, 2024)

Cenário 1 – Carnaval de rua

Você está se divertindo com os amigos no Carnaval de rua de uma cidade do Nordeste, onde dezenas de pessoas dançam ao som de um Trio Elétrico. De repente um desconhecido te segura pelo braço e tenta te forçar a dançar com ele. Você diz ao desconhecido:

não

Cenário 2 – Carnaval de rua

Você está se divertindo muito com tua amiga no bloquinho. Ela te pede ajuda e você percebe que ela está um pouco alterada pelo consumo de bebida alcoólica e que um desconhecido está tentando puxá-la. Sabendo que ela não quer esse contato físico com esse desconhecido e que está alterada, você diz a ele:

não force a barra, estamos juntos, aleluia!

Cenário 3 – Carnaval de rua

Suponhamos que esse desconhecido seja insistente e siga você e tua amiga por um tempo. Já que não conseguiu nada com sua amiga, ele te puxa pelo braço e te oferece uma bebida, você nega. Passado um tempo ele tenta te tirar para dançar e roubar um beijo o qual você não quer que aconteça.

Você diz:

Eu deslignar a polio

Cenário 4 – Carnaval de rua

Suponhamos que você tenha bebido um pouco no bloquinho e não foi afetada a sua lucidez. Teu namorado se julga mais “sóbrio” e te puxa para o canto para forçar uma relação sexual a qual você não consente. Você diz:

Me N/A

Cenário 5 – Carnaval em um clube

Você está dançando em um baile de carnaval no clube da tua cidade com teus amigos. De repente o chefe da seção (departamento ou escritório) da empresa em que você trabalha se aproxima e te convida para dançar. Você não está nem um pouco a fim de dançar com ele.

Você diz ao chefe:

meo quao dançar

Cenário 6 – Carnaval em um clube

Nesse mesmo baile de carnaval da tua cidade uma pessoa mais jovem que você te convida para dançar. Você também não está a fim de dançar com ela. Você diz ao jovem:

meo quao dançar

Cenário 7 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o chefe. Durante a dança ele te convida para jantar em um restaurante ali perto que ele conhece. Você não tem a intenção de ir jantar com o chefe. Você diz a ele:

meo tenho intenção de jantar

Cenário 8 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o jovem. Durante a dança ele te convida para tomar um drink no apartamento dele. Você não está a fim de sair do baile. Você diz:

meo estou de m do bar

Figura B.11 - Questionário 11, frente e verso.

(11)

“NÃO É NÃO: CARNAVAL SEM ASSÉDIO”

Dados do participante

Sexo: () Masculino (X) Feminino Idade: () 17 – 25 anos (X) 26 – 49 anos () Mais de 50 anos

Indique sua área de estudo na universidade: Letras Português / Espanhol

Instruções:

- Por favor, antes de escrever suas respostas, leia com atenção os dados de cada uma das situações e imagine que elas ocorreram com você.
- Responda de forma natural, sem se importar com o tamanho de sua resposta
- Utilize respostas que se lembre ter usado ou ter visto alguém usar em situações semelhantes da vida real.
- Não tenha medo de usar “palavras feias” ou “incorretas”.
- Procure imaginar as expressões de dúvida, surpresa, desapontamento, ou qualquer outra sensação que apareceriam em sua resposta ao realizá-la de forma oral. Tente expressar essas sensações em sua resposta escrita com sinais de exclamação, pausas, hesitações, repetições, etc., de forma que esta seja o mais próximo possível da fala natural.

MUITO OBRIGADA POR SUA COLABORAÇÃO!



Durante o Carnaval de 2024 várias cidades brasileiras adotaram a campanha “Não é não” para combater o comportamento abusivo, discriminatório e preconceituoso contra mulheres. A campanha visava enfatizar a importância do respeito à mulher em eventos carnavalescos.

(Slogan do Estado de Sergipe, 2024)

Cenário 1 – Carnaval de rua

Você está se divertindo com os amigos no Carnaval de rua de uma cidade do Nordeste, onde dezenas de pessoas dançam ao som de um Trio Elétrico. De repente um desconhecido te segura pelo braço e tenta te forçar a dançar com ele. Você diz ao desconhecido:

Sai fora.

Cenário 2 – Carnaval de rua

Você está se divertindo muito com tua amiga no bloquinho. Ela te pede ajuda e você percebe que ela está um pouco alterada pelo consumo de bebida alcoólica e que um desconhecido está tentando puxá-la. Sabendo que ela não quer esse contato físico com esse desconhecido e que está alterada, você diz a ele:

Deixa a minha amiga em paz!

Cenário 3 – Carnaval de rua

Suponhamos que esse desconhecido seja insistente e siga você e tua amiga por um tempo. Já que não conseguiu nada com sua amiga, ele te puxa pelo braço e te oferece uma bebida, você nega. Passado um tempo ele tenta te tirar para dançar e roubar um beijo o qual você não quer que aconteça.

Você diz:

Não me encosta. me deixa em paz

Cenário 4 – Carnaval de rua

Suponhamos que você tenha bebido um pouco no bloquinho e não foi afetada a sua lucidez. Teu namorado se julga mais “sóbrio” e te puxa para o canto para forçar uma relação sexual a qual você não consente. Você diz:

Aqui não. Não é a fim.

Cenário 5 – Carnaval em um clube

Você está dançando em um baile de carnaval no clube da tua cidade com teus amigos. De repente o chefe da secção (departamento ou escritório) da empresa em que você trabalha se aproxima e te convida para dançar. Você não está nem um pouco a fim de dançar com ele.

Você diz ao chefe:

Eu não gosto de me envolver com colegas de trabalho.

Cenário 6 – Carnaval em um clube

Nesse mesmo baile de carnaval da tua cidade uma pessoa mais jovem que você te convida para dançar. Você também não está a fim de dançar com ela. Você diz ao jovem:

Sou muito mais velha que você. Procura alguém da minha idade.

Cenário 7 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o chefe. Durante a dança ele te convida para jantar em um restaurante ali perto que ele conhece. Você não tem a intenção de ir jantar com o chefe. Você diz a ele:

Não. Obrigada.

Cenário 8 – Carnaval em um clube

Suponhamos que você aceitou dançar com o jovem. Durante a dança ele te convida para tomar um drink no apartamento dele. Você não está a fim de sair do baile. Você diz:

Não quero.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Observação: esta respondente identificou-se pelo nome e, por questões éticas, omitimos esse dado.